UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NUCLEO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE MESTRADO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA

A PALAVRA E O LUGAR DA CURA

História Oral com Rezadeiras

Maria Cristiane Pereira de Souza

Porto Velho – 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NUCLEO DE CIENCIA E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE MESTRADO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA

A PALAVRA E O LUGAR DA CURA

História Oral com Rezadeiras

ORIENTANDA: **MARIA CRISTIANE PEREIRA DE SOUZA**
ORIENTADOR: PROF. DR. NILSON SANTOS

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO PROGRAMA DA PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA, DO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA, PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM GEOGRAFIA.

Porto Velho, 2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

913 Souza, Maria Cristiane Pereira.
S725p

A palavra e o lugar da cura: história oral / Maria Cristiane Pereira Souza. – Porto Velho, 2008.
p. 193

Mestrado (Dissertação).- Universidade Federal de Rondônia - UNIR, 2008.
Orientação Prof. Dr. Nilson Santos
Departamento de Geografia

1. Geografia 2. Rezadeiras 3. Identidade 4. Lugar I. Título II. Santos, Nilson.

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Joelma Gil CRB 11/575

A PALAVRA E O LUGAR DA CURA

História Oral com Rezadeiras

AGRADECIMENTO

Dizem que uma coisa é certeza nesta vida: a morte. Mas podemos acrescentar a injustiça nas notas de agradecimentos. Ao relacionarmos o primeiro nome já seremos injustos com os que serão com certeza esquecidos na seqüência. Uma razão para isto é que devo tanto a tantos. Quando optamos por uma longa lista de pessoas e instituições pecamos pelo descritério. Um problema ainda maior é que podemos deixar de agradecer às pessoas a quem mais devemos. Outra forma é optarmos pelos agradecimentos genéricos hipocritamente democráticos.

Então, com esta injusta clareza sem superação, opto pela listagem de alguns nomes, mas, deixando um especial agradecimento aos *esquecidos* e não menos merecidos colaboradores.

As colaboradoras**: MARIA DAS GRAÇAS, CARLOTA,**
MARIA DE JESUS, RAIMUNDA e FRANCISCA;
As Professoras **FABÍOLA HOLANDA,**
MARIA DAS GRAÇAS SILVA E IVONETE TAMBORIL
Aos professores **CARLOS SANTOS,**
NILSON SANTOS e ALBERTO CALDAS;
As instituições **FACULDADE DE TEOLOGIA METODISTA e UNIR;**
As amigas **ROSA**, **AVACIR, MILENA e NILZA;**
Aos amigos do Centro de Hermenêutica do Presente: **MÁRCIA, DEYVESSON,**
EDNÉIA, ARIANA, VANESSA E XÊNIA.

RESUMO

O presente trabalho buscou refletir sobre experiências as narradas numa percepção dos processos identitários e do lugar das rezadeiras em Porto Velho. Foram entrevistadas cinco rezadeiras que se identificavam como católicas e tinham o reconhecimento da comunidade na prática de rezas.

Esses cinco textos compõem o corpo desta dissertação construída com base nos procedimentos da História Oral, que nos permite uma outra compreensão acerca das experiências de vida das rezadeiras no lugar.

Os textos produzidos evidenciaram os aspectos subjetivos das experiências narradas, da atuação das rezadeiras no sagrado, entre as tradições e as novas experiências religiosas na cidade, suas visões de mundo e percepções do lugar da benzeção.

PALAVRAS-CHAVE: experiência, identidade e lugar.

ABSTRACT

The present paper searched to reflect about narrated experiences in a perception of the identified processes and the place of the *rezadeiras* in Porto Velho. Four *rezadeiras* have been interviewed and they identified themselves as catholic and had the recognition of the community in the practical of their prayers. These four texts compose the body of this dissertation constructed on the basis of the *Oral History* procedures that allows us one another understanding concerning the experiences about life of the *rezadeiras* in the place.

The produced texts has evidenced the subjective aspects of the narrated experiences, the performance of the *rezadeiras* in the sacred between the traditions and the new experiences religious in the city, their view of world and perceptions of the place of the praying.

Key word: experience, identity and place.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 11

PARTE I 15

EXPERIÊNCIAS DE CAMPO E LEITURAS 15

Fragmentos de uma leitora: algumas leituras de pesquisas realizadas sobre a temática....16
História Oral e Geografia....22
Memória e Identidade 28
Geografia, Cotidiano e Lugar....35
O lugar da Pesquisa....39
Caderno de Campo....46
Sobre a Elaboração dos Textos....59

PARTE II 63

TEXTOS 63

RAIMUNDA OLIVEIRA....63
FRANCISCA DE OLIVEIRA MAIA....76
CARLOTA DE SENA PEREIRA....81
MARIA DAS GRAÇAS DA SILVA....103
MARIA DE JESUS SARMENTO....119

PARTE III 133

INTERPRETAÇÃO 133

RAIMUNDA OLIVEIRA-INTERPRETAÇÃO....133
FRANCISCA MAIA - INTERPRETAÇÃO....144
CARLOTA DE SENA PEREIRA- INTERPRETAÇÃO....149
MARIA DAS GRAÇAS – INTERPRETAÇÃO....165
MARIA DE JESUS - INTERPRETAÇÃO....172
O LUGAR DA BENZEÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES....180

BIBLIOGRAFIA 191

APRESENTAÇÃO

Gostaria de iniciar esta apresentação partindo da idéia proposta no título dessa dissertação *A Palavra e o Lugar da Cura* que traz em si um interesse antigo. O que sempre me intrigou no estudo do humano diz respeito à dimensão da interação humana no papel criacional do seu lugar; o jeito como o humano torna o mundo inteligível e como nesse mesmo processo as coisas criadas ultrapassam o criador, retornando sobre as suas próprias condições humanas de existência para reproduz-las. Esses processos de interpretações acontecem pelas palavras. Não é possível a realidade sem a palavra, o discurso. Além de serem significantes, as palavras interpretam, significam, expressam o mundo em que vivemos. Somos invocados incessantemente à tarefa de interpretar, e assim, por trás de toda fala está o ato de dotar o mundo de significado.

Daí a possibilidade aberta nessa pesquisa: numa abordagem geográfica da palavra e do lugar. É por meio da compreensão dos nossos discursos sobre as realidades que vivenciamos no lugar que temos como referência de pertença, que se torna possível captar os sentidos que atribuímos aos lugares em nossas vidas.

Esta pesquisa foi margeada pelos limites ligados às experiências das rezadeiras e da própria pesquisadora, que vos escreve, sendo o material um resultado do processo de individuação da vivência relacional. As análises estão pautadas na trajetória intelectual muito singular e assumem contornos e conteúdos possibilitados pelas narrativas de rezadeiras que expuseram sua maneira singular de ver o mundo, suas convicções, suas práticas, seus interesses e esperanças.

As rezadeiras agem de acordo com a consciência elaborada no interior da coletividade cultural. Esta vivência singular tem seus discursos baseados em certas condições sociais objetivas que permitem a ação desses indivíduos na sociedade. Então, esta subjetividade é resultado do sistema de significações sociais, em que produzem indivíduos articulados uns aos outros de maneira que percebem o mundo e se articulam como tecido social. O sistema de significados

sociais produz aquilo que acontece conosco, quando sonhamos, quando devaneamos e assim por diante.

Para essa pesquisa a Geografia Cultural teve papel relevante, como um sub-campo da Geografia Humana, ao eleger o ser humano como centro de sua análise, por atribuir ao sujeito a função fundamental nos processos de elaboração, percepção e atuação no real. A dimensão cultural diz respeito ao nosso modo de ver e vivenciar as redes vivas de significados que torna o caos - aquilo que vem antes do nomeado - em representação manifesta na convenção social conforme a experiência no lugar comum.

Com o objetivo de conhecer os sentidos que as rezadeiras vivenciam em seu mundo, seus discursos identitários, do lugar das práticas religiosas e cotidianas, nos utilizamos da História Oral como instrumento de sondagem das dimensões das experiências figuradas em texto. A História Oral assume uma postura de democratização, no tempo em que vai ao encontro do outro, pondo em destaque identidades distintas; ao dispor-se a ouvir o outro, numa oportunidade de conhecimento mais profundo das singularidades.

A História Oral optada por nós, valoriza a experiência entendida como resultado de uma existência específica e singular. A pesquisa foi feita em processo colaborativo com as rezadeiras. Na etapa de entrevista e elaboração do texto final, construído em colaboração a partir de procedimentos de História Oral, propõe-se às entrevistas um momento reflexivo sobre a vida, sobre si e suas práticas, num reconhecimento da própria vida e do mundo em que vive.

A partir da elaboração e execução do projeto de História Oral, o caminho proposto nesta dissertação, foi compartimentado em três partes. Na primeira parte proponho uma revisão bibliográfica das pesquisas que falam sobre rezadeiras – seus avanços e limites – e a discussão da História Oral como postura ético-metodológica que torna possível articular-se a uma Geografia a partir do humano e suas inscrições no lugar. É composto ainda pelo relato do percurso teórico-geográfico através da Geografia Humanista e da Geografia Cultural e, em particular, da Geografia da Religião, a fim de evidenciar o conhecimento e as

contribuições das pesquisas já realizadas sobre a percepção do humano sobre o mundo e das experiências religiosas e de vida.

O caderno de campo que está presente nessa parte refere-se a um clássico instrumento metodológico utilizado por antropólogos, etnólogos e se presta ao uso de acordo com as várias perspectivas teóricas do pesquisador. Nessa descrição, o relato serve como instrumento de enfrentamento na construção do conhecimento e do saber como organismo interpretativo. Assim, o relato quer ir além das impressões dos contatos com as colaboradoras, quer ser um olhar atento ao diálogo com o outro, como registro das reflexões teóricas em torno da História Oral e das questões que ela incita, propondo-se a acompanhar o encadeamento entre teoria e prática.

Diante da metodologia da História Oral que evidencia o entrevistado como ponto de convergência discursiva da experiência viva, os textos das entrevistadas formam à base da pesquisa. Neles, as entrevistadas tornaram presentes suas impressões de suas experiências, identidade e tradição, aquilo que faz parte de sua memória sobre o vivido. Assim, os textos das cinco rezadeiras participantes do projeto assumem o centro da estrutura da dissertação compondo a segunda parte. É de intenção dessa pesquisa colocar os textos em local privilegiado para dispor ao leitor desta dissertação, a leitura na íntegra das narrativas escolhidas pelas colaboradoras para expressar suas experiências e verdades, de formar a fazer para si uma imagem de como gostariam de serem vistas, numa integralidade que nos possibilita uma compreensão mais profunda de suas vidas.

Entendemos que os relatos tratam de momentos narrativos, uma vida aberta em palavras: algumas breves páginas de vidas que estavam destinadas a passar ao lado de todo o discurso acadêmico. Os textos, como matéria-prima desse trabalho, têm a sua importante pela fecundidade em fazer reverberar interpretações, alargar os campos de referências, provocar múltiplas aberturas para o estabelecimento da relação dialógica entre o leitor, o texto e todos os possíveis sentidos a serem estabelecidos. E assim, chegamos ao terceiro capítulo: a interpretação. Esta pretende ampliar as percepções textuais, a fim de possibilitar a abordagem de vários aspectos e imagens textuais. Na interpretação, os textos

das colaboradoras se tornam um material generoso para analisar os cursos discursivos, resultado de singularidades construídas por meio de vivências das redes simbólicas no lugar. Assim, propomos seguir na interpretação os percursos das subjetividades singulares dessa personificação social. Interessa-nos a valorização das percepções individuais dispostas nas narrativas.

PARTE I

EXPERIÊNCIAS DE CAMPO E LEITURAS

No Curso de História Oral em junho de 1998, ministrado por José Carlos Sebe Bom Meihy, me chamou a atenção a importância dada pelo palestrante à paixão pelo assunto escolhido para a pesquisa: *além de intrigar o oralista, a temática deveria ter relação efetiva com sua experiência pessoal.* Com o interesse de pesquisar um tema tocante às experiências pessoais, a oportunidade estava dada para meu encontro com as experiências religiosas. As rezadeiras foram presença constante em momentos importantes da minha vida familiar. De origem nordestina, nosso costume era o de freqüentar rezadeiras nas ocasiões em que tinha recém-nascido em casa; ou quando se era acometido de doenças crônicas ou periódicas. Estas senhoras também eram procuradas quando surgiam problemas de ordem emocionais atribuídos a *mal olhado* ou *coisa colocada*.

Ante a essa temática realizei o trabalho monográfico na graduação de História, na Universidade Federal de Rondônia, intitulado *Vozes que curam – História Oral de Vida com benzedeiras*, que proporcionou os primeiros contatos com rezadeiras de Porto Velho, as primeiras leituras e conhecimentos de pesquisas já publicados sobre a temática. Na oportunidade que tive de cursar o mestrado de Ciências Humanas da mesma Universidade em 2000 foi outro momento de aprofundamento que me levou a querer continuar o tema. Não sendo possível concluir o mestrado por questões instituições, ingressei na primeira turma aberta pela Universidade Federal de Rondônia, no mestrado em Geografia. Foi um momento que representou novos rumos disciplinares; que possibilitou refletir com outras intensidades as narrativas das rezadeiras, diante de novas questões trazidas pelas teorias geográficas, como diferentes percepções de lugares e identidades. Assim a temática ganhou novo fôlego analítico.

Com o intuito de refletir sobre estes aspectos, propomos a dialogar com os textos de cinco rezadeiras de Porto Velho que se identificavam como católicas e tinham o reconhecimento da comunidade na prática de rezas. *O objetivo geral desta discussão é, a partir do universo das cinco narrativas, estabelecer análise das expressões de suas identidades e a perspectiva do lugar das práticas cotidianas e das relações sociais.*

Fragmentos de uma leitora: algumas leituras de pesquisas realizadas sobre a temática.

A complexidade do fenômeno religioso tem dado lugar a várias propostas explicativas, que buscam conhecer seus princípios e mecanismos de atuação. M.A. Loyola em seu trabalho *Médicos e Curandeiros: Conflito Social e Saúde* (1984) enfatiza o conhecimento medicinal familiar como resultado de uma prática experienciada, na qual são associadas, inseparavelmente, receitas de comadres, remédios caseiros, orientações ou aconselhamentos de vizinhos, diagnósticos e medicamentos dos profissionais da medicina acadêmica. Junto a essa utilização terapêutica das plantas, está a utilização de rezas e simpatias, como via de classificação das causas das doenças, tanto as causas biológicas, quanto as sobrenaturais, no caso de males, como por exemplo, *vento caído*, dentre outros.

A partir dessa leitura, verificamos uma abordagem da prática do benzimento inserido no campo teórico do folclore nacional, como conseqüência das manifestações da cultura popular, limitado à função de costumes, originado no processo de colonização. Cresceu fomentado pelo embate cultural na rusticidade das camadas pobres da população brasileira, como, índios, caboclos, negros escravos. Depois os mestiços suburbanos e a cultura urbana dos portugueses, junto ao catolicismo ritualizado dos jesuítas consolidaram esse processo.

A prática de benzimento era tolerada pelas instituições religiosas como resquícios das concepções do catolicismo popular, que abrange as experiências sobrenaturais que não necessitam de explicação, mas sim de aceitação como um

símbolo mágico-religioso. A leitura desse trabalho se encaminhou para outras questões, como: quais os percursos pelo qual uma pessoa se tornar rezadeira, e como ela entende as experiências que promoveram a manifestação de seu dom.

Frente a essas considerações, encontramos o trabalho de Alberto Quintana *A ciência da Benzedura* (1999) que amplia a discussão da benzedura[1] pelo viés antropológico. O autor discute a prática da benzedura enquanto uma atividade terapêutica realizada pela benzedeira. Esta prática da benzedura se estabelece numa relação doente e benzedor.

A benzedeira em sua prática, conforme descrição de Quintana incide num papel de intermediária entre o sagrado e o doente para a obtenção da cura num processo semelhante ao da psicanálise que por intermédio do psicanalista é feito o processo interpretativo da doença ao doente. A benzedeira, a exemplo do psicanalista, oferece a seu paciente uma explicação que se aproxima de suas próprias crenças.

Ao atribuir a causa da perda do emprego a um mau-olhado se oferece ao cliente a possibilidade de lutar contra um inimigo definido, contra uma realidade na qual ele acredita. Desse modo, o autor aproxima a prática da benzedura a das terapias numa abordagem clínica, afirmando que as mesmas realizam um trabalho eficaz para desenvolver formas de lidar com as facetas do sofrimento existências, físico, espirituais. No entanto, a explicação do esquema benzedeira-doença-doente feito por Quintana, não se propõe a intuir as visões de mundo e dos sentidos nas relações de cura geridas pelas rezadeiras em seu cotidiano.

Elda Rizzo Oliveira em *O Que é Benzeção* (1985), localiza a prática da benzeção no âmbito da medicina popular, entendida como prática subalterna frente à medicina moderna que configura o modelo dominante. Estabelece dessa forma um confronto cotidiano entre práticas de cura socialmente antagônicas, numa guerra de *competência*, em que a medicina popular ocupa as brechas do

[1] O termo benzedura aqui apresentado por Alberto Quintana ser refere à prática feita pela benzedeira com a utilização da reza e rituais para a obtenção da cura; Já Elda Rizzo Oliveira se utiliza do termo benzeção, enquanto Julio César Schweichardt chama de benzimento a mesma ação. Nos comentários das obras nesse trabalho, foi mantida a nomenclatura indicada por cada autor a fim de evidenciar a diversidade de nomes para designar o mesmo fenômeno nas várias regiões do Brasil. Este trabalho utilizar-se-á do termo benzeção, como forma de estabelecer uma nomenclatura circunstancial para bom entendimento nesse trabalho. Porém, as próprias rezadeiras não rejeitaram nenhum dos termos de tratamento aqui mencionado e convencionado.

campo de não-competência da medicina moderna. A benzeção para as rezadeiras é vista como prática complementar e/ou alternativa para o trato das doenças, enquanto a ciência médica não reconhece a existência de outras formas possíveis de lidar com a doença que não ela própria (1985: 09). Para Oliveira, neste domínio da medicina popular a rezadeira incorpora o arquétipo da guerreira profissional na medida em que é vista como um instrumento de intervenção no processo histórico-social, ainda que esta não tenha plena consciência e discernimento do seu papel (1985: 18).

Outro autor que contribuiu para ampliar a discussão da temática acerca do benzimento e que também reconhece a tensão entre a ciência médica e benzimento foi Julio César Schweichardt, em seu livro *Magia e religião na modernidade: os rezadores em Manaus* (2002). O autor tem por objetivo discutir a relação entre magia, religião e modernidade tendo como enfoque o caso dos rezadores da cidade de Manaus, tratando-os em sua subjetividade, buscando entender suas formas de perceber o mundo, descrevendo seus rituais e a historicidade do fenômeno.

Schweichardt trabalha com o conceito de catolicismo popular – enquanto práticas que surgem pela ausência dos padres, sendo assumidas por leigos para cumprir as funções do sagrado. Nesses moldes sustentou-se a concepção do benzimento, ora aprovado, com a aprovação, ora combatido pela Igreja como superstição, e, mais ainda como oposição frente à medicina que estava se firmando como uma ciência objetiva e certa para o trato das doenças. Os rezadores e rezadeiras, curandeiros e curandeiras com suas rezas contra as doenças e outros males, às vezes, também recomendando o uso de beberagem, emplastos, purgantes e chás representam práticas do passado que se baseiam na magia para produzir os seus efeitos. Segundo Schweichardt atualmente, este conflito entre Medicina e as práticas de rezadores e rezadeiras enfraqueceu porque esses homens e mulheres não representam mais uma ameaça ao processo de hegemonia do pensamento científico medicinal. Contudo, diante da presença de rezadores e rezadeiras no contexto urbano, torna-se pertinente nos questionarmos sobre a existência desses sujeitos sociais, enquanto ainda agentes

modeladores do entorno, considerando seu lugar de atuação, as formas e as intensidades de suas inserções e poderes, tendo em vista ainda, a existência de suas crenças que instauram tempos e espaços de sacralidade. A singularidade dessas subjetividades, seus medos e sonhos, sua maneira de compreender o mundo, estão presentes nas narrativas das colaboradoras[2] dessa pesquisa.

Em Geografia, a temática da experiência religiosa de indivíduos e coletividades é estudada por novas abordagens da teoria geográfica, designadas Geografia Cultural e Geografia Humanista. Tal enfoque geográfico buscou o diálogo com outras disciplinas humanas como a Antropologia, Psicologia, Sociologia a fim de ampliar as possibilidades de interpretação das realidades humanas. Gratão & Marandola chegam a afirmar que na atualidade, as disciplinas se aproximam de um entendimento mais aberto, inclusive na própria orientação de pesquisa, caminhando para uma relação mais íntima e indissociável entre elas (2003: 14).

A década de 90 surge o renascimento dos estudos culturais. Em Geografia isso ganha concretude nos estudos culturais que avançou em relação à abordagem saureana, que passa a ser vista como tradicional dentro do campo de estudo da Geografia Cultural. Décadas anteriores Carl Sauer era tido como um grande expoente e precursor dos estudos culturais e fenomenológicos na Geografia. No Brasil, a Nova Geografia Cultural desenvolvida no Núcleo de Estudos sobre Espaço e Cultura (NEPEC) se vincula a uma linha renovada da tradição saureana, sobreposta de uma forte orientação francesa, ligada a Geografia Cultural de Paul Claval (2003 e 2006). Para esse autor, a perspectiva cultural na Geografia

> *[...] está associada à experiência que os homens têm da Terra, da natureza do ambiente, estuda a maneira pela qual eles os modelam para responder às suas necessidades, seus gostos e suas aspirações e procura compreender a maneira como eles aprendem a se definir, a construir sua identidade e a se realizar (2006: 89).*

---

[2]Meihy define o colaborador como uma pessoa que tendo ciência do projeto concorda em participar dele por meio da entrevista e conferência, tendo autonomia e autoria sobre o texto gerado do processo de textualização. Tais textos são o centro na pesquisa em Historia Oral (2005: 124).

Para Claval, a abordagem temática a partir da Geografia Cultural permite repensar as categorias clássicas: a economia, a vida política e social sob o enfoque da cultura, do simbólico, do cotidiano social, ao passo que torna possível uma reflexão sobre o papel que o espaço e o meio têm na vida dos homens. Aproxima ainda a Geografia de estudos de grupos humanos se detendo nos discursos e nas representações que são apreendidos pela imaginação, pela memória, pelo pensamento, uma vez que tais representações consistem em modos de ver consolidados socialmente.

A abordagem cultural em Geografia busca apreender a realidade enquanto interpretação social. Nesses termos a cultura consiste no conjunto de componentes materiais, sociais, intelectuais e simbólicos inventados e transmitidos à coletividade. Essas séries de informações vivenciadas e acumuladas pelo grupo social na práxis como guia das ações, oferecendo sentido à existência dos grupos e suas práticas. As dimensões psicológicas, sociais, simbólicas, espaciais e a busca de sentido formam a essência dos processos das identidades culturais. A vivência individual da cultura incide no conjunto de subjetividades dispostos por cada sociedade a seus representantes.

A geógrafa Lívia de Oliveira (UNESP-Rio Claro), ligada à *Percepção e Cognição do Meio Ambiente,* à paisagem, ao lugar e à experiência, faz parte desta linha de renovação dos estudos culturais no Brasil que buscam na imaterialidade, nos sentimentos e na afetividade, a significação geográfica dos fenômenos e a essência relacional do homem e o entorno (Corrêa, 2005).

A Nova Geografia Cultural têm partidários e divulgadores no Brasil, principalmente representados pelo NEPEC, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Este núcleo coordenado pela professora Zeny Rosendahl, com a notável colaboração do professor Roberto Lobaro Corrêa (UFRJ e IGBE), tem sido referência de importantes publicações periódicas voltadas à Geografia Cultural entre elas o livro *Geografia Cultural (Corrêa, 2003)* organizado por Corrêa e os textos da referida professora intitulado *Geografia da Religião: Uma Proposição Temática (*Rosendahl, 2002*), Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise* (Rosendahl, 2003) e *O Sagrado e o Espaço* (2006). A perspectiva abordada por

Rosendahl na pesquisa geográfica está voltada para os estudos da religião em suas dimensões espaciais, enquanto proposição temática no campo da Geografia Cultural. Nesse percurso teórico, Rosendahl se filia a Geografia da Religião que tem como interesse o estudo do papel do sagrado e do profano, na organização espacial do lugar. Para Rosendahl o conceito de lugar está ligado à vivência local enquanto dimensão inteiramente familiar. A questão central da Geografia da Religião é desvendar a organização espacial do lugar sagrado, reconhecendo a ligação relacional da gênese com a dinâmica do espaço sagrado e sua recriação pela pulsação rítmica e sistemática que ocorre a cada tempo sagrado (Rosendahl, 2002: 09). Rosendahl assim comenta que

> *A fé é individualmente vivenciada de forma diversa, numa relação direta entre uma só divindade e o crente; a experiência religiosa coletiva se torna partilhada quando as crenças, as atitudes e as interpretações simbólicas adquirem uma forma comunitária (Rosendahl, 2003: 194).*

Rosendahl persegue, a partir da vivência do sentimento religioso e da identidade religiosa, o papel do sagrado na organização espacial e na relação cosmogônica da paisagem religiosa com o propósito de mostrar a dimensão espaço-tempo do lugar simbólico e de que forma a comunidade e seus indivíduos utilizam a capacidade humana de simbolizar para produzir espaços simbólicos. Sempre contundente Rosendahl evidencia que o que interessa aos geógrafos, nos estudos sobre a religião, é a análise da experiência da fé no tempo e no espaço em que ela ocorre. A autora se interessa em pesquisar a demanda de fiéis que buscam nos diversos santuários brasileiros a solução de problemas temporais como doenças, segurança econômica, emocional e harmonia afetiva. Considero que os trabalhos de Rosendahl são importantes por estabelecer essa base de diálogo teórico para o estudo da experiência religiosa como dimensão coletiva, permitindo estabelecermos aqui, neste estudo voltado à experiência religiosa na dimensão do sujeito, um espaço de diálogo com as experiências singulares de rezadeiras de Porto Velho.

A religião, na perspectiva da Geografia Cultural, possui como foco central os conceitos de sagrado e profano, conceitos tornados fundamentais com Mircea

Eliade (1962) e considerados numa abordagem geográfica por Yi-Fu Tuan (1979) e Rosendahl (1996, 1997, 1999 e 2001). Rosendahl focaliza-os a partir de um tipo particular de hierocracia, o poder do sagrado, que se manifesta espacialmente por uma organização territorial. Ao reconhecer a instituição religiosa como agente modelar do espaço torna-se necessário considerar a forma e a intensidade do poder desse agente.

Embora a Geografia Cultural e a Geografia Humanísta mantenham suas individualidades entre si, compartilham suas origens, e mantêm uma coexistência proveitosa e íntima. Seus precursores e autores são em geral os mesmos. Neste trabalho servem como lugar comum para a reunião de diversos autores além dos campos geográficos, com o intuito de dar conta da diversidade também presente nas narrativas.

História Oral e Geografia

Foi a partir desse percurso de leituras que visualizei este estudo enquanto contribuição que evidencia as diferentes construções discursivas a respeito da experiência de vida no lugar a partir do olhar do outro sobre si. Nessa perspectiva optei pelos procedimentos da História Oral com o propósito de termos acesso as narrativas do conjunto da experiência de vida de mulheres cuja característica peculiar fosse à prática do benzeção.

A História Oral específica a qual me filio está em debate e construção desde 1996 através dos grupos de estudos e pesquisa do Centro de Hermenêutica do Presente[3]. A partir desta conexão, realizei pesquisas e acompanhei outras tantas, todas com o enfoque neste fazer metodológico-disciplinar sempre tendo como espaço de atuação o lugar entorno. Desponta na discussão epistemológica sobre a História Oral, Alberto Lins Caldas (1999a,

[3] O Centro de Hermenêutica do Presente – CENHPRE, existe deste 1996. Foi fundado por professores da Universidade federal de Rondônia com o objetivo de desenvolver atividades de estudo e pesquisas acadêmicas ligados a Hermenêutica do Presente desenvolvido por Prof. Alberto Lins Caldas que propõe a estabelecer uma guerrilha teórica com o estabelecido como forma de desnaturalizar e desobjetificar o presente.

1999b, 2000 e 2001) que propõe independência a Historia Oral das disciplinas vinculadas às Ciências Humanas que a utilizam como recurso metodológico para assuntos da área. Ele alega que tal subordinação enfraquece a potência da História Oral como uma forma de enfrentamento da singularidade, do presente na perspectiva viva dos indivíduos e dos grupos sociais. A perspectiva defendida por Caldas atribui à História Oral a função de viabilizar a *compreensão do fundamento da realidade e seu funcionamento* na medida daquilo que a produz e reproduz (1999a: 49).

Porém, nessa dissertação ainda me aproximei da utilização da História Oral como metodologia na medida em que vinculo as discussões para as problemáticas do campo geográfico, devido ao percurso teórico que me propus a desenvolver no Mestrado de Geografia. Todavia, ainda considero neste trabalho alguns aspectos específicos dessa História Oral que se pretende mais que uma metodologia, na medida em que pensamos de forma ética e teórica todos os passos que compreendem o processo de elaboração e realização do projeto até a construção de uma interpretação própria; em que temos como ponto central desse estudo a narratividade vivencial, – os textos feitos a partir das experiências contadas em entrevistas (Holanda, 2006: 17). E por fim, pensar a História Oral como lócus teórico que, por meio do viés narrativo, nos faz entrar em contato com o que perfaz de mais significativo para cada um: suas experiências.

As discussões teóricas concernentes a História Oral promovidas no Centro de Hermenêutica partiram dos trabalhos desenvolvidos por José Carlos Sebe Bom Meihy (1990, 1991, 1996 e 2005) tendo presente a sua singular percepção da História Oral que se amplia para além de uma *mera prática de registros, arquivamentos ou substituição documental* (2005: 9). Meihy a define como um conjunto de procedimentos que começa com a elaboração do projeto, a definição das pessoas a serem entrevistadas, o estabelecimento de procedimentos para fazer as entrevistas e trabalhá-las por meio da *transcrição, textualização e transcriação***,** tido como um conjunto de intervenções que visa transformar a entrevista em texto aproximativo da oralidade.

Este processo visa lidar com certas imobilidades que são próprias da transferência da palavra falada à palavra escrita, assumindo conscientemente que ocorrem modificações profundas e que todo o trabalho laboral sobre os textos procura garantir as intencionalidades discursivas das colaboradoras e afastar uma pretensa pureza e fidelidade numa transcrição literal das entrevistas. A respeito disso Roland Barthes (1995), a quem certos conceitos do trabalho textual são atribuídos, propõe ao invés da fidelidade da reprodução, uma adaptação do espetáculo oral para o escrito tendo como compromisso perseguir os pretensos sentidos no discurso livre dos entrevistados. E diz mais:

> *Falamos, gravam-nos, secretárias diligentes escutam as nossas falas, depuram-nos, transcrevem-nos, fazem a pontuação, tiram um primeiro script [transcrição] que nos é submetido para que limpemos de novo antes de o entregar a publicação, ao livro, a eternidade. Não será a 'toalete do morto' que acabamos de acompanhar? Nossa fala, embalsamamo-la, tal qual uma múmia para torná-la eterna. Pois, efetivamente, é preciso durar um pouco mais do que a voz; é preciso, efetivamente, por meio da comédia do escrito, inscrever-se em algum lugar (Barthes, 1995: 9).*

Nessa descrição pungente a propósito da oralidade imolada na escrita preservada para a posteridade, Barthes evidencia o processo de passagem do oral para o escrito, que põe em movimento a *comédia do escrito*, prevendo as transformações assumidas na escrita a partir do processo de tradução do oral. Buscamos nesse trajeto técnico-teórico ter acesso às narrativas identitárias das rezadeiras, o relato dos acontecimentos marcantes na vida das narradoras, seu retrato oficial, pois, a proposta não consiste em buscar a verdade, mas sim as perspectivas dos sentidos existenciais de suas vidas. Para Meihy, a História Oral abre possibilidades para a conquista da consciência, do *eu* que se diz ao narrar sua experiência de vida e assim, dar sentido a sua existência.

Por meio da História Oral vários movimentos de minorias culturais têm encontrado lugar para acolher suas palavras, dando sentido social às experiências vividas sob diferentes circunstâncias (Meihy, 2005: 44). Na obra *Canto de Morte Kaiowá* (1991) Meihy põe em prática a modalidade da História Oral a qual milita. Trata-se da História Oral de Vida que se ocupa da *narrativa do conjunto da*

experiência de vida de uma pessoa (1996: 45). Nessa obra Meihy estuda a questão do suicídio entre os índios Kaiowá e avança na compreensão da entrevista enquanto texto ficcional. Essa criação textual tem o sentido das escolhas feitas em diálogo dos entrevistados, ou seja, o modo como delineiam os discursos que se desdobram assentados em suas experiências e memórias; todas vinculadas a seu presente e nas relações com o grupo humano.

As implicações teóricas, epistemológicas e metodológicas da História Oral dirigida à investigação geográfica estão sendo galgadas passo a passo por teses coma as de Alberto Lins Caldas *Calama: uma Comunidade no Rio Madeira* (2000) sobre a constituição do lugar a partir das narrativas dos moradores de Calama; e de Nilson Santos *Seringueiros da Amazônia: Sobreviventes da Fartura* (2002) que se propôs compreender, a partir das narrativas de seringueiros, sua singular concepção do lugar e das relações estabelecidas que edificassem no discurso produzido pela comunidade, pelo ser social e o mundo que o cerca (2002: 33). A partir da metodologia da História Oral, Santos estabeleceu contato com seringueiros que contaram suas experiências de vida ou experiências compartilhadas por sua comunidade. Histórias que os representam individualmente e que representam sua comunidade de referência, suas temporalidades e Geografias concernentes.

Esses empregos da metodologia nos instigam a considerar as possibilidades teóricas da História Oral, como procedimentos que têm como matéria principal a humanização das percepções, pois comumente estas têm sido percebidas como representações estabelecidas pelas macroestruturas sociais. A realização dessa pesquisa, a partir da História Oral, abre espaço para pensar as realidades, as singularidades e suas narrativas de experiências vivenciadas no lugar.

Bakhtin em seu livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1996) destaca a centralidade da palavra na vida do homem. Segundo ele, a palavra constitui o material da linguagem interior e da consciência. Além de ser elemento privilegiado da comunicação na vida cotidiana e de acompanhar toda criação ideológica, a palavra esta presente em todos os atos de compreensão e de interpretação. Para

este autor, a palavra tem sempre sentido ideológico ou vivencial, se relaciona totalmente com o contexto e carrega um conjunto de significados que socialmente foram dados a ela. Não pronunciamos ou escutamos palavras, mas sim, verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc (1996: 95). A palavra caracteriza-se pela polissemia e por ser atravessada pela presença vivencial e histórica, por conter todos os fios ideológicos que a tecem. Dessa maneira, uma mesma palavra assume diferentes significados ao longo de sua história e depende diretamente do contexto em que é enunciada e dos sentidos dados pelo sujeito.

Ao prestarmos atenção ao que nos falam, as palavras vão ganhando formas e paisagens em nossa imaginação. Vamos devaneando, pois tais imagens encontram em nós sentidos, esboçamos reações, desencadeamos em nós, repercussões ideológicas concernentes à vida, faz parte do nosso *estar no mundo*. Bakhtin considera a palavra como

> *[...] a arena onde se confrontam os valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema: comunidade semiótica e classe social não se recobrem. A comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder etc (1996: 14).*

A palavra resulta em um lugar de debate construído na interação verbal com o outro onde ocorre de maneira privilegiada as disputas dos conflitos sociais, tendo como base a identidade e a palavra do outro segundo seus valores sociais. Não nos interessa a voz, a fluidez do oral, o som da fala. A História Oral busca a narrativa que o outro escolhei para dizer seu mundo e suas experiências. Nesse sentido, nos aproximamos de uma Geografia da palavra, cujo status teórico e empírico se estrutura em torno de um fazer teórico-metodológico, a História Oral, como enfrentamento da singularidade enquanto texto e contexto, constitutivos da interioridade e da experiência no lugar. Esse fazer geográfico solicita uma postura de transversalidade metodológica que faz uso de outras orientações teóricas e outros modos de proceder, que oportuniza uma concepção integral do outro na

medida dos textos de suas experiências, nos insere na percepção densa de suas vidas e singularidades.

Esse trabalho compõe um entendimento dessas experiências constituídas colaborativamente em texto, e, portanto, especialmente significativas para um pensar geográfico tendo como base a experiência do humano e suas inscrições no lugar. A experiência humana, por um lado, envolve os desejos, as realizações, as frustrações, a vivência específica e singular no aprendizado da vida de qualquer pessoa; por outro, implica numa construção histórica, social e cultural, compartilhada com o grupo humano. Esse predicado da vivência relacional tem uma grande influência na *socialização* da experiência religiosa. José Severino Croatto (2001) um fenomenólogo da religião afirma que a experiência humana predispõe a manifesta-se*, e o faz por meio da palavra, da práxis sócio-histórica, da cultura, da arte e de quantos outros instrumentos de comunicação que ela possa encontrar*. Entre essas expressões Croatto insere a experiência religiosa, ao passo que sendo toda a vivência é relacional, a vivência religiosa equivalentemente relacional põe a realidade humana em ligação com o transcendente.

Esse contato com as experiências do outro nos move a dar continuidade a elas dentro de nós mesmos ou trocar com os nossos pares. Vale aqui lembrar os conselhos de Walter Benjamin (1987) segundo o qual a transmissão da narrativa das experiências de pessoa para pessoa converte-se em situações propícias para enfatizar as dimensões de intercâmbio e aprendizado destro do grupo social. É vantajoso que em alguma instância de nossas vidas possamos valer-nos das experiências de vida, exercitando o aspecto reflexivo e explicativo sobre as coisas sobre o mundo. E ainda, com olhar de estranheza possamos ter oportunidade de descobrir as mesmas coisas de forma ressignificada, para dar por perceber os elos da coletividade e aproximar o homem do próprio homem. O ato de narrar as experiências do jeito que nos aprovem dá origem a matéria fluída, composta dentro de certos limites, de certas opções e arranjos, segundo intenções e costumes. O ato de narrar consiste na ação de insistir na leitura e re-leitura das

experiências, de si mesmo, do mundo; de nos conhecer e de nos reconhecer ou nos estranhar no outro (Benjamin, 1987: 198).

Assim, do ponto de vista metodológico, consideramos a História Oral mais que metodológica. Como um sistema que nos permitiu dar conta das realidades sócio-espaciais, já não a partir dos dados abstratos ou metodologias convencionais de investigação geográfica, que privilegiam as estatísticas, os mapas as fotografias aéreas, as imagens de satélites, se não uma Geografia constituída pelas pessoas que habitam e constroem seus lugares. A partir do uso da História Oral dentro dos estudos geográficos, buscamos dar conta das realidades singulares através da perspectiva dos seus próprios atores, permitindo a participação ativa na construção de seus discursos em colaboração no desenvolvimento do projeto.

Memória e Identidade

A História Oral aqui utilizada propõe, a partir do diálogo estabelecido entre colaborador e oralista, exercer uma criação textual em que o entrevistado, constrói uma narrativa assentada no fluxo narrativo de sua memória. Ela volta à atenção para a afinidade entre memória e identidade, a fim de perceber as tramas entre a construção do individual e as identidades convencionais as comunidades de vivência. Ao narrar, ordenamos o discurso sobre nós mesmos a partir do significado que experienciamos, do que vemos, ouvimos e sentimos do mundo na dimensão do presente - como dimensão, além do temporal baseado no tempo da produção, mas como dimensão de virtualidades sociais, familiares, grupais que se desdobra em interpretações (Caldas, 1999a: 55). Neste tecer narrativo, a memória é, na compreensão de Caldas

> *(...) um desdobramento contínuo e singular que garante vários tipos de identidades. Ao mesmo tempo, sua forma de se expressar é como texto e seu trabalho interno para chegar a esse texto é o mesmo de um tipo de criação literário (1999a: 59).*

As permanências, os esquecimentos e as (re)inscrições, componentes do fazer da memória, se realizam na experiência e nos múltiplos sentidos que os diversos grupos sociais elaboram a partir de referenciais do presente.

A memória baseia-se em recordações. O que não significa reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do vivido. O trabalho de Ecléa Bosi *Memória e Sociedade: lembrança de velhos* (1995) é uma obra referencial para pensar a relação entre memória e História Oral. Nele Bosi afirma a respeito da memória que as lembranças e as percepções atuais do vivido são re-criadas a partir da comunidade em que se insere (família, escola, Igreja, e outros). Se lembramos, é porque os outros, as circunstâncias presentes nos fazem lembrar. Neste sentido o lembrar é uma imagem construída a partir dos materiais que estão agora disponíveis no conjunto das representações que povoam nossa consciência atual (Bosi, 1995: 55).

A autora cita Bergson para discorrer quanto a memória, pois sua definição relaciona a memória ao ato de lembrar aquilo que permanece no espírito, nossas experiências passadas, nos deslocando a partir da percepção no presente. O que teríamos então são *apenas algumas indicações, meros signos a evocar antigas imagens* (Bosi, 1995: 09). Porém, Bosi, ao contrário do que Bergson pensava, entende a memória suscetível a mudanças. Sua existência só pode ser admitida ao assumi-las, enquanto processo em renovada construção:

> *Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho [Bergson], é trabalho. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, a nossa disposição (Bosi, 1995: 55).*

A memória não é um arquivo de ferro, uma reserva ordenada de fatos, palavras, de gentes e coisas. Se aproxima mais de uma rede ficcional viva, textos interiores, sistema aberto que se constrói e transmuta em identidades, temporalidades e realidades indeterminadamente. A memória, como exercício de construção, uma elaboração sobre a experiência vivenciada, narrada no momento

da entrevista, cria as pontes sobre as dimensões temporais – passado, presente e futuro – da vida humana e estas são essencialmente simbólicas.

Temos um legado cartesiano arraigado na forma de conceber o pensamento – penso, logo existo –, em que a consciência existe independente do mundo. Ela tem existência em algum lugar dentro do nosso cérebro e usa seu livre arbítrio para fazer escolhas e viver a vida. A lembrança sofre a distinção em sua forma de composição entre as que são re-elaborada pela vivência, a fictícia (imagens) e a lembrança do que realmente aconteceu (memória) (Maurice Halbwachs, 1990). Esta dicotomia entre o real e o ficcional, o dentro e o fora de si, faz parte da percepção muito própria da nossa comunidade ocidental cristã-burguesa. Assim, o *dentro* e o *fora* dependem de cada sociedade, de como compreendem e vivenciam essas dimensões ou sua ausência (Caldas, 1999a: 60). Temos a convicção de que há coisas que estão dentro de nós como os sentimentos, a interioridade, a consciência e as idéias; e há coisas que estão fora, como os objetos físicos, o meio, os acontecimentos. Isso consiste o alicerce que constituí a sensação de que somos um observador meio "fora" do mundo legível, muito embora, as imagens desse mundo legível sejam originadas a partir da práxis humana.

> *[Ela] que gera a natureza como projeção viva de si, cria os limites e os delimites teóricos para o entendimento dessas exterioridades; as múltiplas possibilidades do significado na compreensão de si mesmo, mas não pode superar sua própria existência projetiva, que é historicizante [...] A práxis não pode ser um além-de-si, mas ilimitadas possibilidades significativas em si e para si mesma: a multiplicidade virtual é sempre determinada multiplicidade, específico território imaginário, e com isso não dizemos irreal, mas que o próprio real é somente real e significativo para as fundações de uma práxis ou, no limite, condicionado pela presença (Caldas, 1999a: 21-22).*

Caldas evidencia os limites construídos por cada sociedade do ser e do vir a ser de cada indivíduo. A experiência do *eu* está assentada nas possibilidades desenvolvidas na vida em grupo, e todo o relato da memória enquanto construção discursiva e ideológica tem os seus limites dentro dos quadrantes específicos possibilitados pela sociedade. Nas narrativas coexistem silêncios, ausências e

esquecimentos produzidos por várias formas de dominação, junto com as formas de resistência e contestação concebidas pelo sujeito. Stuart Hall (2001) afirma que

> *(...) o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não soa unificados ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (2001: 13).*

Esse monofônico da unidade do *eu* e da polifonia da identidade, enquanto retrato do ser, elabora uma falsa imagem pré-concebida da mente, e, por conseguinte, da memória, como uma espécie de filme; as imagens e idéias se sucederiam em nossa cabeça e nós as olhamos *à distância*, exatamente como faz o espectador num desfile organizado de sucessivas situações. Entretanto, somos e sempre fomos legião: a voz única, o único corpo, a escrita centrada são efeitos de discursos, cristalizações virtuais e não *realidade natural*. Quando associamos coisas acontecidas que passam no consciente como se fosse um teatro, onde nós mesmos somos o palco, o texto, o ator e o autor. Somos uma sucessão de vozes que disputam espaço entre si de forma não-linear, executando ações específicas e que depois são arrumadas, significadas numa história que chamamos *nossa memória* que nos mantêm na ilusão de que somos apenas um (Globo Ciência Galileu, 2002: 13).

Somos seres sempre em desdobramentos, que a cada dizer, a cada vivência, as representações são ordenadas em palavras e formam novas narrativas interiores. A idéia de um *eu* imutável e dissociado do entorno que está sempre a mudar, nos tranqüiliza a pensar que somos sempre os mesmos apesar de todas as transformações exteriores. O *eu* unificado é um centro de gravidade narrativo, na medida em que serve para dar uma ordem ao fluxo discursivo, à narração da nossa história de vida que a todo o momento criamos e recriamos ao pensarmos ou falarmos. A narrativa em fluxo se desdobra numa série de possibilidades que ao serem esquecidas, rejeitadas ou condensadas, se multiplicam em redes simbólicas recriando a memória.

O que está em jogo na construção narrativa das experiências e da memória pessoal é o sentido da identidade individual e do grupo. Pollak (1989) comenta que a memória é formada através de uma:

> *[...] operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integrar [...] em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, Igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc (Pollak, 1989: 11).*

Memória e esquecimento são partes de um mesmo processo dialético. Como outra face da mesma moeda, o esquecimento está par a par com o lembrável. Na elaboração da memória ocorre a seleção, enquanto o resultado da vontade de esquecer. Esta ação transforma, esconde, atenua; vai polir, extrair o que era frágil, equivale a um fator que estará sempre num estágio da reorganização de sentido da memória. Ao selecionar o esquecível evidencia o que se torna possível de ser lembrável em vista de algo; dos interesses individuais e de grupos (Zumthor, 1997: 16). Dialogamos constantemente com os resíduos de lembranças da comunidade, com as imagens coletivas, recriando nossas recordações a partir das lacunas, dos esquecimentos. Assim, os *outros* também têm sua parcela de participação na re-elaboração destas lembranças. O esquecimento é um movimento dinâmico, dá flexibilidade à memória e transforma o sentido. Lembrar e esquecer são instrumentos indissociáveis da mesma ação, a memória (Zumthor, 1997: 20).

Em síntese, a memória é fruto de uma constante tensão entre o que se mantém lembrável e o que é preferível manter no esquecimento. Neste trabalho, a memória será compreendida como espaço de invenção, reflexão sobre as experiências segundo o modo de vivenciar no presente e sempre referente à comunidade em que se insere.

A memória de quem fomos e de onde viemos molda nosso sentido do *eu*, da identidade no presente e, dessa forma, afeta a maneira como construímos

nossas vidas, como estruturamos e articulamos a história da nossa vida. Nessa perspectiva, é preciso considerar a memória como questão de identidade:

> *[...] desde o momento em que nós e as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum sob alguns aspectos, permanecemos em contato com esse grupo, e continuamos capazes de nos identificar com ele e de confundir nosso passado com o seu (Halbwachs, 1990: 28).*

Esse aspecto da memória está presente na formação das diversas identidades constituídas pela multiplicidade das relações sociais, das instituições, símbolos, discursos, doutrinas e formas de organização social assentados na experiência e no cotidiano de cada pessoa. Sendo seres das palavras, constituídos na e pela linguagem a partir das conexões narrativas que adquirimos ou que reunimos das experiências, não podemos deixar de levar em conta as narrativas. Ouvir e contar coisas que nos aconteceram e que aconteceram com o outro, reais ou imaginárias, vão formando a nossa subjetividade. Mesmo insignificantes ou fragmentadas, são elas que atribuem forma e conteúdo à nossa memória pessoal, são elas que nos fazem ser o que somos.

Nesse entendimento Felix Guattari e Suely Rolnik no livro *Cartografias do Desejo* (1986), nos ajudam a desdobrar esse tema da formação da subjetividade e das identidades. Guattari é enfático ao asseverar que nossas subjetividades são possibilitadas pela sociedade em específico.

> *Tudo o que é produzido pela subjetividade capitalística – tudo o que nos chega pela linguagem, pela família pelos equipamentos que nos rodeiam – não é apenas uma transmissão de significações por meio de enunciados significantes. Tampouco se reduz a modelos de identidade, ou a identificações com pólos maternos, paternos, etc. trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo (Guattari, 1986: 27).*

Os processos de subjetividade nada mais são do que modelizações do desejo, da percepção, do comportamento, da sensibilidade, da memória, das relações sociais, das relações sexuais, dos fantasmas imaginários, produzidas

pela sociedade. Assim toda possibilidade de modelo identitário está dada dentro dos sistemas sociais e psíquicos da sociedade.

Para Guattari, a subjetividade coletiva não está relacionada à identidade individual. O processo de composição da subjetividade coletiva não é resultado da combinação e junção de subjetividades individuais, mas, sim do confronto com as maneiras com que, hoje, se fabrica a subjetividade na perspectiva de macro escala. A forma de apropriação dessa subjetividade pelos indivíduos varia em dois extremos: uma relação de alienação e opressão, em que ocorre a submissão do indivíduo à subjetividade tal qual lhe é passada; ou uma relação de manifestação e de criação, em que o indivíduo se reapropria, escolhe e combina os diversos elementos da subjetividade produzindo um processo que Guattari nomeia de singularidade (1986: 33). É conveniente comentar que diferentes domínios fizeram uso de idéias análogas à *apropriação*. Verificamos isso ao considerarmos o conceito de *habitus* ou mesmo com a noção de *apropriação*, de Paul Ricoeur, ou a *bricolagem* discutida por Claude Lévi-Strauss, ou ainda a utilização feita desses mesmos termos por Michel De Certeau.

Porém, Guattari mantém o interesse centrado na dimensão do indivíduo, em capturar os mini-processos de desejo, de liberdade e de singularização; a maneira como ocorre a subversão dos modos e preceitos preestabelecidos, das formas de manipulação, de sensibilidade, de constituição do consciente e inconsciente, de modos de relação com o outro, modos criativos utilizados pelas pessoas comuns em suas vidas cotidianas para produzir uma subjetividade singular (Guattari, 1986: 17). O autor continua a reflexão fazendo distinção entre identidade e singularidade. Para ele a singularidade é da ordem do existencial, pois trata das condições em que encarnamos a vida para nós mesmos; enquanto, a identidade é um conceito da ordem da referenciação, circunstanciado por uma realidade e seus quadros referenciais imaginários, e se encontra no nível da territorialização subjetiva. *Ela é um meio de auto-identificação num determinado grupo que conjuga seus modos de subjetivação nas relações de segmentaridade social* (Guattari, 1986: 73). Essa conceituação de identidade faz com que ela esteja categoricamente, vinculada ao reconhecimento e ao sentimento de

pertença a um grupo e lugar. Relaciona o processo identitário a reterritorialização e normativização das representações na condição humana, que permitem identificação com os lugares.

Geografia, Cotidiano e Lugar

Com a postura de tratarmos as narrativas como escolhas discursivas identitárias assentadas nas experiências inscritas no lugar, avaliamos o conceito de lugar nesta dissertação como dimensão que faz parte da ordem de qualquer discurso sobre o vivido. Ao observarmos atentamente as ligações que produzem o espaço no cotidiano significa reconsiderar o espaço em seus discursos e práticas que o produzem como sistema e expressão das relações e ações sociais – a começar das relações produtivas até as manifestações dos indivíduos em seu cotidiano. Por isso, o espaço geográfico passa a ser entendido como lócus tanto da reprodução dos bens de produção do sistema vigente, quando da vivência e das ações cotidianas das pessoas.

Na vida cotidiana, como nos diz Agnes Heller (2000), as pessoas vivem suas relações umas com as outras, acumulam experiências de vida, formam-se enquanto singularidades. O ser humano participa da vida cotidiana com todos os aspectos de sua *subjetividade,* articulando-se sempre em grupos como a família, a escola e pequenas comunidades. Este convívio cotidiano e a interação face a face realizam a interseções entre as pessoas e os costumes, as normas e a ética de outras integrações maiores. Porém, é nesse convívio que se abre caminho para o intercâmbio contínuo das diferentes expressidades e para a construção de novos vínculos identitários. As marcas das percepções de mundo instauradas pela coletividade e suas práticas individuais atuam no cotidiano**,** no lugar tornando-o reconhecível para aqueles que o vivenciam.

É para o cerne, a vida cotidiana, que a narrativa da história de vida se move, onde se faz presente a arte do fazer, do contar as experiências repensando a própria vida. É nas interseções do cotidiano que se diluem e se transformam

conceitos binários e dualistas; em que ocorrem as trocas de saberes, de fazeres, de experiências, de poderes em toda a sua materialidade.

José de Souza Martins (2000), em seu livro *A sociabilidade do homem simples*, faz uma reflexão de como o homem simples, que além de lutar diariamente para viver, também se vê tendo que lutar para compreender seu viver que insiste em escapar, tornando seus afazeres do cotidiano alienado, como se fosse um viver destituído de sentido (2000: 11). Segundo Martins, a procura pela conquista dos sentidos do viver equivale às iniciativas e ações singulares do homem simples na perspectiva da apropriação e/ou produção de conhecimentos.

O senso comum, ordinariamente desmerecido pelo conhecimento científico - como conjunto de opiniões impostas pela tradição aos indivíduos de uma determinada época, local ou grupo social, aceitos de modo acrítico como verdades e comportamentos próprios da natureza humana – por ser entendido como fonte de equívocos e distorções, por tanto destituído de verdade; é interpretado por Martins de outra forma. Para ele o senso comum é fonte de

> *"[...] conhecimento compartilhado entre os sujeitos da relação social. Nela o significado a precede, pois é condição de seu estabelecimento e ocorrência. Sem significado compartilhado não há interação. [...] não há possibilidade de que os participantes da interação se imponham significados, já que o significado é reciprocamente experimentado pelos sujeitos" (Martins, 2000: 59).*

Nesse sentido o senso comum é a instância a interação, em que são compartilhados os significados que precede a comunicação a relação mútua necessária para sobrevivência em comunidade. Para Martins as lutas por emancipação, por integração política, são lutas, realizadas a partir dos conhecimentos compartilhados pelo grupo humano, com o objetivo de livrar-se da influência dos vínculos de dependência e submissão. Esse comprometimento individual e coletivo consiste no reconhecimento dos indivíduos como *sujeitos* de seu próprio destino e de um *destino próprio*.

Assim, na linha de interpretação da vida cotidiana, cabe destacar não apenas o que fixa as regularidades da vida social, mas também aquilo que a

perturba. O cotidiano é espaço por excelência de ações repetitivas, mas também é o espaço de inovação. O cotidiano pressupõe experiências de vida que escapam ao normativo, ao institucional, apontando para o singular, na realização do processo de individuação dos valores herdados, dos papéis preestabelecidos.

Michael De Certeau, em seu livro *A invenção do cotidiano* (1994), nos seus estudos sobre recepção e as *artes de fazer* dentro do cotidiano enfatizou que o consumo, na sociedade contemporânea ocidental, não segue às expectativas dos produtores. Porém, o ser humano não possuía uma livre-agência ilimitada, posto que ele está enredado em relações sociais, profissionais, afetivas, que podem influenciar suas escolhas pessoais (1994: 40). O autor prossegue sua reflexão destacando seu interesse nos relatos das experiências dos sujeitos em relação ao espaço, pois, visualiza neles um campo muito rico para a análise das práticas do humano no lugar.

O lugar como espaço do cotidiano, no qual as relações próximas, as tarefas corriqueiras permitem a construção da identidade compõe a base da reprodução da vida e pode ser analisado no plano da vida e do indivíduo. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. O lugar escapa a idéia de domínio próprio do conceito, mas se vincula a experiência de quem vive nele. O ato de dizer suas experiências equivale a relacionar e estabelecer ligações com o universo cultural compartilhado pela colabordora e os seus que vivenciam o lugar. Assim, o ato de descrever é mais que fixar na fala e sujeitar, é um ato culturalmente criador do e no lugar. Nessa pesquisa, o lugar se apresenta como *dado central da existência, como ponto de partida para se pensar o restante, afinal se pensa o mundo não a partir do mundo, mas a partir do lugar, assim é nele que se dão as relações e os sentidos* (Santos, 2002: 33).

Para Tuan (1983) em seu livro *Espaço e Lugar,* o lugar estaria relacionado ao modo como o homem a partir da experiência entende o mundo. Para ele, o processo pelo qual um mero espaço se torna um lugar intensamente humano está estreitamente ligado à natureza da experiência vivenciada junto ao grupo do qual faz parte. Disso, depende à qualidade de ligação emocional dos objetos físicos, às funções dos conceitos e símbolos na criação de identidade do lugar (Tuan,

1983:09). O lugar é um espaço construído e vivido como experiência pessoal, que se torna familiar às pessoas, sendo o lugar em que ocorrem as tramas existenciais e as vivências (1983: 14).

Essa noção de Tuan se torna esclarecedora ao inferir que todos os lugares são pequenos mundos, onde são articuladas as experiências e as aspirações do ser humano, constituindo uma realidade que deve ser interpretada a partir do entendimento das pessoas que integram o universo de atuação. O lugar procede das relações, e nesse plano, se vislumbram as articulações contraditórias entre várias experiências de espaços e tempos diferenciados. Nesse percurso teórico entre identidade e lugar fica evidente a ligação entre estes. A idéia de identidade se constrói no lugar, por meio das relações que permitem o desenrolar da vida cotidiana.

Amélia Regina Batista Nogueira (*apud* Archela, 2004) propõe para a Geografia outra abordagem em que o lugar é percebido como parte essencial da constituição da identidade:

> *A Geografia poderia antes de trazer uma caracterização acabada do lugar, procurar investigar e interpretar o saber que cada um traz e que é adquirido na relação da vida com o lugar. [...] para o homem, a realidade geográfica é primeiramente o lugar em que estão, os lugares de sua infância, o ambiente que lhe chama sua presença [...] esse lugar está sendo compreendido por nós para além de seus aspectos físicos e geométricos, aqui compreendido como lugar da vida (2004: 131).*

Tendo como pressuposto que cada comunidade produz sua identidade própria e seu lugar, atribuindo-lhes sentidos, relações, desejos e propósitos, são coerentes no processo de re-composição local o encontro de diferentes que provoca estranhamento, dúvida, interesse. A produção e reprodução da vida é um fazer coletivo, mediado na consciência dos sujeitos do lugar que criam e re-criam sua existência; e ao mesmo tempo, fazem o lugar, perceptível por meio das formas de comunicação, compondo um sistema simbólico – a linguagem, o gesto, o vestuário, a conduta pessoal e social, a cerimônia – através do qual mantemos o nosso mundo inteligível. Tal panorama se encontra presente nas narrativas, enquanto lugar vivido, pois os sentidos do texto indicam relações diferentes,

significados diferentes, comunidades diferentes, exercidas pelas vivências singulares circundadas pela comunidade.

Assim, considerando a relação de idéias apresentadas aqui, posicionamos conceitualmente o lugar como o espaço vivido e ao mesmo tempo produzido e concebido pela ação, estabelecido pela relação dos diversos agentes que produzem o discurso sobre o espaço. A experiência pessoal se apresenta como meio importante para o entendimento do lugar como rede de relações compostas em vivências. Nosso enfoque a partir do lugar narrado: os lugares da infância, ambiência da casa da família, as circunstâncias de estranhamento dos novos lugares mudam em cada narrativa, projetando a expressão própria de cada experiência. As formas como as pessoas compreendem, sentem e conhecem seu lugar chamamos genérica e conceitualmente de lugar.

O lugar da Pesquisa

Cheguei a Porto Velho em meados de 1984, época do garimpo. O recém criado Estado de Rondônia, fundado em 1981, tinha como atividades econômicas o garimpo de cassiterita e pedras preciosas. Nos anos 80, foi descoberto ouro no leito do rio Madeira, o que atraiu garimpeiros de todo o Brasil. Nesta ocasião veio a minha família e familiares diretamente de Fortaleza – Ceará. Dragas e balsas extraiam ouro do rio de forma rudimentar. O trabalho nas balsas era extremamente perigoso, pois obrigava um mergulhador operar a "maracá", o terminal do mangote de sucção, conduzindo-a no fundo do rio para fazer o desmonte em profundidades de até 15m. Este foi um dos empregos em que meu pai trabalhou além da construção civil.

Minha mãe, só em casa, das longas viagens de meu pai ao garimpo, cuidava de nós filhos assim como cuidava em Fortaleza: levando a rezadeiras e postos de saúde. A mesma tradição que eu vira na cidade de origem via, agora, aqui no norte. Porto Velho recebeu a leva de migrantes vindos de vários lugares do Brasil. Migrantes nordestinos, sulistas, capixabas, fizeram nesse lugar suas

fortunas, suas desgraças, seus túmulos, sua terra; além de fazerem de Porto Velho um lugar de cultura-plural. Juntas, separadas, miscigenadas, as várias tradições constroem esse espaço temporário e definitivo para os andantes e aventureiros. Quando iniciei as atividades de pesquisa com as rezadeiras, ainda na graduação fiquei surpresa com as mesmas e outras práticas, com a demanda de atendimento que estas senhoras continuavam atendendo.

Segundo Marianne Piemonte na reportagem *Senhoras do Ramo: Tradição de benzer, uma herança cultural que pode ficar sem seguidores* da Revista da folha (2007) citando o coordenador do núcleo de Antropologia Urbana da USP, José Guilherme Magani as rezadeiras praticam um catolicismo rústico camponês que se tornou popular numa época em que não havia o predomínio da medicina. Porém, a pesquisadora de cultura brasileira Julieta Andrade que estuda o tema desde 1947, tem uma visão otimista sobre a persistência do ofício das rezadeiras. Durante esse tempo de estudo nunca faltaram rezadeiras. Seus sucessores são sempre encontrados dentro do próprio ambiente delas, no entanto, só sucedem ao ofício quando estes param de exercer a função, como dita a tradição. Junto-me a Andrade nessa perspectiva de que aqui a tradição das rezadeiras persiste sempre com as mesmas e outras significações.

Embora esta pesquisa não se proponha a trabalhar com amostragem quantificada, e sim, de possibilitar o contato com um contingente considerável para ter acesso às experiências estabelecidas pelas relações locais, seria inviável a tentativa de quantificar as rezadeiras em cidades, como Porto Velho por exemplo. Como afirma o sociólogo Luiz Fernando de Andrade Soares, pesquisador de cultura e etnomusicologia brasileira, tal tarefa se tornaria impossível por se tratar de uma tradição oral, sendo difícil ser apurada pelo censo; fixadas nos lugares mais inusitados e entranhados nas cidades. O que afasta a visão de que elas se concentrariam nas periferias dos centros urbanos, na zona rural (Piemonte, 2007: 13). Todos, independente de classe, crença, etnia, podem ser atendidos por estas senhoras, como assevera os estudos realizados por pesquisadores da Universidade de Medicina Norte-americana chefiada por Philip Wang *a busca por esse tipo de atendimento é igualmente freqüente entre as*

pessoas com alta e baixa escolaridade o que exclui a suposição da dificuldade ou não de acessibilidade à medicina como pretexto para freqüentar estes meios (Piemonte, 2007: 15).

A comunidade religiosa não é natural, mas escolhida através da partilha de preceitos, experiências e vivências em comum. Essas experiências religiosas podem ser entendidas em três aspectos: o teórico (doutrina), o prático (culto) e o social (a comunhão da idéias e atos religiosos). A organização é a força e a fraqueza dos religiosos, pois, deste território delineado nascem as contestações que para não desaparecerem se institucionalizam gerando estruturas regidas e legitimadas acabando por consolidar o poder, despojando-se de sua inspiração vital e de sua própria razão de ser. O *catolicismo oficial* se entende como conjunto dos ensinamentos pela camada dirigente da Igreja ligada de algum modo às classes dominantes da sociedade global. Já o *catolicismo popular* abrange a enorme variedade de práticas e crenças religiosas encontradas nas camadas populares católicas, fora do circuito da instituição Igreja.

À margem das instituições religiosas, surgem várias lideranças carismáticas, de um lado baseadas na renovação, e por outro, no conservadorismo ritualista, que transcende os limites da religião instituída e se dirigem a todos que compartilham do mesmo código, os mesmos símbolos. As lideranças assumem as funções do sagrado pela vacância das autoridades religiosas.

Na relação entre a religião oficial e as crenças populares tem que ser considerado a intersecção dialética. As crenças e práticas da religião popular atraem a atenção dos teólogos, que podem encontrar modos de legitimá-las incorporando-as às doutrinas oficiais, e por outro lado, a crença popular recebe acréscimos provenientes dos sistemas religiosos. Deste modo, se perpetuam as práticas da benzeção: ora as rezadeiras têm sua existência e práticas legitimadas pela Igreja que reconhece e convalida certos aspectos das crenças e práticas que as origina; e ora são segregadas pela Igreja como sendo superstição, porém, mais ainda como uma resistência frente à medicina que estava se firmando como uma ciência objetiva e certa. A rezadeira representava um vestígio, uma prática

tradicional que se utilizava da magia para produzir os seus efeitos. Segundo Schweichardt atualmente, este conflito não existe mais porque essas mulheres e homens não representam mais uma ameaça.

Entre a religião oficial e a as crenças populares não há separação estanques, mas, convivem numa relação dinâmica por parte de seus adeptos. Quando as práticas populares se integram bem na memória nacional dominante, sua coexistência não apresenta grande problema de caráter conflituoso. A História Oral, ao tomar como base as narrativas das rezadeiras, permitiu-nos apreciar os efeitos do processo constituído pela vivência a religião oficial e a tradições populares, podendo evidenciar a forma como particularmente cada rezadeira trata as tensões, contradições e analogias entre o discurso oficial da religião que freqüenta e as crenças compartilhadas nos vínculos locais, relativo às crenças populares.

As pessoas que benzem outras não constituem um grupo interativo em torno de suas atividades de reza e cura. Não há conhecimento da existência de associações que promova o contato, a convivência grupal, a identificação de pertencer a uma comunidade unida pela prática generalizada ou específica da benzeção nos termo da tradição popular. Mantêm-se, ao contrário, numa diversidade de estilos, denominações, concepções e crenças. Como mostra dessa diversidade citamos os curandeiros, raizeiros, rezadores, rezadeiras, médiuns, pais/mães-de-santo, pastores, padres, leigos, parteiras, entre outros, que vivenciam uma concepção de mundo, do homem, da natureza (Oliveira, 1985: 12). As rezadeiras, do mesmo modo que outros agentes da benção têm sua prática caracterizada pelo isolamento. Apesar da autonomia entre os agentes, eles podem ser localizados em sistemas comuns a prática da tradição (Schweichardt, 2002: 156).

A presença das rezadeiras no meio urbano se encontra disseminada e velada pelo esquecimento na correria diária da modernidade, obscurecidos pelas práticas e o poder vigilante da medicina no meio urbano. Mas, é só a criança ficar com quebranto, vento caído, mal olhado, que se recorrem às antigas práticas. Não se vai muito longe perguntando onde encontrar. E lá está ela, a rezadeira, em sua

rotina de rezas e curas. Sua casa que nunca fica vazia há sempre alguém chegando e saindo.

As rezadeiras operam na comunidade que é lugar de novas e antigas tradições, com dinamismo e sobreposição de redes discursivas e práticas. Como um porto seguro à comunidade é o lugar reconhecido, é o espaço das reminiscências, das experiências comuns. Para Tuan a

> *Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização. [...] A experiência é constituída de sentimento e pensamento. O sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais o cambiante fluxo da experiência, de modo que poderíamos falar de uma vida do sentimento como falamos de uma vida do pensamento (1983: 09-11).*

Essas diversas experiências são expressões das vivências sociais das rezadeiras. Os discursos sociais veiculados sobre os indivíduos adeptos dessas práticas religiosas também formam certas condições objetivas para a ação dos indivíduos na sociedade, o que permite que os agentes de cura ajam segundo uma concepção construída no interior de uma coletividade (Foucault, 1999).

Os viventes e sobreviventes de um mundo propenso a mudanças rápidas, de forma confusa e imprevisível sofrem uma intensa fragilidade dos laços humanos. As rezadeiras formam substratos de uma linguagem pertencente a sistemas simbólicos oriundos de diversas práticas religiosas. Nelas deparamo-nos com uma teia de conceitos, princípios, formas de organização do real. Porém, estes mesmos grupos de tradição são atingidos por este mundo fragmentado e tornam-se espaços de recriação e reinterpretação de informações, conceitos e significados culturalmente transmitidos.

Essa proximidade discursiva entre os pares de uma experiência culminou na formação de um conjunto de cinco textos que entendemos serem pertinentes, singulares e ao mesmo tempo representantes de uma experiência coletiva: a

prática da benzeção por parte de rezadeiras. Compreendemos termos assim acesso ao rol de discurso dessa coletividade.

Esta pesquisa tem nos textos das rezadeiras seu suporte preferencial, sobre o qual incide a interpretação. Ela se propõe a compreender, a partir das narrativas das rezadeiras, a criação do lugar e das relações que edificam o discurso produzido pela comunidade. Os textos das rezadeiras apresentam uma amostra das narrativas da vida cotidiana, da luta no viver, nas práticas cotidianas de sobreviver, em que se imbricam as histórias de outros – mulheres, crianças, homens e comunidades.

As narrativas das rezadeiras são constituídas de rede de relações, postas em discursos, que num sentido coletivo se realizam enquanto um evento social e não como atos encerrados e isolados. Visto que as palavras estão carregadas de sentenças sociais, juízos de valores, e que antes de tudo, determinam à seleção de palavras e a elaboração de imagens. A livre escolha do que contar nas entrevistas e essas referências sociais não se opõem, mas se complementam como parte componente de uma mesma realidade discursiva que joga com os níveis da individualidade e da coletividade. As vozes que aqui enunciam o discurso de ordem individual esboçam singularidades, também são representantes de conformidades coletivas dos grupos ao qual pertencem. Cabe àquele que trata diretamente com as narradoras, a oralista, em garantir a oportunidade do aparecimento da dimensão da existência plural, conflitante, incoerente da colaboradora da pesquisa. Tais propriedades existenciais são fundamentais para o trabalho de interpretação desse trabalho. Do contrário o resultado dessa pesquisa seria uma projeção elementar, mais um exercício acadêmico à sombra de modelos conceitual pré-estabelecidos. A apresentação na íntegra dos textos das rezadeira presente nesta pesquisa tem por intenção dispor ao leitor a chance de impregnarem-se com o tom narrativo das rezadeiras, seus enredos, suas armadilhas discursivas, fazendo parte do encanto das redes ficcionais, tomando parte na vida que corre nas palavras.

A metodologia diferencia a abordagem da temática por possibilitar que as rezadeiras tivessem seu momento de se colocarem, expor a compreensão de si,

de como querem ser vista contando suas experiências de vida como acharem melhor. As entrevistas se posicionam num falar sobre o passado, mas, constituído no presente, num tipo de memória que se constitui na convivência de coletividades. A opção da abordagem do tema pela constituição do outro em texto, a partir dos procedimentos da História Oral, é de possibilitar o conhecimento de cotidianos complexos a partir da disposição da palavra, ainda que circunstanciada aos limites de uma pesquisa. Os sentidos do modo de vida das rezadeiras, seu jeito de sentir, de ver o mundo, que ele seja dito e expresso a partir das escolhas narrativas. Com a entrevista de dona Raimunda entendi que eram suficientes as cinco entrevistas para possibilitar certo acesso a tipos sociais, característicos da prática da benzeção.

Pelo viés da História Oral apoiamos, a partir da entrevista e elaboração textual das rezadeiras, em estabelecer uma alteridade integral e singular, não como *objeto de estudo*, mas como colaboradoras ativas quando tomam a palavra para se dizerem, escolhem o tramado de suas experiências e conquistam através do diálogo com o oralista e da escrita dos seus textos sua singular alteridade. Para cada uma das narradoras foi detalhado o motivo da pesquisa e foi esclarecido que tinham autoridade sobre seus textos, tornando-as parceiras e autoras do texto de suas narrativas. Os contatos e encontros foram registrados e estão relatados no caderno de campo.

Deste modo, o emprego da História Oral adquire uma força mobilizadora no campo da ação política. Favorece a percepção do sujeito como ator do cotidiano, apostando no sujeito enquanto singularidade, essência única capaz de se envolver com o lugar ocupado e habitado, a partir do qual praticamos nossa cidadania diariamente, nos relacionamos como sujeitos nomeados, em que procuramos a coerência entre desejos, pensamentos e atitudes. É por excelência o lugar imediato de realização e desenvolvimento do indivíduo. Instrumento a fim de situar o sujeito na reinterpretação de si e de seu entorno. Interessa-nos o significado, a maneira própria como as pessoas vêem a si mesmas, as suas experiências e o mundo que a cerca, articulando a vida pessoal aos fenômenos sociais mais amplos.

Finalmente, as reflexões metodológicas esboçadas, a contextualização do conceito de lugar e a localização do tema no lugar, nos levam a outro importante momento da pesquisa que se constitui no caderno de campo, mais do que o registro de dados e impressões se constituiu num meio de percepção das práticas cotidianas, de apropriação dos espaços pelos sujeitos, alargamos as questões teóricas da História Oral e procedimentos referentes ao papel do pesquisador e a participação dos entrevistados.

Caderno de Campo

O caderno de campo foi um instrumento essencial para o processo de escuta das rezadeiras; inscrição de seus textos das histórias de vida e para pensar o processo da pesquisa como um fazer teórico. Foi a partir do registro das observações, depois de cada encontro, coisas pequenas aparentemente sem sentido ganhavam significado, interligando-se numa perspectiva etnográfica. É no ato de pensar sobre o pesquisar que se constrói, desconstrói e reconstrói o saber, o fazer teórico. Isto significa ampliar o saber e estabelecer novos saberes. O pesquisador alcança essa alteridade da colaboradora levando em conta a diferença, o estranhamento, passagem de um mundo familiar para um mundo não familiar, propondo que o outro se faça autor de sua matéria textual que ele escolheu para identificá-lo. Conquistaram espaços de emancipação em suas vidas. Compreendem um diálogo dinâmico do que estão em jogo, as intenções, os interesses e expectativas dos dois atores entre oralista e colaboradora.

As colaboradoras têm o direito de veto e censura da própria escrita de suas entrevistas, além de possibilidades mais amplas de participação no andamento da pesquisa. Isso vai além do cuidado com o uso da entrevista até a preservação da imagem do personagem assumido pela entrevistada. Por isso o termo *colaborador* sugerido por Meihy é assumido como postura ética e para evidenciar o trabalho de elaboração textual que demanda dois lados.

Neste amplo universo das pessoas que utilizam a bênção para curar outras pessoas, nos centramos em mulheres que são conhecidas pela comunidade como rezadeiras que se identificam como católicas. Neste trabalho trazemos o registrado de cinco textos, que foram feitos em dois momentos distintos. As primeiras entrevistas foram feitas no ano de 1998 por ocasião do projeto monográfico *Vozes que curam*. Faziam parte deste projeto as entrevistas de Maria de Jesus Sarmento e Maria das Graças da Silva, além de Carlota de Sena Pereira. Com o desdobramento da pesquisa para o projeto de dissertação foram realizadas as entrevistas com Raimunda Oliveira, e Francisca de Oliveira Maia no ano de 2003. Com cada uma delas foi realizada uma pré-entrevista para um entendimento preparatório para que tenham conhecimento do projeto e do âmbito de sua participação, das etapas do trabalho que são adotadas para a elaboração dos textos (entrevista, textualização) com a utilização do gravador e a certeza do retorno do texto final para a conferência. A fim de delinearmos as percepções da pesquisa na construção do fenômeno, suas incompletudes, seus vazios, múltiplos diálogos, apresentamos a seguir o relato das experiências de campo. Ele implica em registros de observações posteriores, anotações de campo, de conversas, de momento das entrevistas, participação nos eventos, entre outros.

O caderno de campo foi um instrumento essencial para o processo de escuta das rezadeiras; inscrição de seus textos de histórias de vida e para pensar o processo da pesquisa como um fazer teórico. Foi a partir do registro das observações, depois de cada encontro, que coisas pequenas, aparentemente sem sentido, ganhavam significado, interligando-se numa perspectiva etnográfica. Isto significa ampliar o saber e estabelecer novos saberes.

A pré-entrevista equivale à etapa de preparação do encontro em que se dará a gravação e apresenta-se como um momento de extrema importância para a realização com sucesso das etapas seguintes. É nesse primeiro contato que fica claro o interesse das rezadeiras em participar ou não da pesquisa e para o pesquisador começar a se esclarecer sobre as relevâncias das experiências da rezadeira para a pesquisa (Meihy, 2005). Certa vez, na procura de possíveis colaboradoras para a pesquisa, chegamos à casa de uma senhora que foi

indicada como rezadeira. Morava numa casa simples na periferia de Porto Velho. Era uma tarde quente em que comumente as pessoas que ficam em casa descansam do mormaço. A rezadeira estava em casa, me apresentei, falei da pessoa que a havia me indicado, ela me recebeu bem. E então passei a explicar a proposta e o objetivo do trabalho que fazia.

Ela ouviu tudo com atenção e depois tomou a palavra e falou que para ela era impossível participar de um trabalho como esse em que tinha que falar de si e de sua vida. Seu filho havia sido morto e depois de assassinado ainda sofria uma difamação. E desde então a vida dessa mãe era procurar limpar o nome do filho. Já tinha recorrido a diversas autoridades e meios de comunicação, porém ninguém a escutava, ninguém se dispôs a defender sua causa. Daí por diante ela também se recusava a se pronunciar, se privara de falar de si, de sua vida, de suas experiências, visto que as autoridades se recusavam em ouvi-la.

Isto nos remete a questão que Walter Benjamin (1987) referente ao processo de desaparecimento do narrador. O homem moderno estaria perdendo a sua capacidade narrativa, em que as trocas sensíveis estariam sendo substituídas por vivências individuais. Ao compartilharmos nossas narrativas, poderíamos promover experiências coletivas, as possibilidades de infinitas alternativas de ser e estar no mundo coletivamente vai desaparecendo. Para Benjamin, esse processo foi deflagrado com a Segunda Guerra Mundial onde as experiências desmoralizantes e desumanas silenciaram o narrador. Na contra face do silenciamento houve também um ensurdecimento humano: alguém quis falar, mas não houve quem o ouvisse. Para poder relatar seus sofrimentos uma pessoa precisa antes de qualquer coisa encontrar quem escute. Ao narrador resta apenas o silêncio infindável de quem sofre com a violência, desvanece a faculdade de intercambiar a experiência. *Não estava no momento, não havia o desejo de testemunhar relatar e esquecer para poder retomar uma vida normal.*

Para essa senhora, eram evidentes os motivos para não participar da pesquisa, a extensão de sua dor naquele momento era inenarrável. Na medida em que a vivência dos indivíduos na sociedade moderna inclui os aspectos mais cruéis da experiência como a violência urbana, torna-se mais e mais difícil o

diálogo enquanto troca de experiências e conhecimento sobre a vida. Não se busca mais a lembrança e o intercâmbio; e sim o esquecimento das experiências. Diante de tal perspectiva é que Benjamin pronuncia a célebre frase: (...) *a arte de narrar está em vias de extinção* (1987:107).

As rezadeiras não foram escolhidas antecipadamente, mas foram surgindo e se constituindo numa rede de contato, em que um cliente ia indicando uma e outra rezadeira. E assim iniciou-se a tessitura dos fios dessa pesquisa, através do contato entre pesquisadora e rezadeiras e da disponibilidade delas de compartilharem as suas narrativas de vida. A primeira a ser convidada a fazer parte da pesquisa foi dona Carlota. Já éramos conhecidas uma da outra. Não a tinha por rezadeira, mas participávamos da mesma Igreja católica há muito tempo. Sempre a tive como uma senhora de coragem: depois dos 65 anos retomou os estudos, numa turma de Alfabetização de Jovens e Adultos - EJA criada na Igreja; e seu maior orgulho deste então era poder ler a Bíblia nas reuniões da Legião de Maria. Perguntando para algumas pessoas da comunidade sobre a localização de rezadeiras, indicaram a dona Carlota como uma delas. O que eu conhecia daquela senhora, que a fazia tão familiar, começou a se tornar estranho e desconhecido, fazendo brotar em mim o desejo de saber mais sobre as experiências de dona Carlota: como ela sendo da Igreja desempenhava a função de rezadeira? O que aconteceu em sua trajetória de vida? Quando o dom se manifestou?

No primeiro contato depois de esclarecer sobre as particularidades da pesquisa, dona Carlota perguntava: *O que vou dizer?* O poder da fala parece não ser comum, gerando alteridades que não recebem o devido reconhecimento, não são valorizadas. A pergunta revela o sentimento da negação do poder em se dizer, dizer seu lugar. As experiências coletivas de grupos de várias etnias, não são ouvidas, por não ser dar a devida importância à fala do outro. O que está implícito nessa pergunta é a vontade de estimar qual a importância dessa vida para a construção do conhecimento, qual a autoridade dessas pessoas em falar; a quem pode interessar e qual a escala de importância das suas experiências para entender a ordem da comunidade.

O ato de narrar pode corresponder a deixar-se levar por um processo de estranhamento de sua própria história pessoal, de diálogo e autoconhecimento, reconhecimento da própria vida. Pode levar ao reconhecimento como sujeito histórico e geográfico, organizando o tempo e o espaço a partir dos significados atuais de sua vida presente, buscando um reencontro com a sua própria trajetória de vida.

Esse primeiro encontro se afigurou como uma oportunidade preciosa para o início desse processo de conhecimento. Depois da pergunta retórica Dona Carlota foi arrolando assuntos como se testasse o que poderia ser conveniente para a composição de sua trajetória narrativa para a sua próxima sessão. Começou a conversar sobre *as coisas do passado* de forma bem solta e muito animada. Marcamos então o dia da primeira entrevista para 21 de outubro de 1998 em sua casa.

A casa de dona Carlota me lembrava a casa de avó: plantas ornamentais e medicinais no terreiro, patos e galinhas no cercado de madeira. Ela tinha um terreno ao lado de casa que utilizava especificamente para o cultivo de ervas, árvores frutíferas e leguminosas: sua *pequena roça*, como ela a chamava, mas que em nada lembrava as proporções dos roçados que já havia cultivado. Dentro de casa: uma máquina de costura na sala, uma colcha de retalhos sendo feita, as imagens de São Sebastião e Nossa Senhora de Fátima na parede. Onde estava a televisão mesmo? Na casa da filha que ficava no mesmo terreno. Este foi o cenário dos quatro encontros entre pré-entrevista, entrevistas e conferência.

Na primeira entrevista a presença do gravador fez surgir um tipo de narrativa, diferente da conversa espontânea e animada do encontro anterior. A voz saia comedida e a seqüência dos acontecimentos narrados era sempre re-situado por uma ou outra lembrança. Em certos momentos pedia para desligar o gravador para pensar de onde ia continuar e logo depois continuava a narrar uma conversa *ajeitada* preocupada em dar uma seqüência às lembranças. A conversa animada que tivemos como quem noticia a todos as alegrias vividas, fora substituída por não mais que um sussurro, como quem lembra com cuidado para não faltar nada. No uso de tecnologias como câmeras e gravador deve ser considerada a perda da

intimidade e de certa espontaneidade. Nesta sessão dona Carlota narrou coisas que aconteceram com ela, experiências que outros lhe haviam contado e que passaram a compor seu repertório de memórias.

Depois deste encontro meio frustrado para a mim que buscava aquele narrar desenvolto, pleno de sedução, algumas reflexões foram pontuadas: primeiro que era condição *sine qua non* perceber o significado que as entrevistadas davam a participação em uma pesquisa. Elas querem ser ouvidas de um jeito distinto, constituir uma alteridade que transmita como querem ser vistas, como se percebem, e é claro como imaginam serem vistas. Diante de quem conversa conosco, cada uma somos ao mesmo tempo aquela que se prepara para apresentar aquela que julgamos ser, aquela que gostaria de parecer ser ao outro que escuta e julga o que somos.

Elas posam como para uma fotografia, permitindo serem captadas pelo olhar da pesquisadora, porém, não de uma forma passiva e inocente, deve-se assumir o caráter precário e ambíguo do dito e o não-dito no encontro. O diálogo na entrevista, não é algo harmonioso e consensual, mas um lugar de conflito e de jogo entre forças diferentes, afinal é um ponto de encontro de uma individualidade com outras individualidades que buscam criar um discurso do outro, de seu mundo, construindo juntos um conhecer a si.

Todas estas implicações precisam ser avaliadas num trabalho com História Oral. Dona Carlota se propõe a narrar de forma pontual, coerente e firme suas experiências. Essa postura pode ser interpretada a partir do que estava em jogo: a relação de poder simbolizada pela presença de um aparelho, o gravador, da pesquisadora; tudo cria um lugar de exercício do poder em que o discurso precisa se moldar de certa forma para receber um estatuto de validade.

No final dessa primeira sessão, foi explicado que a proposta do trabalho permitia que a entrevistada organizasse os relatos à sua própria maneira não tendo uma preocupação histórica, mas dando ênfase às experiências vivenciadas e significativas para ela. No encontro seguinte retomamos a entrevista e então dona Carlota se encontrou com a Carlota falante, encantadora das palavras, narradora dos causos da vida: fazem um jogo gestual de risos e lágrimas; num

ritual de lembrar e esquecer, vivenciando suas experiências. Com esse acontecimento percebemos que a tensão frente ao aparelho foi quebrada e isto permitiu a realização do diálogo entre oralista e entrevistada e não entre entrevistada e aparelho. O centro do diálogo se desloca para a colaboradora que assume a palavra, aceita se dizer acompanha ativamente a gênese de sua *voz*, da escrita que a representa; aquele que constrói sua narrativa não somente enquanto diálogo com o pesquisador, mas aquele que assume, no dizer, a dimensão do seu vivido, a temporalidade dos seus fragmentos, gozando a sua diferença.

Uma segunda reflexão que podemos perceber nesta primeira entrevista é que apesar do uso da metodologia de História Oral é necessário que o pesquisador observe as especificidades da pesquisa. No caso de dona Carlota a gravação foi apenas uma via para a obtenção das narrativas. Na pré-entrevista e em outros momentos em que as sessões com o gravador dava-se por encerradas, dona Carlota narrava outras experiências que foram registrados no caderno de campo. Nesse caso, para integrar estes relatos ao texto de dona Carlota, nos orientamos pelo trabalho feito por Gabriel Garcia Marques, citado por Meihy que o apresentou como um exemplo de textualização em *Canto Morte Kaiowá*:

> *Gabriel Garcia Marques em seu célebre "relato de um náufrago" (Record, rio de janeiro, 1970) [...] mostra como se deve proceder no caso do registro de algumas histórias de vida: "acho que a melhor maneira é ter uma longa conversa, sem que o jornalista tome notas. Depois ele deveria pensar na conversa e registrar as impressões do que sentiu, não necessariamente usando as palavras exatas que lhe foram ditas" e complementa "não foi com perguntas e respostas. O marinheiro apenas contou suas aventuras e eu as reescrevi, tentando usar as palavras dele, na primeira pessoa, como se fosse ele quem estivesse escrevendo" (apud Meihy,1991: 31).*

Deste modo, as conversas que não foram gravadas passaram a compor o corpo do texto das entrevistas gravadas e foram confirmadas ou retificadas por dona Carlota no ato da conferência.

Houve ainda uma quarta entrevista em que foram ampliadas as questões abordadas nas entrevistas anteriores. As outras entrevistas realizadas com dona

Carlota foram exploratórias e complementares aos assuntos relatados na *Cápsula Narrativa*, sendo todas elas posteriormente integradas à cápsula.

No quinto encontro, foi retornado o texto transcriado para leitura e conferência. Dona Carlota acompanhou com atenção e confirmações do tipo: *Foi assim mesmo.* Feitas às correções sobre nome de lugares e de pessoas dona Carlota quis ainda acrescentar um relato de parto: o nascimento de dois bebês no mesmo dia.

Maria das Graças foi a segunda entrevistada. Por conta de nossa relação de trabalho já tinha conhecimento de sua prática da reza. A primeira vez em que tratamos sobre o projeto era o mês de novembro de 1998, na divisão administrativa pública em que trabalhávamos. Quando foi convidada para fazer parte do projeto para contar as suas experiências de vida, Maria das Graças se agradou da idéia, mas se preocupou querendo saber que tipo de experiência poderia ser dito. Ali mesmo na pré-entrevista Maria das Graças começo a contar tantas coisas vividas, que não tinha conhecimento. O que despertou as perguntas como: qual a trajetória que a levou a prática e o reconhecimento da benzeção.

Na entrevista foi lembrado que Maria das graças poderia iniciar por onde quisesse, pois, não adotamos a utilização de questionários, ou temporalidades pré-determinadas (linealidade histórica) para possibilitar a estruturação particular das narrativas a partir do enredo específico construído nas relações de sentidos estabelecidas em sua vivência. Essa atitude foi desenvolvida enquanto conceito de *Cápsula Narrativa* no texto *A Noção de Cápsula Narrativa* de Alberto Lins Caldas (1999b). A proposta operacional desses conceitos é possibilitar o surgimento de um *centro de narratividade,* em que a colaboradora ordene a seqüência de suas experiências, organizando estruturando uma temporalidade singular, um corpo, uma estrutura discursiva de seu mundo, de suas crenças.

Maria das Graças foi uma das entrevistadas em que a *cápsula narrativa* se realizou de forma plena numa unidade narrativa em que a narradora nos envolve em seu enredo, até ver enfim as suas imagens realizadas e consolidadas numa integralidade narrativa. Sem interrupções do contar, podemos conseguir através da cápsula narrativa um eixo narrativo, que será respeitado até o fim do processo

de elaboração do texto, sem predeterminações através de questionários. De minha parte, não foi uma escuta passiva, foi um ouvir participante, em que dialogei, sonhei, silenciei, chorei e ri junto com as colaboradoras. Escutar o outro promoveu questionamentos, reflexões, apontou para um novo olhar sobre si, não só referente à temática da pesquisa, mas, sobre a própria vida.

Uma das coisas admiráveis em Maria das Graças é a atitude espontânea em narrar, é uma enorme vontade de falar, contar suas experiências, seus sonhos, dizer suas graças recebidas. Esse se revelou um dos objetivos de sua narrativa: falar das graças recebidas. Por isso escolhe como início de sua narrativa o seu nascimento anunciado por um espírito o que já aponta uma narrativa profundamente mística e espiritual. Por isso foi pontuada de momentos de profunda emoção, de olhares perdidos nos sonhos e nas visões que são tão marcantes em sua vida.

Podendo iniciar sua narrativa por onde quisessem Maria das Graças escolhe um *nascimento voluntário* para a narrativa, que coincidente com o relato de seu nascimento. O que não necessariamente acontece com as outras colaboradoras, que por vezes destoam da linearidade histórica (do nascimento ou infância à vida adulta) (1999c). O nascimento voluntário é o elemento fundante de singularidade narrativa e alteridade, pois evidencia um marco na presença de alguém, ou o parâmetro que cada um faz uso para se fazer presente na vida.

Por sugestão da colaboradora, a primeira e única entrevista aconteceu em sua casa, mais exatamente em seu quarto, local de suas orações, descansos e meditações. Ali, uma sentada na rede e a outra na cama, na cadência macia da voz de Maria das Graças ia se apresentando um mundo de visões de imagens oníricas, encantamentos, como batalhas, desafios, sofrimentos, requebros, amores, tormentas, me despertou de tal modo a imaginação. As palavras se emaranharam na mente em várias redes de sentidos, nas quais ocorriam entrelaçamentos temporais e espaciais: o tempo passado, o tempo onírico, os espaços sagrados e profanos, tudo numa simbiose presentificada em uma só alteridade narrativa.

Maria das Graças é assídua às celebrações da Igreja Nossa Senhora das Graças, aos cultos das Igrejas Evangélicas Metodistas e Quadrangular e às vezes a reuniões espíritas, mas denomina-se como católica. Maria das Graças é uma junção de universos simbólicos e um receptáculo de rituais, na forma de uma síntese original de elementos culturais de diferentes proveniências. Este se revela um item importante na interpretação do texto Maria das Graças.

A conferência ocorreu na seção de trabalho, no pós-expediente. Na ocasião a colaboradora apresentou uma pasta de certificados de variados cursos artesanais e profissionalizantes realizados no tempo em que morava em Uberaba e na época em que ficou internada num hospital do Rio de Janeiro. Havia certificados de cursos bíblicos realizados para a doutrinação em várias religiões, cursos de artesanatos, de corte e cabelo, entre outros.

A terceira colaboradora foi Maria de Jesus. Nosso encontro ocorreu por intermédio de uma amiga que estava levando sua filha para rezar, por motivos de doença. Maria de Jesus é participante da Igreja São José na cidade de Porto Velho e mais especificamente da Renovação Carismática que foi agente de profundas transformações em sua vida.

No primeiro encontro, ao chegar estavam saindo dois rapazes que haviam recebido as rezas. Fiquei esperando que ela rezasse na filha de minha amiga e logo depois ela me apresentou para a senhora. Ela, Maria de Jesus foi acolhedora à participação no projeto e atribuiu a minha visita a um desígno divino. Fiquei feliz, me delonguei na explicação sobre o projeto, quem eu era, onde tinha nascido. Tudo isso foi saindo na conversa que se desenvolveu de forma serena, sossegada, como quem vai avaliando o outro sem pressa. Cabe ao outro respeitar o ritmo do encontro-confronto, onde muito do que é dito não é falado. Maria de Jesus é uma pessoa simples, do interior de Humaitá, falava manso, mas com firmeza. Antes da nossa despedida chegou outra pessoa para se atendida. Tantas recorrências suscitam perguntas: qual o percurso que levou ao reconhecimento de Maria de Jesus como rezadeira e se ela se reconhece como tal.

Ao todo foram realizadas três entrevistas. A primeira aconteceu num domingo de janeiro de 1999, a pedido da colaboradora. E contou com a presença

de familiares e a participação de seu esposo Domingos Miranda Leão. A entrevista ocorreu numa atmosfera de conversa sobre os tempos antigos. As falas de Maria de Jesus e de Domingos se ajustavam como se fosse uma só voz construída em anos de convivência, compartilhando as impressões e as re-elaborações da memória. Apesar da voz de Maria de Jesus ser predominante em toda a entrevista, a palavra do esposo interferia de forma pontual, complementando a narrativa com minúcias. No processo de textualização as intervenções foram integradas a fala de Maria de Jesus por compreender que as falas de seu Domingos foram sempre pertinentes aos assuntos introduzidos por Maria de Jesus.[4]

O ambiente em que foram realizadas as entrevistas foi à casa de Maria de Jesus. Era simples, modesta, fazia recordar os ares de casa do interior, com poucos móveis, bem limpa, feita de madeira cercada de plantas. O ambiente de sua casa destoa de sua localização que ficava numa rua muito movimentada da cidade por dar acesso a vários bairros da zona sul da cidade. A sala onde foi realizada a primeira entrevista era ornamentada com vários santos de madeira e gesso, enfeitados com fitas e terços. São ostentados com muito orgulho, pois afinal foram salvos de serem jogados fora por estarem com a aparência gasta; ainda enfeitam a sala lembranças do Dia das Mães pregadas nas paredes; elefantes grandes e pequenos junto à TV. No quintal onde foram realizadas as duas últimas entrevistas têm-se a impressão de que o tempo do relógio não passa por ali e nem tem a pretensão de passar: o pássaro canta sossegado na árvore, alheio a toda confusão automobilista a poucos metros dali. Nas outras duas entrevistas não ocorreram outras participações, com exceção dos intervalos feitos por ocasião da chegada de clientes que vão e vem à casa de Maria de Jesus. A segunda e a terceira entrevistas foram realizadas no quintal. Foram conclusivas para o trabalho de entrevista com Maria de Jesus. A leitura da conferência foi ouvida atentamente e não teve alteração.

[4] Esta alternativa foi utilizada em certos momentos na execução do projeto ”Canto de Morte Kaiowá” de Meihy. Op. cit. 1991. Na ocasião das entrevistas com os índios de Dourados, Mato Grosso do Sul os pesquisadores se depararam com a ocorrência de entrevistas que contava com a participação de familiares, vizinhos. Uma das conclusões que a equipe de trabalho elaborou foi que “afinal se nos evidenciou que o discurso apesar de dirigido por um narrador, espalhava as marcas de uma fala comunitária” p. 20.

Em 2003, foram realizadas as entrevistas com dona Francisca e dona Raimunda por ocasião do projeto da presente dissertação.

Dona Francisca foi indicada por uma amiga, Janete, liderança de comunidade que tinha conhecimento do projeto desenvolvido. Na mesma rua ela me indicou outras duas rezadeiras que eram consultadas pela comunidade, porém apenas Dona Francisca aceitou.

Apesar de não conhecer Dona Francisca, tinha certos contatos na localidade e logo que tive conhecimento de sua prática como rezadeira, me acerquei de seus conhecidos a fim de obter outras informações de sua pessoa. Era muito querida por todos. Muito entusiasta, participava da Igreja Santa Terezinha e era muito animada para festas.

Depois que falei sobre a natureza do projeto ela disse que participava e a seguir acertamos dia e hora, quinze de julho às três horas da tarde. No dia marcado eu estava à porta de sua casa: entrei por trás e logo fui acomodada num sofá e ela sentou à cama. Nem podia imaginar que aquela senhora de olhar tão alegre poderia tecer um rosário de sofrimentos de forma a não afligir sua serenidade atual. Teve muitos filhos, mas lhe restavam poucos. No momento da entrevista chegou um sobrinho de idade adolescente, que dormia com ela. Fez questão de apresentá-lo e que ele me cumprimentasse.

No retorno para outra visita, soube que dona Francisca havia falecido de ataque do coração Estava numa festa na casa de conhecidos quando não se sentiu bem, foi socorrida, mas não resistiu. No dia em que voltei, quem estava morando na casa era sua filha Ema que ficou muito admirada em saber do trabalho que a mãe estava participando. Depois de explicar os propósitos da pesquisa perguntei se havia alguma coisa contra a utilização do texto na pesquisa, Ema concordou com a participação do texto no trabalho. Perguntei se o outro filho de dona Francisca não faria objeção. Ema então relatou que seu irmão Antônio havia falecido dias depois que a mãe morrera, ficando somente ela de uma família de doze irmãos.

A conferência foi marcante para mim e para Ema que ouvia pela voz de outra pessoa, a vida de sua mãe. Ao ouvir o texto transcriado da entrevista de

dona Francisca, Ema disse apenas *É a mesma coisa de está vendo ela*. Hoje em dia é no mínimo estranho ouvir a voz de dona Francisca gravada em fita. Permanece uma sensação de conformidade com um ditado africano: *Quando um homem velho morre, uma biblioteca é incendiada*. Quanto mais dona Francisca tinha para narrar, pra nos ensinar?

A última entrevistada foi dona Raimunda que me foi apresentada por uma conhecida de faculdade. É uma senhora muito animada, ativa e conversadeira. As entrevistas foram realizadas todas num salão que era o antigo barraco do centro de umbanda dirigido por ela. Agora que não tem mais o Centro, voltou a participar ativamente da Igreja Nossa Senhora da Graças onde é legionária de Maria.

Após a explicação do projeto, aceitou com animação participar narrando suas experiências de vida. Neste primeiro encontro conversamos longamente sobre as histórias de cada oração que sabia. Depois enveredamos pela história da cidade e das pessoas importante da época. Dona Raimunda é muito antiga na cidade, conhecendo muitas das personalidades que até hoje tem renome na memória da sociedade. Morou em muitos lugares na cidade. Depois de muito conversar, fez questão de me apresentar seu lugar especial de orações: um pequeno quarto com imagens de muitos santos. E assim encerramos esta primeira visita com data marcada para fazer a entrevista, 10 de junho de 2003.

No dia marcado a entrevista foi realizada ao som da *sessão da tarde* na TV, com o ritmo empregado por dona Raimunda, conversadeira como ela só, conversava com prazer. A alegoria usada por Benjamin para expressar a idéia de narrador e narrativa se aproxima convenientemente da forma de narrar de dona Raimunda: o narrador é o oleiro e a narrativa é a argila do vaso que é moldado de um trabalho longo de modelagem e polimento das coisas de que o narrador é o propagador (Benjamin, 1987: 205). Dona Raimunda narra com a voz e o corpo. Quando conta com sua voz anasalada ela oscila entre a impostação e o sussurro, o corpo franzino encrespa, arqueia assume as proporções dos elementos da narrativa: a alegoria, do símbolo, do mito.

Todo o momento narrativo é feito a dois, oralista e narrador. Se dona Raimunda estabeleceu uma escolha, de como queria se apresentar, o faz num

movimento de diálogo e relação com o outro que escuta essa certa leitura de si. As duas partes fazem um deslocamento: no narrar encenam-se as experiências mais caras para nós, experimentamos a nós mesmo e nesse ato relemos o nosso presente e a nós; os ouvintes seduzidos se deslocam participantes da mesma saga, compartilhando as sensações de angústia no martírio; das alegrias depois da aflição. Somos logrados junto com a narradora e saímos dele juntas. Ao longo da narrativa um novo devir se apresenta e uma nova faceta aparece da narradora e de nós mesmos.

O trabalho se estendeu por toda à tarde até o horário da novela. Essa foi uma das cápsulas narrativas mais longas. O resultado da tarde foi a sensação de ter obtido uma narrativa grandiosa, não por seu tamanho, mas por seu conteúdo variado e épico, por entrelaçar suas experiências de vida e suas narrativas de *quando Jesus andava no mundo*. Na transcrição do texto se entrevia o desafio que este texto se apresentava a leitura. A conferência foi feita com algumas complementações a algumas idéias do texto e correções de nomes.

Estas são algumas impressões registradas da etapa de campo que gerou este conjunto de textos que tem em sua dimensão a totalidade, no entanto, é deliberadamente incompleto, contradizendo todo furor de uma pesquisa quantitativo-representativa. O conjunto das entrevistas é um imenso exercício de reconhecimento da construção do espaço e das relações que criam a *realidade*, são matrizes que se multiplicam enquanto redes discursivas. São filiais de uma comunidade de discurso com suas representações, contradições, ambigüidade da existência das rezadeiras.

Sobre a Elaboração dos Textos

As entrevistas foram transcritas transpondo o código da oralidade para o código escrito. Esse primeiro texto além das vozes gravadas foram registros sinais apreendidos pelo oralista como as expressões faciais, gestos corporais, emoções não verbalizadas, silêncios marcantes para a narrativa na confiança de compor um

texto que vai além do dito. As máquinas registram as vozes, nuanças, ruídos, inflexões e entonação da voz. Mas, apenas isso. As emoções são captadas pelos nossos sentidos: ver, olhar nos olhos, ouvir, escutar as palavras, sentir a presença da pessoa, os odores dos lugares. É certo avaliar que o limite da transcrição não é a gravação literal, mas a percepção do oralista sob o colaborador e suas intenções embutidas nas relações estabelecidas no diálogo da entrevista.

Todos os esforços do pesquisador na elaboração dos textos das narrativas foram para criar um real impossível de ter acontecido no ritmo e na cadência inscrita nos textos; tudo e feito com o esforço para que se realizem na escrita as intenções da colaboradora, seus devaneios, os sonhos, dando solidez textual à identidade das rezadeiras. As narrativas são aqui compreendidas como a expressão mais pura da verdade discursiva do outro, na medida em que a verdade está na versão oferecida pelo narrador que é soberano para revelar ou ocultar casos, situações ou pessoas (Meihy, 1997a). Nem podem ser vista em oposição, no sentido de que umas contenham mais verdade ou mais realidade do que outras, sendo contrapostas como marcadas por diferentes níveis de verdades. Cada qual possui uma modalidade de sistemas de significação por isso se torna inviável a análise por assunto e optei por uma interpretação por narrativas.

O trabalho de *textualização* tenciona transformar as intenções que estão nos diálogos das colaboradoras, em expressões textuais. Cria-se o texto teatralizado onde as ações de rir, chorar, empolgar-se, deprimir-se se transformam em palavras. Os silêncios e o ritmo das colaboradoras são expressos em palavras e sinais de pontuação, com reticências e interjeições. Em cada re-contar, acrescentar, dizer de intenções o pesquisador se coloca no texto, pois estas são interpretações, impressões das vivências em diálogo com as colaboradoras. As etapas da constituição textual se realizam numa lógica de *Transcriação*[5], de interferência incisiva do pesquisador na construção do texto. Numa *traição* ao oral para buscar restabelecer um diálogo fictício do propósito discursivo pretendido

[5] Todas essas etapas da constituição textual, de interferência incisiva do pesquisador na construção do texto se dão numa lógica de *Transcriação* conpreendida por Haroldo de Campos como tradução, é um exercício de criação, de multiplicação do autor e do leitor no texto que se mantém ativos em busca das dobras, dos pontos escuros, dos enigmas, das contradições, resultando sempre em mais diálogo. CAMPOS, Haroldo de. *A Operação do Texto*. Perspectiva, col. Debates 134, São Paulo, 1976ª, p. 9.

pelas colaboradoras como expressão de si mesmas. Quando o pesquisador leva o texto para ser conferido pela colaboradora ocorre a confirmação, o reconhecimento do outro no texto transcriado (Caldas, 1999a).

O texto não se torna notável por sua fidelidade ao *original*, mas é na traição, na recriação que se aproxima mais do *original* e de outros textos por conseguintes, afinal todo texto dialoga com outros textos. Por essa forma, é na *traição* ao oral que buscamos restabelecer as imagens desejadas pelo outro, como expressão de sua identidade num diálogo fictício.

Fazendo uma releitura ao conceito de *transcriação* Caldas desencadeou uma notável reflexão que está desenvolvida em seus livros *Oralidade, texto e História* (1999a) e *Nas águas do texto* (2001) estendendo a concepção de *transcriação* aplicada ao texto, para a concepção de realidade. Para Caldas:

> *Todo o processo (do "projeto", passando pelas entrevistas, com o trabalho de "criar o texto", até o texto "final") faz parte de uma transcriação hermenêutica, que não é apenas a 'modificação' ou 'fase final dos trabalhos dos discursos', mas concepção e visão de mundo, não somente de como se produz um texto, mas sobre o fundamento da própria realidade, sendo, portanto, parte inextirpável da própria estrutura interpretativa. [...] Ao mesmo tempo, o conceito de transcriação instaura um desequilíbrio e um estranhamento radical ao desmantelar o tradicional respeito e distanciamento entre o sujeito e o objeto (todo o objeto é criação do ser social, não podendo ser pensado separado desse fundamento). O conceito de transcriação traduz uma ação criativa e uma relação viva entre as clássicas dicotomias (sujeito e objeto, eu-tu, oral-escrito, documento-pesquisador) superando-as sem fazer-lhes concessões (2001: 34-35).*

Caldas expor que o mundo deve ser visto, antes de tudo, como um texto em construção e leitura, e nós somos criação e criadores dessas inscrições sociais[6]. É a linguagem específica de uma comunidade que cria seus corpos, suas crenças e ordena a si mesma. A linguagem constitutiva emprega ao mundo e ao texto certa plasticidade: projetando na escritura das narrativas esta ficcionalidade percebida por Meihy. No texto do narrador está presente sua vivência, suas redes de significados escolhidas e organizadas numa perspectiva de memória, numa

[6]

intertextualidade, numa abertura, sempre menos e sempre mais do que a vivência social que o constitui, mas os textos também são lidos como pertencentes ao imaginário constituído socialmente.

Esses mesmos discursos em sentido coletivo se realizam enquanto um evento social e não atos encerrados, lingüísticos, abstratos ou psicológicos descrevendo como uma consciência subjetiva e isolada. As palavras estão carregadas de sentenças sociais, juízos de valores, que antes de tudo, determinam a seleção de palavras e as elaborações de imagens. Essa livre escolha e as determinações sociais não se opõem, mas se complementam como parte componente de uma mesma realidade discursiva que joga com os níveis da individualidade e da coletividade. As vozes que as enunciam delineando identidades individuais dos narradores e identidades coletivas dos grupos a que pertencem. As narrativas são aqui compreendidas como a expressão da mais pura verdade discursiva, na medida em que a verdade está na versão oferecida pelo narrador que é soberano para revelar ou ocultar casos, situações ou pessoas.

PARTE II

TEXTOS

RAIMUNDA OLIVEIRA

1. Então eu vou falar sobre as cúrias né... sobre as rezas né... é porque a minha experiência de vida... como eu já falei começou assim... até os vinte e cinco anos de idade eu tinha minha mãe... a minha experiência era infantil mesmo... pra mim não existia nada somente eu e minha mãe... depois quando minha mãe morreu SE PARTIU TODO... o sofrimento veio mais um pouco com o esposo... fui pensando... na minha vida... aí fiquei uns três anos muito doente depois melhorei... fiquei com o marido... aí SEPARAÇÃO...
2. Eu era católica da Igreja... lecionava catecismo... trabalhava com seu bispo... veio a separação... desorientou minha cabeça... eu me afastei da Igreja... passei uns oitos anos... aí peguei uma doença grande... grande. Foi quando fui num senhor que tinha uma casa que mexia com esse negocio de remédio caseiro... eu já tinha ido em tudo que era médico.
3. Eu disse: “Vou lá naquele senhor... Seu Alfredo...” conversei com ele... contei minha história, ele disse: “Ah! Senhora... vamos escrever uma carta pro Centro dos espíritas Alan Kardec do Rio de Janeiro...” Ele escreveu essa carta contando tudo... lá os médicos vieram me consultar INVISÍVEL!
4. Então eu tive uma revelação... falaram que eu tinha que desenvolver um espiritismo... que a doença era espiritual... E com essa conclusão... umas colegas minha dizia: “Vamos no Centro... vamos no Centro...” “Vou não... vou no Centro não porque... agora eu não tenho religião bem dizer... mas eu vou

voltar pra Igreja... então eu não vou...” Foi indo... foi indo... um dia... eu digo: “Tá bom”...

5. Eu era doente dessa dor eu sofria... sofria uma doença assim que eu não sabia nem como era. Quando eu melhorei um pouquim... me preparei e fui no Centro ali na Jaci-Paraná... Nesse tempo tudo ali era mato... tinha só um caminhosim. Cheguei na casa... ele iniciou a sessão espírita.
6. Chamaram pra consultar... a consulta com o espírito incorporado. Eu me consultei lá... e só justificou o que realmente os de lá tinham dito... aí eu saí... Disse: “Não não não... eu não aceito... não vou aceitar isso não minha irmã... eu vou pra casa e não vou mais voltar...”
7. Nessa conversa que eu tava saí e encontrei duas colegas minha que eram da Igreja e tavam lá... mas eu nem entrei em contato com elas... eu ficava pensando: “Meu Deus como é que elas foram parar ali?... Ah meu Deus será...” eu disse: “SENHOR... eu vou conversar Contigo aqui e vou dizer... foi Tu que deu esse dom pra mim?... Foi Tu que deu?
8. Se Tu deu toca no meu coração que eu desenvolva esse dom... esse pouco que tem escondido dentro de mim... porque eu já... desenvolvi na religião católica... já foi lá dentro da Igreja... fui missionária... fui catequista... fui tudo lá na Igreja... Então tem mais um pouco desse dom Teu em mim... toca no meu coração que eu vá!... Que eu desenvolva!...” Aí eu fui...
9. Segui lá no espiritismo... Na época em que eu estava no espiritismo foram descobrindo que eu trabalhava em costura... bordado e eu fazia renda... costurava... bordava... fuçava em confecção... de tudo quanto era flores de papel... De tudo eu fazia... num sabe...
10. Lá foram descobrindo... foram me dando um cargo... me deram logo um cargo de... diretora do Centro!... Era um Centro bem pequenininho... Eu fiquei mandando no Centro lá... fazia tudo... Eu sabia tirar novena!... Eu sabia rezar terço! sabia tudo... tudo... tudo mesmo. Aí passei logo a ser a mulher da oração... era uma UMBANDA! Mas era assim... o homem festejava São Sebastião... e tinha aquelas festas grandes bonitas que vinha até o governador... o prefeito... era dia vinte de janeiro... é...

11. Eu fiquei nesse Centro e lá me desenvolvi... Daí ACABOU TUDO!... A malaria que eu tinha eterna acabou. Eu lembrei que minha tia tinha passado esse dom de cura pra mim!... Ela disse pra mim: “Olha minha filha... eu tô muito doente... Eu vou deixar tudo isso aqui pra você... vai rezar pra quebranto, pra vento caído, pra mau olhado, pra vermelha, pra dor de cabeça, pra mãe do corpo...” eu disse: “Tá bom... tá legal...” Mas eu não esqueci...
12. Quando eu cheguei no Centro vi as pessoas chegar querendo aquele trabalho... aquela cura e o pai de santo da casa rezava e tudo... aí chegou uma menina com uma mulher... a menina estava muito mal...
13. Pensei: “Eu vou já dizer pra mulher que eu rezo...” Disse pra mulher: “Olha... se a senhora quiser eu vou rezar na sua filha...” Ela: “Reze pelo amor de Deus...” eu rezei. Foi a primeira menina que eu rezei... E foi correndinho que a menina ficou boa e inclusivimente eu foi madrinha dela!... Ela era bem moreninha... se casou e foi embora pra outro lugar...
14. Dentro do espiritismo trabalhei trinta anos... trinta anos... desenvolvi esse trabalho espírita de cura... tinha gente que saia do hospital e vinha aqui pra se curado...
15. Quando foi uns sete... OITO ANOS depois... era tempo de eleição... eu vim pra cá onde moro... aqui tudo era mato... um caminhosim que tinha uma estância... Eu vim aqui um dia porque a mulher da estância tava doente e eu vim fazer a cura... rezar na mulher aqui... Ela foi contou que tinha um senhor aqui neste terreno... ele era sozinho e meio cego do olho... trabalhava de sapateiro... ele disse assim: “Ah dona Raimunda... se a senhora pedir aos seus guias... a sua força de espírito que a senhora tem pra mim aposentar... eu dou um pedaço desse terreno aqui pra senhora...” eu digo: “Ah! Tá bom... eu vou fazer...” Eu peguei o nome do velhinho... aí o velhinho se aposentou... ele me deu esse terreno pra mim construir...
16. Saí de lá e fui trabalhar por conta própria... aluguei um quartinho aqui e a casinha de barro do senhor bem aqui... fiz um barracãozim bem pequenininho de palha primeiro... aí eu passei a ter meu santo né... minha

casa d'eu festejar São José!... Porque um ano eu fui em Belém com meu pai de santo... chegando em Belém fomos num centro grande... e lá tinha uma mulher que tava incorporada... e ela me chamou e disse: "Olha... quando você for trabalhar na sua casa o seu santo vai ser São José " e eu lembrei disso... construí outro barracão de zinco... esse aqui que estamos já é o terceiro barracão que eu fiz de alvenaria... construí isso aqui tudinho... Tinha essa estância aí... a mulher alugava e ficava uma perturbação só... então eu comprei...

17. Aqui era pesado... pra essa banda aqui não tinha luz. A dona da estância disse assim: "Oh dona Raimunda... vamos trabalhar... a senhora peça aí pros seus guias pra nóis colocar água encanada..." Colocamos. "Vamos pedir pra senhora trabalhar pra nos botar luz aqui..." Botamos. A primeira televisão que tive aqui foi a dela... Eu fazia assim... tocava de noite fazia aquelas festas com porenga... Sabe o que era poranga?... uma lamparina que bota assim... No outro ano já era com Aladim... Porque tinha um senhor que era secretário do governo... souberam lá e já vieram no meu almoço de São José... disseram: "Dona Raimunda... aqui não tem luz, né?" "Tem não... luz" "Eu vou mandar dois aladim pra senhora". Mandou dois aladim pra nóis... depois colocaram a luz...

18. Fiquei aqui nesse barracãozim de palha... quando comecei... minha filha!... Era GENTE GENTE... eu lembro que começava a consultar ali naquele quartinho que eu preparei... dia de quinta-feira umas três horas. Quando era mais tarde... umas dez horas começava a sessão espírita da irmandade. Trabalhava esses dois dias: segunda e quinta... felizmente eu fiz tudo isso. Eu rezava... era muito procurada... Porque diz assim no LIVRO ESPÍRITA... que a pessoa trabalha espiritual com as proteção dos guias é até 70 anos... depois de 70 anos eles afastam e eu trabalhei espiritualmente até 73 anos!...

19. Com 73 anos o chefe da casa que era o espírito que trabalhava aqui em casa... seu Pena verde ele era mestre... curador... ele curava mesmo...

20. Esse guia nunca cobrou nada... Ninguém lembra da pessoa dizer: "Seu Pena Verde me cobrou um real..." Agora EU... Ele mandava eu fazer as curas e eu

fazia e as pessoas me davam... DAVAM PRA MIM. Porque quem quisesse gratificar... o que era recebido ia pra dona Raimunda... não pra ele...

21. Quando foi um dia... fizemos um festejo Nossa Senhora de Nazaré... ele disse que por ele ia encerrar... mais eu tinha uma filha... Lurdes... que eu entregasse pra ela... Aquela menina ela reza bem!... Aí parou de funcionar aqui... porque minha filha era muito preocupada... tinha muitos filhos... não quis. Vai fazer seis anos agora no mês de outubro de 2003... que parou... Eu fiquei só trabalhando assim... faço rezas, as curas essa eu não posso parar.

22. Então o início do meu desenvolvimento de cura foi assim... mas eu já trazia isso!... Porque eu lia a Bíblia... minha família era muito católica... e eu era muito católica era muito inteligente da minha cabeça!

23. A primeira vez que eu vi o padre eu disse pro padre: “Eu queria saber rezar... eu queria ser rezadeira…” Eu tinha dez anos... e queria rezar pra tirar novena em casa e tudo... ele disse: “Ah! Tá bom...” eu conversei com seu bispo... eu fui catequista na Igreja ia muito a Igreja...

24. Por fim as curas vêm do início desse nosso século I e II de Jesus. Quando Ele andava no mundo era só curando. Inclusivimente nós tava agora... nos quarenta dias que ele foi ressuscitado né...

25. Daí ele ressuscitou-se passou quarenta dias na terra preparando tudo isso que nós temos... Tudo... os animais selvagem e os outros animais... tudo que nós temos na terra... tudo que existe pra nós... os bom e os ruim...

26. Quando ele andava com os apóstolos nesse tempo... nós lemos... o evangelho de João e os capítulos de... de Atos dos Apóstolos né... então nesse tempo... tinha uma mulher muito doente... ela era uma MULHER SOLTEIRA!

27. Essa mulher vinha correndo... ela sofria a seis anos de uma hemorragia muito grande... não tinha cura... e ela soube que Jesus ia passando por ali e correu... segurou na roupa Dele e disse: “Senhor... cura-me...” Ele disse: “Mulher volta pra tua casa que a tua fé te curou...” Essa reza é pra hemorragia... eu também rezo pra essa doença...

28. Então os apóstolos não entendiam muito... Pedro era o apóstolo que mais perguntava ao Senhor. Porque ele queria saber de tudo direitinho como era!... Muitas vezes ele recusava: “Oh Senhor... não tá certo fazer isso para fulano...” Mas Deus não escolheu!... Ele abençoa todos nós que somos filhos... Se você é uma pessoa que tivesse fazendo o mal... ele ia lá aconselhava... AGORA DEPENDIA DA SUA FÉ e de você acompanhar o ensinamento dele e o mandamento dele!
29. Bem. Foi quando ele disse: “Pedro... a mulher tem fé e a mulher vai se curada com a fé...” Ele mandou Paulo ir à casa da mulher... Eles não queriam que Jesus curasse a mulher porque era mulher solteira... e Jesus curou... Pois justamente essa é a reza pra hemorragia...
30. Eu fiquei pensando assim: “Bem... se Jesus quando tava no mundo... andava curando... e não é proibido curar não... então dentro do espiritismo eu vou exercer o dom de cura que eu tenho...”
31. Depois vem a oração de vermelha: Jesus andava no mundo... Pedro saiu e encontrou esse homem todo queimado... a perna tava papocada... Ele voltou e disse: “Senhor... ali tem um homem muito doente queimado da perna... o Senhor tem como curar?...”
32. Ele disse: “Volta Pedro e cura com água do mar e ramo verde e diga a reza da Isipe... ‘isipe isipela isipelão maldita maldiçoada deixa esse corpo são e aliviado... Do tutano vem pro osso do osso vem pra carne da carne vem pra pele da pele vai pras ondas do mar sagrado... e Jesus quando andava no mundo ele andava curando assim tu és curado fulano’” diz o nome da pessoa... CUROU.
33. Depois foi do vento caído e mal olhado, né... Era no tempo que tavam querendo matar as crianças... uma mulher correu com as crianças dela. Jesus mandou Pedro curar: “Senhor com que eu vou curar o filho dela... ela está desesperada...” “Cura... chega lá pega de novo água do mar e raminho verde e diz ‘eu benzo vento caído... quebranto e mal olhado... da cabecinha eu tiro com Santa Tereza... pela frente com São José... de banda eu tiro com a Santa Ana... por traz com São Brás e do corpo todo eu tiro com Jesus

Cristo que ele cura nóis todo... em nome do Pai do Filho do Espírito Santo'"... E aí chama pelo nome da criança... o homem reza o Pai Nosso e a mulher a Salve Rainha.

34. E por aí vai... têm muitas orações de cura... Jesus andava no mundo com os apóstolos quando chegaram nessa casa e pediu abrigo... A mulher escolheu aquela casa velha de palha... botou Jesus lá onde era os chiqueiros dos porcos... e o homem estava pescando... Quando ele chegou... ela disse: "Marido... aí tem um velho com uns homens e eu hospedei eles lá..." O homem foi conversar com eles... disse: "Mulher vamos dar uns peixes pra eles porque tão com fome..." ela foi escolheu só os miudinhos... "Dá esses aí pra eles..."

35. Deram pra eles e ela foi comer... na hora que ela tava comendo se engasgou... atravessou a espinha na goela dela... ela tava passando mal... muito mal. "Marido... quem sabe aquele velho ali não reza... esses velhos sempre gosta de rezar..." Chamou Jesus Cristo... ele disse: "Homem bom mulher má... peixe graúdo peixe miúdo... homem bom mulher má... ou suba ou desça obedeça pelo poder de São Brás..." essa é a oração... Tudo Ele fazia conforme fazia a primeira declamação... porque o marido dela era tão bom e ela má... Ela disse então: "AH PRONTO... tira... não deixe mais o homem ficar lá... bota ele aqui dentro de casa..." Então essa é a de espinha...

36. E assim foram as outras curas... o cobreiro brabo é outra doença perigosa... "Como o Senhor vai curar... como eu vou curar?" "Cobreiro é cobra e reza com a tesoura... a caneta e o papel..." Eu corto o papel desse tamanho prego no cobreiro e digo: "O que é que eu corto?..." e a pessoa responde: "Cobreiro brabo..." aí corta a cabeça e o rabo... Vai dizendo e vai cortando até acabar o papel...

37. Depois pega a caneta e faz a cruz só fechando onde ele tá pra não continuar... e vai rezando: Ave Maria... Santa Maria... O cobreiro fica ali e vai morrer!... O QUE TÁ FORTE tem que rezar muitas vezes... como foi o caso de um homem que veio aqui foi tempo. E outro mais fraquinho não... rezo uma vez... duas vez... três vez... Mas esse meu garotinho... meu bisnetinho...

eu olhei o bichinho, tava bem aqui no corpim dele... deste tamanho a cobrinha... bem fininha parecia uma linha... já era cobrinha!... Corri mais que depressa peguei um papelzinho cortei só foi uma vez... que cortei.

38. A reza pras pessoas com isipe isipela... toda mancha no corpo o Santo é São Lázaro... Ele foi o homem que morreu leproso e ressuscitou... ele é o santo da lepra... cura todas as infecção do corpo... Inclusivimente... eu tinha uma mancha... diziam que ERA PANO BRANCO aqui assim na mão... nas minhas pernas onde aparecia... não tinha no meu rosto... Quando eu lavava roupa minha filha!... Ficava a coisa mais terrível... Um dia um senhor disse: “Minha filha... faça uma promessa pra São Lázaro... prometa a ele acender vela toda segunda-feira que ele vai te curar...” Eu fiz... LIMPOU TUDO... curou até hoje... eu tinha 32 anos!...

39. São Brás... é o santo da garganta... Olha... São Brás a gente reza também assim: no dia de São Brás o padre na Igreja faz assim:... ele cruza as velas e bota em toda garganta da pessoa... tipo uma tesoura... Eu também rezo pra engasgo... depois que eu acabo de desengasgar... eu pego a vela cruzo e depois acendo as duas velas assim até ela queimar. Nessa casa aqui criei toda minha gente... criei neto... criei bisneto... depois vão casando vão tudo embora e eu fiquei sozinha aqui na casa... e um dia eu tava almoçando ali na mesa... ENGASGUEI...

40. Aí eu disse... “Meu Senhor Jesus pelo amor de Deus... manda uma pessoa pelo amor de Deus!...” Quando eu tô aqui a minha menina que tava aqui comigo chegou... “AH Nilce venha cá! Eu me engasguei!...” aí ela rezou aqui na minha garganta botou prato aqui na minha cabeça. E a espinha ME AFOGANDO...

41. Eu digo: “NÃO MANINHA...Vamo pro portão pra tu pegar um carro pra mim ir pro hospital!” “Minha mãe tem paciência!...” ela me chama de mãe... “Deixa eu rezar de novo...” ela rezou e eu senti que a espinha vinha... eu tirei a chapa... ela tava lá era DESTE TAMANHO... Ah maninha A ESPINHA SAIU!... eu rio agora mas no dia eu chorei na cadeira... eu digo... “Senhor...

tu é bom mesmo e ela sabe rezar...” eu confio porque ela sabe rezar... porque quem sabe rezar... reza e desengasga mesmo...

42. Da dor de dente é Santa Polônia... e da hemorragia e dor de madre como chamam é Santa Margarida que cura. Foi assim: Nossa Senhora ela num teve parteira né... depois que ela teve Jesus também tinha uma mulher que tava sofrendo muito... ela teve a criança mas a placenta não saia.

43. Diz que um senhor de idade ia caminhando no descampado... chegou lá o velho pediu água... “Senhor... me dê um pouco d'água...” E o marido dela... “AH! EU NÃO DOU ÁGUA PRA NINGUÉM NÃO... VAI EMBORA DA MINHA CASA!...” e a mulher morre-não-morre.

44. Ela gritou: “MARIDO... chama ele quem sabe ele não sabe rezar!...” o marido chegou... ele veio e sabia que Santa Margarida em vida tinha deixado essa oração... Não tô bem lembrada se ele era Felipe... Era um apóstolo.

45. Ele botou a mão nela... “Santa Margarida ela não tá prenha nem parida... Santa Margarida ela não tá prenha nem parida...” Aí saiu a placenta... Ela é a Santa pra tirar a placenta... pra hemorragia também e pra dor de madre. Eu rezava muito pra dor de madre... mas eu sofri tanto essa dor! Eu rezava e o pessoal rezava em mim e eu rezava muito bem pra essa dor... agora faz tempo que eu não rezo...

46. E pra sol... a dor de cabeça... E Pedro vinha com Jesus... passaram numa casa onde tinha dois velhos rezando. E o Senhor disse: “Vocês estão fora... estais amaldiçoado... não está no meu livro...” e Pedro ficou olhando aquilo... mais adiante um homem tava brabo gritando com dor de cabeça... chamando nome... no sol quente!... Jesus olhou pra Pedro, disse: “Pedro... vai lá... ver aquele homem...”

47. Pedro foi lá... e diz: “o homem tá com dor de cabeça... os olhos dele estão bastante vermelho...” “Pois vai lá curar ele...” “Senhor... porque o Senhor amaldiçoou aqueles dois que teve rezando e vai curar esse homem chamava nome?...” “Meu filho... porque aqueles dois estavam recomendando a alma daquele que eles tinham matado!...”

48. “Aquele tava falando palavrão porque tava tocando fogo no roçado aperriado... Mas o coração dele tinha muita temeridade... o coração dele reza pra mim... e tem fé em mim...” “Ah! Eu vou lá curar...” Pedro rezou para a dor na cabeça no homem...
49. Pros olhos e pra cabeça a santa é Santa Luzia! Ela carrega um pratinho com seus olhos e tem uma palha... Eu tinha uma palha benzida pelo padre. A gente reza com a folha. Essa minha filha mais velha... ela teve sarampo e ficou cega passamos tempo no hospital com essa menina internada. Fui com seu bispo e ele disse pra fazer uma promessa pra Santa Luzia e me deu uma palha verde pra botar nos olhos dela... e eu sabia rezar e não rezava porque eu não exercia esse dom de cura... E minha filha ficou boa porque eu rezei pra Santa Luzia.
50. São Brás é da espinha na garganta e engasgo. Pra isipe é São Lázaro. Pra quebranto, vento caído, mal olhado, pras costas e toda coisa ruim que tem em cima da gente é Santa Tereza, Santa Ana. E Jesus Cristo ele cura nós todos.
51. Tempo atrás eu conversei com o meu guia e então o Centro fechou aqui... Eu digo: ”Agora eu fiquei só... não tô mais com o meu guia, vou pra Igreja me confessar.” Mas eu pensava: o padre vai me dar uma penitência muito pesada. Cheguei lá conversei com o padre...: “Padre... eu fui de um tudo dentro da Igreja... fui missionária, fui filha de Maria, catequista, fui da irmandade Sagrado Coração de Jesus, fui da irmandade de Nossa Senhora Auxiliadora.” Ele disse: “Não minha filha... você não foi... você é... tá escrito... foi escrito no livro de Jesus.” “Mas eu deixei a Igreja... segui o espiritismo por causa de doença, de desgosto do marido... fiquei só.” ele disse: “Mas e agora, você vai deixar tudo pra lá... Vai parar?...” “Já parei... vou voltar a Igreja novamente...” “Tá bom...”
52. Porque eu ia a missa de Natal, de ano novo, na procissão... mas realmente eu sabia que não podia comungar porque eu tava exercendo outra religião e nóis não pode comungar se tiver nessa vida... Ele perguntou pra mim: “Quanto tempo faz que a senhora não comunga?...” Eu disse logo: “Padre...

uns 30 anos...” Ele disse: “Tá bom...” “Mais padre eu sou separada... meu marido tá muito mal... ele é casado com outra mulher a 14 anos...” “Mas a senhora é que é a esposa pra Deus”... eu digo “É... então eu quero confessar ficar na crença minha...” ele disse: “Vá lá no seu marido... a senhora é de mal com ele?...” “Eu sou de mal com ele há quase 40 anos. Porque ele não fala comigo e nem eu falo!”

53. Ele ajudava meus filhos, mas eu não aceitava falar com ele!... Eu não tinha mais raiva... mas eu fiquei muito sentida porque ele me deixou com cinco filhos e um no bucho... e eu era uma pessoa que não sabia fazer negócio. Eu tinha um marido... tudo ele trazia e depois eu fiquei só numa situação muito precária. Acabou todos os meus sonhos... Fui pra dentro de um hotel trabalhar... pra criar meus filhos... trabalhei oito anos!

54. Voltei pra Igreja... me confessei... O padre me disse: “senta aqui vamos rezar... Olha... você vai rezar Pai Nosso pra Jesus que é nosso Pai e vai rezar três Ave Maria pra nossa mãe Maria e... vá com seu marido... vá fazer união com ele que ele vai morrer...” aí eu... “Tá bom...”

55. Confessei... MAS tinha que falar com meu marido. Já tinha ficado muito tempo intrigado e não podia. Falei pra minha filha me levar, mas ela demorou a chegar. Lá ele morreu... não falei com ele vivo... tinha acabado de morrer. Fiquei no velório dele.

56. No outro dia fui pra Igreja... terminou a missa falei pro padre... ele disse: “Com certeza onde ele estiver você perdoou e ele lhe perdoou PODE COMUNGAR...” Comunguei... voltei pra Igreja... eu disse: “Olha Senhor... voltei pra tua casa!... Oh Pai!... Vou fazer tudo aquilo que eu já fiz... vou fazer novamente pra ti...” Eu sempre falo assim comigo e com Deus. Tô com cinco anos na Igreja... Voltei pra irmandade do Sagrado Coração de Jesus... sou da Irmandade da Legião de Maria do Apostolado e freqüento a carismática e assim é.

57. Minha mãe era casada não tinha filho... ela passou dez anos casada não tinha filho... Meu nome é Raimunda por promessa minha mãe fez uma promessa pra São Raimundo e eu nasci... Porque eu nasci?... eu acho que

eu nasci assim... por promessa... porque eu sou uma pessoa muito lutadora... e sempre aquilo que eu planejo... eu venço... Fiquei com seis filhos... três filhos e três filhas... criei tudinho.

58. Hoje eu tenho uma que mora ali... tenho uma que mora aqui que é minha filha... tem outra que mora ali no Embratel ela é evangélica... o resto são católicos... tem essa aqui que é professora tá terminando faculdade também... que é minha neta... eu criei cinco netos... nascendo e eu criando... Crie um... que vai fazer 30 anos é delegado federal mora em Guajará Mirim, casado... criei uma que é casada com um rapaz... foi pro Rio de Janeiro ele se formou é... em engenheiro de engenharia... e tenho esse que entrou aqui.

59. Esse não quis entrar no meu regulamento por isso um dia disse: “ Meu filho... você tá sofrendo um bocado na vida... só não foi preso porque a polícia não quis... eu criei seus irmãos tudo junto com você... você é o caçulinha... eu levava você pro pré todo dia... deixava e buscava e você não quis e tá sofrendo por aí...” Só esse aí que tá assim... Agora esse pequenininho que tem aqui é bisneto já nasceu na minha casa e eu tô ajudando a criar... eu tenho trinta netos... e tenho trinta e dois bisnetos. É uma família grande...

60. Agora esse ano nasceu um bisneto, o filho do Valdo... nasceu do Geraldo... nasceu do Paulo... nasceu da Valda... e nasceu o do Elton... nasceu do Oberlam e Lucivania... Lá na Igreja nós somos assim... na reunião das comunidades... tem um papel pra gente vê a mãe que tem mais bisneto... Eu ganhei... tem mais neto e mais bisneto... E tá tudo vivo com a graça de Deus... minha família é grande... Eu tenho uma bisneta casada eu acho que... ela tá fazendo faculdade e não quer ter filho... mas acho que ainda vou alcançar tataraneto... eu vou fazer 79 anos em outubro agora... dia treze... Eu faço tudo... vou pagar minha luz... pagar minha água é a graça de Deus...

61. Jesus diz na Bíblia: ”O pecado mata... mas a pessoa que vive... que sempre faz as misericórdias de Deus... cumpre os mandamentos dele... tem vida longa...” O maior mandamento de Deus é você ter amor... primeiro amor e depois caridade... A coisa que mais fiz foi caridade... eu já criei filho dos

outros... criei quatro filho alheio que me davam aqui... tá tudo por aí... menina, moça criada.

62. Eu era assim mana... mesmo quando eu tinha meu marido... se eu visse uma pessoa mulher assim que tava sofrendo... sem casa... mulher da vida... levava comida... Às vezes minha filha dizia: “Mas mamãe...“ “Minha filha... eu tenho pra comer, pra beber, tenho casa... deixa a pessoa ficar aqui ela não tem... eu tenho...” “Mas depois essa pessoa não agradece...” “Mas isso fica por conta dela... eu já fiz minha ação de religiosa...”

63. O maior dos mandamentos de Jesus... É SER HUMILDE também... porque Jesus foi a pessoa mais humilde né... porque ser humilde é muito bom... minha filha!.. Não ter aquele egoísmo com os outros... Pra mim pode morar uma vizinha que tem os filhos que rouba que é noiado... Não tenho nada com isso... rezo por eles... nunca vou dizer na cara dela: “Seus filhos é ladrão!...”

64. NÃO... porque eu sei que ela é mãe vai doer dentro do coração dela... não digo. Não tenho que classificar se é mulher solteira... não preciso... Eu tinha um pouquinho de vaidade... quando era mais nova eu era muito vaidosa... mesmo com a idade que tenho gosto de andar bem... minha unha bem feitinha... Pra eu gostar de você... do meu neto... eu tenho primeiro que me amar né... Então eu me amo... muito... gosto de mim... de mim sentir bem... andar bem prontinha ajeitar meu cabelo... Isso não é pra ninguém... isso é pra me eu gosto de mim... é pra minha pessoa... então é isso...

FRANCISCA DE OLIVEIRA MAIA

1. Me casei a primeira vez, quase me quebro de vez... vixe Maria. Tive dois filhos... não deu certo... me matava de peia. Quando foi um dia... eu tava tratando peixe... ele veio me dar uma pisa... eu tava com vinte e oito dias de resguardo... tinha um terçado assim... eu lasquei no braço dele. Eu trabalhava com o tenente Clovis... me matava de trabalhar... ele não queria nada com a vida... só com o clarinete para cima e pra baixo e atrás de mulher. Quando chegava era remexendo nas minhas coisas atrás de dinheiro... do tanto que fosse. Até que nóis se deixemos... ele veio para voltar de novo e eu não quis mais. Não adiantava né? Ele fez a primeira vez... na segunda vez ele queria me experimentar. ERA OU NÃO ERA? Eu disse não!
2. AÍ EU PASSEI SEIS ANOS... solteira... cuidando dos meus filhos... trabalhando... no mesmo lugar... com o tenente Clovis. Na casa todo mundo gostava de mim... as filhas da velha... velha era o modo de dizer que ela era nova ainda. Eles gostavam de mim e dos meus filhos...
3. Aí apareceu esse senhor que morreu na minha companhia. Veio num sábado de aleluia... passando na frente lá de casa ele me viu. Chegando na casa do compadre Chico ele perguntou... “Seu Chico, quem é aquela moça que tava ali na janela... quando nos passemos? O senhor falou com ela.” Disse... “Não é moça não... ela é uma mulher deixada do marido e uma mulher muito respeitadora... todo mundo adora ela... é minha cumadre.” “Rapaz... eu vou ver se ela quer casar comigo.” Ele era arrendatário.
4. Aí quando foi no outro dia ele foi lá em casa... chamou mamãe... disse que queria falar comigo... e eu costurava muito né... fiquei animada rindo pensei que era pra ir costurar roupa para ele. Eu digo: “Oh mãe... agora eu vou costurar é roupa e mais roupa pro seringal.” Ele chegou... “como é o seu nome?” Eu fui e disse...“Meu nome é Francisca de Oliveira Maia.” Ele pegou

e disse assim... “A senhora quer casar comigo?”... NA CARA DE PAU! Eu nunca tinha visto ele. Eu digo “EITA !!! porque o senhor quer se casar comigo assim tão de repente?” “É porque eu olhei e fiquei gostando do jeito da senhora e na minha mente a senhora vai ser uma boa esposa!” Eu disse... “Com dez dias o senhor vem aqui que eu dou a resposta... vou falar com o meu pessoal.”

5. Quando foi com dez dias ele chegou... eu já tinha falado com meu pessoal. Todo mundo estava de acordo porque gostavam dele também... eles tudo conhecia ele mas eu não conhecia. Não saia de casa... nem uma festa eu não ia. Eu tinha medo de deixar meus filhos em mãos de sinhá fulano, sinhá cicrano, sinhá beltrano. Eu não saia para canto nenhum.
6. Senão aprontava meus filhos dia de domingo pra ir pruma missa... era assim. Aí... ME CASEI COM ELE! Casei com ele em comunhão de bens... tudo o que era dele ta me pertencendo hoje... graças a Deus. Se eu fosse uma doida... né? Casar com qualquer um por aí... que não valia nada... que nem me casei a primeira vez... foi só pra ter raiva...
7. Esse meu marido ficou foi doente dum tiro que pegou... o tiro rolou nisso aqui da perna dele... fizeram operação e não teve jeito... aí foi ficando aleijado... ficando aleijado... ficou numa cadeira de roda. Eu tendo todo o cuidado com ele... até que ele prostou mesmo ai morreu... AH... EU SOFRI MUITO...
8. Uma tristeza... Vê os meus filhos morrer no seringal sem ter remédio sem ter coisissima nenhuma... é uma dor muito forte. Minha mãe tinha medo dele morrer por que ele era muito bom pra ela... chorava que só faltava se acabar. Aí nós viemos pra cá... saímos de lá ela tinha morrido já. Vimos pra cá... chegou aqui fizeram uma operação na perna dele... não sei que operação que foi esta que ele se foi...
9. Mas ele era homem bom! ESPOSO BOM! Ele não era desses homens que precisava a mulher esta justificando... “Fulano vai buscar isso pra mim...” “Vai buscar isso pro teu filho.” Não! Quando o dia amanhecia ele dizia “Nega eu vou trabalhar... as coisas tá aí tudo em cima da mesa” ele não me pergunta o que era nem o que não era... já sabia né? Ele era bom esposo... eu passei

quarenta e nove anos com ele só faltou um ano pra bodas de prata... não dá pra falar...

10. É isso mesmo... tudo no mundo a gente passa. Aí está minhas filhas casaram... tiveram filhos e hoje eu vivo junto com meus netos... oito netos... são três filhos... duas filhas e um filho. Esse que está aqui é solteiro... era junto com a mulher aí abandonou a mulher por causa de sei lá o que. Tive doze filhos ao todo... doze filhos... pois é... doze filhos. Tive a Gracinha... é Maria das Graças... tive o Edilberto... o Pedrinho... Francisco... Maria José... a Gema... Maria de Fátima... a Lurdinha... uma menina que morreu... a Josélia... e outro aborto que eu tive... outro aborto... doze filho. E o Antonio. Pois é doze filhos eu tive.
11. Passei tanta coisa houve até uma alagação comigo... e todos os filhos dentro da canoa. Foi desse jeito... nós ia de Feijó e o rio Alto Simpatia tava enchendo. Ele ia ser patrão lá... tudo alagou... a valença e que os meninos não morreram... eu sei nadar bem... e ele também... nós tiremos todos mas as coisas foram tudo simbora... ficou tudo nu... pelado. Não ficou pelado porque a gente foi pra lá e lá já tinha muita mercadoria. Tinha roupa... de tudo tinha... cada qual tirou duas peças de roupa... era pouca gente nesse tempo. Era três filhos... era Maria... o Antonio... Pedrinho os outros ainda não tinha nascido... graças a Deus não morreu ninguém... pois é.
12. Era boa nossa vida lá... muita fartura... se você ia para mata... fartura tinha muita... de caça grande... miúda... se ia pro rio do mesmo jeito... não faltava nada... era bom lá. Já trabalhei de secretária... de ajudante de professora... empregada de casa... tudo isso um pouco eu já fiz... costureira... aqui mesmo quando eu cheguei aqui em Porto Velho eu era costureira da Utilar... costurei mais de um ano na Utilar... sou virada.
13. Pois é... agente passa tanta coisa que às vezes a gente fica pensando como foi que a gente passou certas coisas na vida... mas é isso mesmo... tudo no mundo a gente passa.
14. Só sei que eu tinha sofrido muito... agora não... eu vivo mais quieta... já tive muita confusão andando daqui para acolá... já fiz minha casa... não vivo de

aluguel e nem nada... como e durmo a hora que eu entendo de dormir... graças a Deus... os vizinhos são muito bom pra mim... não tenho negócio de inimizade com ninguém... todo mundo me abraça... grandes e velhos... rapazes... todos gostam de mim... todos me chamam de vovó. Uma coisa dessas eu posso dizer que vou tendo cada vez mais alegria.

15. Tô ficando velha mais a alegria na frente... todo tempo porque tudo me abraça. Ave Maria!!! eu sofri muito na minha vida... sofri coisa que não deveria ter sofrido... mas é isso mesmo. Se a gente trouxesse tudo escrito na palma da mão... era muito bom porque a gente nunca procurava o que não prestava... só procurava o que era bom. Porque olha esse homem... o primeiro que eu me casei... se tivesse a escritura na palma da minha mão não tinha casado com ele, né.
16. Eu comecei a rezar nas pessoas foi do ano passado pra cá... foi um dom que eu tive. E onde eu boto a mão eu curo a pessoa. Aconteceu assim... eu sonhei que tinha uma mulher chegando pedindo pra eu rezar... e onde eu encostasse minha mão... a pessoa ficava bom e de fato todas as vezes que eu rezo a pessoa fica boa...
17. O SONHO FOI ASSIM... ela pedindo... “Minha filha... você quando chegar uma pessoa doente assim... de uma quebradura... no corpo... você pode botar sua mão e reze um Padre Nosso... uma Ave Maria e ofereça ao Nosso Senhor Jesus Cristo... que ele é o nosso pai poderoso” num instante o cara fica bom... dito e feito...
18. Apareceu... primeiro foi nos meus netos... um coisou aí o pé. Aí eu foi fazer a experiência e deu certo... aí pronto... e eu não cobro nada não. Tem gente que cobra... eu cobro nada. Nos lugares que eu vivi tinha gente que rezava nos outros... mas eu nunca pedi pra me ensinar não... foi só esse sonho mesmo... a mulher... chegava uma velhinha e pedia “minha filha quando chegar uma pessoa... na sua casa e tiver doente assim de uma quebradura na perna no braço... em qualquer um canto você põe a sua mão e reze essas palavras... diga essas palavras que eu tó lhe dizendo que a pessoa fica bonzinha...

19. Outro dia chegou um com o mocotó dessa grossura... outro dia veio o irmão dele e o cunhado. Não sabia nem quem era aquele pessoal... fiquei foi com medo quando eu vi... um homem gemendo... e lá geme. Aí foi pediu... “Dona vim aqui pra senhora rezar no meu pé, quando eu ficar bom eu lhe pago”. Eu disse “Não senhor não carece nada não... eu quero é que Deus me ajude... nos dê saúde e muita felicidade pra nós todos” pronto... o homem ficou bonzinho. Rezei duas vezes... outro dia ele veio bater aqui... falar comigo...
20. O outro caiu no poço acolá e caiu com um balde desses grandes em cima do espinhaço... ficou por acolá... eu fiz o mesmo trabalho e ficou bom... não foi pra médico... não foi pra canto nenhum. A minha menina... deu um jeito no pé... tava lá na casa dela eu não sabia, quando deu fé ela chegou... aqui... se arrastando... eu rezei... taí ela boazinha.
21. Isso acontece eu não sei se é porque eu sou uma pessoa que não faço mal a ninguém, né... e as pessoas que não gostam de fazer mal a ninguém muitas coisas a gente vê... às vezes tem aquele dom... num sonho a pessoa ensina alguma coisa...
22. Andei mundo por aí afora junto com meu marido... andei em Itarauacá, Feijó... Sena Madureira... Canadá... onde ele entrava eu entrava também. Ele morreu e até hoje eu sinto muita falta dele. Tem noite que eu custo a dormir só pensando. Por que tem pessoa que agente dá graças a Deus sair de perto da gente... não é mesmo?
23. E ele saiu de perto de mim mas eu não me esqueço dele. Ele era velhinho, aleijado... tudo isso, mas era bom esposo... me tratava muito bem... não me maltratava... não tem o que dizer dele... mas Deus não quis que ele ficasse na terra, mas... tudo o que Deus faz é bem feito.
24. Entre véspera de meu marido José morrer... eu sonhei com ele... se despedindo de mim. Eu digo “José ontem a noite eu sonhei contigo... tu se despedindo de mim” ele disse “É isso mesmo nega, a gente... para morre basta ta vivo” aí quando foi no outro dia ele morreu. Aí piorou foi de uma vez...

CARLOTA DE SENA PEREIRA

1. Quando chegamos em Ji-Paraná... tínhamos um pouco de dinheiro... colocamos no banco... fizemos uma casa. Eu falei: “Agora aqui nós vamos assentar mesmo... aqui está bom demais. Se Deus quiser vamos largar de sofrer na roça.” A Igreja São José... que se queimou estava sendo refeita na época. Meu filho trabalhou muito naquela Igreja fazendo banheiro... ajudando a fazer massa. Eu morava ali do lado numa casinha. Nós moramos uns três anos. Quando chegou num tempo de eleição começaram a terra... praquelas bandas de Jaru onde só dava malária.
2. Jaru nem existia... nem casa tinha. Meu velho foi com o Doutor Canuto que estava fazendo os documentos dos lotes e dando. Se fala dá lote mas não é dar. O governo não dá... ele reparte... ele empresta. Eu rio muito quando o pessoal pensa que ele dá. Esses acabam tudo enterrado no buraco porque pegam os lotes e não tocam pra frente. Meu velho pegou doze lote. Falei: “Tá doido homem prá que tanta terra?” Ele disse: “E os filhos?” No lote que recebemos fizemos uma casinha de assoalho. Era uma malária que não tinha quem agüentasse. “Vamos morrer todos aqui agora.” Eu pensava. E quase nós morremos. Escapei com minha família de lá... e daqui estou escapando ainda. Nem sei se vou escapar... quem sabe é Deus... porque o sofrimento não é pouco.
3. Marcou todos os doze lote. Sobrou um. Eu falei: “Vamos ficar com dois lotes.” Eu era mais esganada por terra. Fico depois rindo das doidices que falo. Ele falou: “Não... o doutor disse que cada família fica com um lote.” Meu velho fez o documento do lote que sobrou e Doutor Canuto disse pra ele dar a quem quisesse... mas tinha que marcar e trabalhar.
4. Eu pensei em dar o lote para o meu genro e minha filha que tinham ficado numa fazenda em Mato Grosso. Ele era capataz de gado... trabalhador demais. Era uma onça... uma fera... enfrentava tudo. Meu velho escreveu pra essa minha filha... mas o marido dela disse na carta que não ia porque lá só

dava malária. Ficou lá... aquele lote. Depois um vizinho pediu o lote e meu velho deu.

5. Eles moravam na casa da sede da fazenda. Um dia passeando na casa dessa minha filha vi uma égua doente deitada bem na frente da casa. Minha filha falou: “Santo... dá um jeito de tirar esta égua daqui.” Ele falou: “Não. Deixa os donos chegar pra ver o que vai fazer... eles é que mandam.” Naquela horinha mesmo os homens chegaram. Meu genro disse: “Olha esse animal como é que tá.” Ele diz: “Ainda tá sofrendo? Mata isso logo!” Meu genro pegou o revolver... trinta e oito e... POU... POU... matou. AH! Que nervoso que me deu! Ai Meu Deus do Céu! Esse homem é louco! Minha filha falou: “A senhora vai ver o que ele vai fazer... espera só.”
6. A piãozada arrastou o animal praquelas casas que ficam afastada... tiraram o couro... cortaram tudo e muquiaram a carne... disse que era pros cachorros comer. Eu falei: “Menina! Esse povo parece urubu. Eu duvido se isso não vai ser vendido como carne pros outros comer.” Ela falou: “Ah! Mãe a senhora não pode falar isso. Eles deixam aí alguns dias... depois levam embora.”
7. Essa minha filha ficou doente... OLHA! Magrinha... sequinha de tanto trabalhar pro fazendeiro fazendo queijo da polenta. Mas fazia SACADA! Acabava costurava todos aqueles sacos e os peões chegavam e... PÁ! Levavam pra São Paulo... vendiam tudinho. E a menina cá... trabalhava que nem burro mexendo aquelas panelas quentes. Trabalhava praquelas peãozada de graça. São trabalhadeiras minhas filhas. Ô raça de gente trabalhador. Agora bagunçar também... ÊH gente boa.
8. Uma vez a patroa dela falou: “Ah! Meu Deus... você está muito doente. Também você não pára. Eu não tenho paciência de vê essa menina desse jeito. Eu queria colocar uma empregada.” Quem sabe desse povo... eles falaram isso mais não fizeram. A patroa ainda levou minha filha pra fazer operação pra não ter mais filho. Minha filha me escreveu perguntando se podia fazer isso. Eu falei: “Vai de sua vontade filha. Por mim... Nunca.”
9. No meu tempo não fazia essas coisas. As pessoas tinham filhos e não era essa desunião. Como é que um casal dentro de casa vive assim? Não quer

ter filho... depois um põe chifre no outro... adultera pra acolá e vira essa bagunça. Ela fez a operação e me chamou pra visitá-la e eu fui. A patroa ensinou crochê à ela... fez até umas toalhinhas pra Laíde minha outra filha. Depois da operação minha filha parou com os serviços pesados... a patroa mandou ela largar de fumar... só cuidava dos porcos e do leite.

10. Depois de um ano ou dois lá vem meu genro atrás de um lote em Jaru. Não estavam mais dando lotes na época. Ele queria comprar marcação mas meu velho disse que ele ia ficar todo endividado. Meu genro disse: “Então eu compro o direito.” Meu velho disse que também não valia a pena. Ele disse: “Apois lá na fazenda não fico mais.” Ele veio. O patrão acertou os anos que ele trabalhou. Pagou pouco... meu genro perdeu muito tempo trabalhando naquela fazenda. Se ele tivesse vindo na época que chamamos estaria melhor.

11. Quando terminamos de fazer a casa no lote... meus filhos... Aparecida e minha nora Neli que moram em Jaru... vieram caminhando... grávidas. Ave Maria! Essas meninas quase morreram! Elas diziam: “AH! Mãe... nós não temos nem roupa.” Eu fui depressa comprei uma chitinha e fiz aquelas batinhas... elas vestiram e ficaram tudo contente. Estavam quase nuas... igual os índios lá no meio do mato. Quando foi perto dessas meninas terem nené mandei meu filho a assistente do hospital. Assistente disse que não tinha jeito de internar na maternidade. Ela examinou as meninas e disse que a comadre Neli ia ganhar por último e minha filha Aparecida primeiro.

12. Mas aconteceu o contrário. Num dia Neli fez tudo em casa... daí a pouco começou a sentir dores. A assistente veio e disse que o nené estava morto... tinha morrido todo enrolado no cordão. Eu pensava que era de tanta malária porque essas meninas passaram a gravidez toca PASSANDO FOME e com malária! Meu Velho comprou o caixãozinho... e a assistente foi embora.

13. Apareceu um monte de homem para velar do anjinho... não aparecia uma mulher em velório de gente desconhecida. Logo depois tivemos que chamar a assistente de novo porque Aparecida começou a sentir as dores. Fizemos tudo quietinho porque tinha muita gente estranha lá fora. A assistente chegou

entrou no quarto... quando de fé o nené nasce... logo chorando. A homaiada que estava no terreiro ficou tudo assustada pensando que quem tinha chorado era o anjinho.

14. No começo cada um foi tocar... derrubar e limpar os lotes. E o medo? Nem todos moravam nos lotes... o meu filho mesmo tinha uma casa em Ji-paraná. A casa dele queimou. Esses rapaizinhos que andam na rua... botaram fogo. Ele mobilou a casa e falou: “Pai! O senhor mora longe... não pode olhar minha casa.

15. Então um crente vai cuidar da casa enquanto eu fico no lote. Daqui a alguns dias eu vou.” A sogra morava com eles porque era viúva. Passavam de quinze... a vinte dias nos lotes. Eles iam de jipe até certa altura da estrada. Lá eles deixavam o jipe coberto e seguiam... A PÉ! Quando voltavam o jipe só estava o caco. O pessoal passava na estrada rasgavam... roubavam as ferramentas... o jipe virou aquela sucata. Passou o tempo... eu disse: “Traz esse troço pra casa.” Ele trouxe e encostou lá.

16. Quando ele ficou doente foi o que tirou ele do hospital Jotão de Ji-paraná. MEU DEUS DO CÉU! Morria gente toda hora... todo instante nesse hospital. E nos lotes todo mundo doente... tocando aquelas roças. A minha casa fedia a malária. Um vizinho largou de ir lá em casa. ÓH! Aquele dia eu falei: “Ah! Veio. Vamos embora?” Ele disse: “Como vamos embora? Nós temos as terras pra cuidar.” Sai de Ji-Paraná na marra... pra ir colher arroz que meu marido... os filhos... os vizinhos e os netos tinham plantado nos lotes. Aquele arrozal... a coisa mais linda... chega cheirava. Mais e o sofrimento? E a malária?

17. Eu nasci em Pernambuco... ainda novinha... meu pai foi pra MINAS onde minha mãe morreu... fiquei sem mãe. Só chorei porque vi os outros chorar... agora eu choro... já sabendo o que é não ter mãe. Antes de morrer minha mãe me deu para minha irmã mais velha... ela se casou e fomos morar em São Paulo... onde eu cresci. Meu cunhado dizia... às vezes... que ia me mandar embora pra casa do meu pai... não ia cuidar mais de mim. Minha

irmã falava pra me colocar no colégio... ele dizia que ia me ensinar a trabalhar na roça.

18. Desde pequenininha... oito... nove anos eu trabalhava na roça... e ainda fazia tudo em casa. Quando meu pai quis me levar de volta pra terra dele a minha irmã disse que não podia ir sozinha de migração... eu já era mocinha... não tinha família conhecida pra ir junto. Acabei ficando com minha irmã. Depois recebemos um telegrama... meu pai tinha morrido. Ele chamava por mim... eu choro porque ele queria me ver e eu não estava lá. Penso sempre que se eu tivesse meu pai... do meu lado... não teria passado tudo o que passei.

19. Fui crescendo... trabalhando. Com dez anos de idade comecei a namorar... juntava aquele monte de rapazinho da minha idade... querendo marcar encontro. E eu presa... IIIH! Meu cunhado não deixava. Namoro naquele tempo não existia. Era só falar com os pais... ver a moça e pronto. Esses rapazes falavam com meu cunhado e ele não queria saber de ninguém namorando comigo... dizia que era muito criança... ainda não podia casar. Eu ficava olhando por um buraco da porta... às vezes... longe... já sentia aquele amor de jovem.

20. Minha irmã sempre insistia: “Ela não é do tempo do cativeiro... tem que por na escola. Ela é muito arteira.” Me colocou na escola e eu gostei muito... queria aprender ler... escrever. Mas meu cunhado me tirou da escola... disse que eu precisava trabalhar. “Tem que juntar milho... matar formiga... ”

21. Eu chorava e choro ainda porque eu queria ir pra escola. As formigas me mordiam... enchiam as minhas pernas de ferida... mais tinha que trabalhar. Ele até faleceu... Deus a de perdoar as coisas que dele fez. Meu cunhado não deixava ir pra canto nenhum. Na festa de casamento... acabava a mesa dos noivos... já levava embora... pra eu não entrar no bando. Nós íamos pra casa dormir... trabalhar no outro dia.

22. Daí veio Basílio... meu marido. Pediu uma vez... pra namorar comigo... meu cunhado disse não. Meu Velho mandou uma senhora que ajudou a cria-lo... ela era do tempo do cativeiro... contava tanta história da época... viveu cento e vinte anos... o nome dela era Posidonia. O pai dele ficou com a preta

porque ela era virgem... era igual uma criada deles... vivia pelo mundo assim sem moradia... sem nada... contando história. Ela foi buscar a resposta do casamento... meu cunhado ficou brado.

23. Minha irmã ora... ficava calada... porque eu era nova pra casar... ora ela falava: “João dá logo o sim. Tem que decidir. Você vai ficar com uma moça dentro de casa até quando?” “Não dou o sim de jeito nenhum. Deixa ela crescer... deixa ela se criar... casar menina não pode.” Ele pegou o caminho e foi pra roça. Eu perguntava pra minha irmã o que eu fazia. “Minha filha você é quem sabe... ele já disse que não vai dar uma agulha.” Meu cunhado era assim... mas eu gostava demais dele e de minha irmã porque eles estavam no lugar do meu pai e da minha mãe.

24. A preta que estava escutando disse: “Pode deixar... se ele der o sim do casamento... eles fazem o casamento... são uma família religiosa.” Eu dizia: “Assim eu caso.” Não sabia nem o que era casamento. Eu tinha uns treze anos... não tinha registro. Mas a preta dizia: “AH mais dar-se um jeito.” No outro dia meu velho chegou... chegou e já tratou a data do casamento. Meu velho era muito ativo... puxou ao pai dele. Pegou os dados e me registrou... colocando mais cinco anos na minha idade... para inteirar dezoito e assim poder casar no civil.

25. Casamos... era um tempo de revolução aquele... não existia gasolina... tudo era a cavalo. Nunca tinha montado num... foram trinta e cinco quilômetros pra casar. Naquele tempo... casava na Igreja Católica depois ia pro cartório casar no civil. No dia choveu muito. Depois do casamento fomos pra casa... jantamos... aí começou a juntar gente... aquele monte... um cantava de roda... outro jogava verso... nós ficamos até meia noite... ai fomos dormir. Pronto.

26. No outro dia cedo fomos morar numa casa perto da casa do pai dele... meu velho foi que fez. Ele tinha um cavalo... a casa toda arrumadinha... não faltava nada dentro da casa... mais coisa de pobre. Uma colherinha de pau... fogãozinho de lenha... eu rio porque vivemos uma vida maravilhosa foram quarenta e nove anos de vida... Graças a Deus.

27. Na vida conseguimos esse lote... sofremos muito... mas já estávamos mais ou menos bem. Meu velho já tinha... oitenta cabeças de criação de gado!!!. Ele já estava velho e eu também. Os filhos... só fugindo... BAGUNÇANDO! Ficamos cuidando daquele gado... plantamos cacau... café... roçando pastos até que meu velho não agüentou mais e disse: “Vamos vender isso aqui.” Eu não queria sair dali não. Tínhamos uma casa alugada em Ji-Paraná. Meu velho danou-se a querer vender essa casa também. Esse negócio de aluguel é fogo. Uma hora o morador não tinha dinheiro... outra hora o morador ia embora deixando a chave no vizinho.

28. Antes de ir pro lote ficava os dois caçulas e eu em Ji-Paraná nessa casa. Os outros filhos maiores trabalhavam nos lotes. Um dia meu velho falou que era pra ir embora de vez pro lote. Eu não quis ir porque lá estava tão bom... e os meninos estavam estudando... e sem leitura... não somos nada. Mas meu velho falou: “Não precisa mais! Você já sabe escrever seu nome... e os meninos já estão no segundo e terceiro ano.” Eu falei: “Precisa sim homem.”

29. Eu faço tudo errado e esses meninos têm que ter um futuro. No lote não tem escola... eu já matriculei eles no colégio.” Ele disse: “Pede transferência porque vamos embora.” Acabei indo pro lote mais não desiste dos estudos dos meninos. Lá um dos meus filhos deu aula pra criançada. Foi esse meu filho... que o médico matou. Foi morto mesmo... ele estava são. Eu não gosto nem de mim alembrar. Ele era um homem muito trabalhador. Era diretor e professor da escola onde trabalhava. Ele fez até um centro nesse lugar.

30. Eu fui pra inauguração do centro... minha filha insistiu. Pelo alto-falante chamavam as pessoas para que fossem a inauguração porque o finado tinha trabalhado muito para fazer o centro. Na inauguração tinha tanto presente para as pessoas idosas e os casais. As pessoas iam chegando e recebendo o bilhete de bingo. Eu e minha filha tiramos uma cocha e uma rede junto com outros dois casais mais na hora de tirar a pedra maior perdemos. Eu me zanguei... e peguei o caminho de casa.

31. Esse meu filho trabalhava muito... professor trabalha demais. Ele dava aula... dois período... de manhã e de tarde. Ele colocava as crianças na fila e

ensinava a rezar. E dizia: “Daqui a pouco vocês vão aprender o Hino Nacional.” Ele também dava aula pra mulher dele que fazia a 2ª série na época. Ele falava sempre para ela não desistir dos estudos. Agora ela é professora. Um dia ela veio aqui me pedir pra casar: “A Senhora deu o sim... nós casamos... viu como nós vivía... agora eu quero ter um homem.” Eu falei: “AH! Comadre Carmelina casar... com esses filhos dentro de casa... minha filha?” Ela tem cinco filhos. Mesmo assim ela se juntou.

32. Meu filho era muito chazeiro. Tudo o quando sentisse uma pessoa ele recomendava um chá. E a pessoa fazia... e ficava boa. Ele... fez uns chá pra gripe dele... mas não sentiu melhora. E disse: “Eu vou tomar é uma Benzetacil.” Eu falei: “Cuidado com essa Benzetacil.

33. Você lembra que na roça ela matava gente. Não vai tomar sem fazer teste.” Vi muita gente ir na farmácia aplicar Bensetacil e... BUFI... no chão. Depois eles passavam um remédio e a pessoa tornava. Mais meu filho estava acostumado a tomar Benzetacil. Quando amanheceu o dia ele pegou uma Benzetacil... e aplicou. Aquilo agitou ele por dentro!!! A febre continuava... a comadre mandou ele ir para o hospital. Ela falou: “Você vai tomar banho?” “Vou! ÔXE. Acha que eu vou pro hospital sujo?” Tomou banho... vestiu a roupa... acenou para os meninos e foi. E a comadre Carmelina foi dá aula no lugar dele.

34. Eu estava aqui em casa quando vi um rapaz na mobilete do meu filho. Ficou sem querer falar... eu perguntei: “O que tu veio fazer aqui? Essa mobilete não é de Alvino?” Ele falou: “A senhora não se assuste não mais Alvino está no balão de oxigênio.” Minha filha Laíde sabia onde ficava o hospital. Eu me lavei depressa... vesti a roupa... e fomos pegar o ônibus. Chegamos no hospital... passou um tempo... vi sair dois médicos do quarto onde estava meu filho. Eu chamei Aparecida... que é a mais danada... a comadre Carmelina dá passamento e não entende mais nada... eu perguntei: “Ele tá vivo Aparecida?” Ela chorando disse: “Mãe... Alvino morreu.” Eu falei: “Tu viu?” Ela disse: “Eu vi. Eu quase rebento tudo lá dentro por que trabalho para

esse médico e esse miserável não me falou que meu irmão estava internado aqui."

35. A enfermeira vinha vindo... eu falei: "Eu vou entrar pra ver meu filho." Ela falou: "Quem é a senhora?" Eu falei: "Eu sou a mãe." Me levaram até o quarto... eu entrei... AH! Meu Deus... EU FIQUEI DOIDA... DOIDA... DOIDA!!! Dei tanto murro naquelas paredes. Eu não gosto nem de me lembra disso... que eu choro... a enfermeira veio com um copo... acho que era calmante. Eu taquei a mão no copo que ele voou longe. Ela correu pra chamar outra enfermeira pra mim segurar porque eu estava fora de mim.

36. Fui até a cama... passei a mão no meu filho. Ele ainda estava quente. Peguei nos pés dele. Passei a mão no coração... não ouvi nada... o rosto dele tinha uma feição assim... AI MEU DEUS... meu filho está morto!!! Um dia desse eu vi uma imagem na televisão de Frei Damião com aquela roupa de São Francisco... eu lembrei dele. O homem que estava na cama do lado perguntou: "Quem é a senhora?" Eu falei: "Eu sou a mãe dele.

37. O senhor viu o que eles fizeram com meu filho?" Ele falou: "Dona... eu vi. Nós conversávamos todos os dias... ele falava que queria ver a senhora. Queria ir embora mais os médicos não davam alta. Ele tomou banho... vestiu a roupa... e sentou na cama. Os médicos chegaram aplicaram a injeção nele... e ele não voltou mais. Os médicos ainda fizeram aquela massagem... mais não adiantou." Eu ajoelhei e rezei... o homem ainda falou: "Meu Deus! Tomara que o meu filho chegue logo pra me levar... porque eu não fico aqui mais." Eu falei: "Pois é meu irmão... e assim é a vida da gente." E saí do quarto.

38. A comadre então comprou o caixão... caro que só. No hospital o cunhado e o marido da Laíde ajudaram a levar meu filho pra casa dele. Lá eles tiraram a roupa dele... demos banho... vestimos a roupa nele. Mais ele estava PERFEITINHO! Quando foi a noite eu comecei... deu uma dor no coração... chega eu choro de lembrar. Minhas filhas queriam me levar para o hospital. Eu falei: "EU NÃO VOU NEM...!!

39. Vai matar todo mundo... vou nada." Eu fiquei quieta... deitada no chão do quarto das crianças... minhas filhas fizeram um chá e eu tomei. . No outro dia cheguei cinco horas da manhã na casa Obelena... minha vizinha... foi avisar os vizinhos porque Laíde disse que era minha obrigação. Na época eu já estava na Legião de Maria aqui do bairro... ainda quis chamar as legionárias... mas ninguém tinha dinheiro... nem passe pra ir. Ainda chamei irmã Nazaré... e ela foi junto. Ela... Obelina e eu.

40. Chegamos no velório... Meu Deus do céu! Que pessoal chucro... não sabiam nem rezar. Acho que os índios sabiam rezar mais do que eles... e lá tem uma Igreja! Eu disse: "Eu vou rezar." Todo mundo se admirou por eu rezar o terço. Eu falei: "Vocês respondam a 'Ave Maria' pelo amor de Deus. Vocês não sabe rezar a 'Ave Maria' e o 'Pai Nosso' não?"

41. Meu filho era bem... no governo. Ainda de manhã chegaram professores... funcionários do governo... a criançada do colégio estava toda lá. Mais encheu de gente que eu nunca tinha visto na minha vida. Tanto homem grande... tudo homem sábio. Eu fiquei com raiva... Deus me perdoe. Porque foram deixar acontecer isso com meu filho? E ninguém viu acontecer pra ajudar. As pessoas diziam: "Não pode. Esse homem estava vivo?" Mais ele parecia estar... ele voltou a cor de manhã. De noite ele estava pretinho... e de manhã ele estava normal.

42. Mandei comadre Carmelina chamar um padre. Ela disse: "Aqui tem um padre. Mais a senhora já não rezou?" "Sim... mais tem que benzer o corpo porque é esse o nosso jeito." Mandaram chamar... o padre veio. Ele celebrou a palavra... leu uma leitura... explicou um pouco... benzeu o corpo e liberou para enterrar. Eu fui pra casa porque estava muito cansada. Fiquei naquela preocupação pensando como é que tinha acontecido a morte do meu filho. Mais eu não sou morta... eu sou viva. Eu tenho a minha idéia sobre isso.

43. Um dia comadre Carmelina... o filho dela mais velho e eu fomos fazer visita de sétimo dia à cova do finado. Os antigos tem essa história... quando não celebra a missa de sétimo dia se faz visita de sete dias ao finado. Quando chegamos ao cemitério a comadre foi pegar o número da cova com o

funcionário... porque também não tinha ido ao enterro. Fomos parar LÁ LONGE... ele estava no finalzinho do cemitério. Lá rezamos o terço... e deixamos um terço na cruz.

44. Ainda rezávamos quando chegou dois homens... funcionários do cemitério que perguntou pra nós: “O que vocês tão fazendo aí?” Eu falei: “Estamos rezando.” Ele falou: “Defunto não escuta.” Eu disse: “Defunto não escuta... mais Deus escuta!” Me deu uma raiva daqueles homens. A comadre Carmelina chorava e eu também. Ele falou: “Não precisa chorar não. Defunto não vê nada.

45. E vocês não podem colocar a mão aí.” Acho que pensavam que íamos mexer. Eu falei: “O que o senhor pensa que somos? Ela é a mulher dele e eu sou a mãe. E vocês quem são? E cadê os caxim que ela pagou e não colocaram aqui? Num pagou comadre?” Falou: “Paguei. Mais esse não é o responsável.” Ele falou que ia ver o caxim mais que não adiantava colocar porque o caso da morte do meu filho... ESTAVA NA JUSTIÇA!!! Nós ficamos paradas.

46. A JUSTIÇA... para pessoa que nem eu... conhece de ouvir falar. Se está dentro da justiça mais não a conhece. Eu já estou velha e conheço a justiça de Deus e a da terra. Sempre meu veio dizia: “Mulher... a justiça de Deus... é tirada pela justiça da terra.” Nós fomos um casal que viveu 49 anos... não foram 49 dias. Conversavam todos os dias... tínhamos diálogo e fazíamos muitas coisas juntos.

47. O coveiro falou que a justiça não ia demorar pra fazer a autópsia no finado e quando arrancasse o caixão a família tinha que estar presente. Ele falou: “Eu estou falando... quem descobrir a morte desse homem... vai ser perseguido e morto... por que a justiça vai matar.” Até a minha filha que trabalhava com o médico foi perseguida. Quem vai saber porque esses médicos mataram meu filho. Eu sempre lembro de um governador que foi morto. Ele esteve aqui... na estância vizinha onde viviam muitos garimpeiros... ele veio fazer campanha política. Meu Deus... o que será que o meu filho devia pra esse pessoal para matarem e ainda querer mexer com ele depois de morto?

48. O Coveiro disse: “A senhora tem que comprar uma outra terra... pra colocar ele porque aqui enche de água... é igual um pantanal.” Tinha uma cova do lado assim... que estava cheia de mosca... ele disse: “A senhora esta vendo... isso aí? Já foi uma que mudaram.” A comadre Carmelina comprou a terra... fez o documento... mandou fazer duas gavetas... uma para o finado e outra para ela e empreitou o homem pra fazer o serviço. Ele disse que em um mês estava pronto. QUEM DISSE QUE ESSE HOMEM FEZ! Ela ia cobrar o serviço e o coveiro pegava o dinheiro dela e nada pronto. Já estava pra inteira três meses... não faziam a autópsia e nem o coveiro fazia as gavetas.
49. Quando foi um dia o cunhado dela foi ao cemitério tirar satisfação com o coveiro. Como é que pega o dinheiro e não faz as coisas? Quando chegaram o coveiro se escondeu mas o cunhado falou: “Vem cá... faz favor. Essa mulher empreitou as gavetas pra você fazer e você não fez. Então vamos fazer essas gavetas rapidamente.” Ele dava um porém de uma coisa... dava de outra. Disse que levava o material... e depois roubavam. “Eu não quero saber. Faz rapidamente.” Ele ainda pediu mais dinheiro. Mas a comadre falou que só ia dar dinheiro quando o serviço ficasse pronto.
50. Depois que as gavetas ficaram prontas... não faziam a autópsia porque o aparelho estava quebrado. Como descobrem quem mata os outros desse jeito? Nunca!!! A comadre ficava aflita... como é que ia desenterrar o finado depois de dois meses. Todo dia mandavam ela pra um lugar. Chegando lá: ‘volte tal dia.’ Dizem que tinha que esperar uma senhora ia tirar ele da cova e passar pra outra. TOOODAAA semana a gente esperava essa mulher chamar... e nada.
51. Um dia... a dita senhora telefonou para avisar que já tinha ido ao cemitério. Dizem que ela foi com medo de ser perseguida. No fim da história foram três meses que esse pessoal enrolou. Na hora de mudar de cova ele estava perfeito colocaram só o corpo numa carriola... e levaram para gaveta que tinha sido feita. A Comadre Carmelina não me chamou porque aconteceu

tudo de noite... ela não podia mais esperar porque era véspera do dia de finados e no dia seguinte tinha que esta tudo arrumado para a visita.

52. No dia de finados fomos visita-lo... eu não sabia onde era a cova nova. Cheguei no local a cova antiga... estava vazia. Me dá vontade de chorar quando eu lembro. Laíde viu a Carmelina indo embora e nem pediu o número da cova nova. Eu disse: “Agora vamos nos pegar com Deus para achar a cova.” Meu filho... um que foi embora daqui... foi na frente. Eu fui rezando o terço. Daí a pouco encontramos a cova já na saída do cemitério... longe... longe. Eu acabei de rezar o terço ali mesmo.

53. Na cova eu vi que tinham colocado... uma grinalda... umas velas já apagada... e um papel amassado de caderno escrito... junto da cruz. Todo o papel que eu pego... eu gosto de olhar pra ver o que está escrito. Eu pensei: “Meu Deus... que é que está escrito aqui.”

54. Tinha uns netos comigo. Mais essa juventude não tem juízo... é comendo picolé... é comendo doce... é bagunçando dentro daquele cemitério... Meu Deus do céu. Eu falei: “OH! MENINA... larga desse picolé e vem aqui!!!” Ela disse: “A avó já está brava.” Eu falei: “Não! Vocês vem para o cemitério... ao invés de rezar ficam comendo.” Ela viu o papel e falou: “Quem é que escreveu isso? Não colocaram nome. Aqui esta escrito assim: ‘PAPAI! Fique aí debaixo de sua cortina. Quando eu abro a geladeira eu lembro do senhor.’”

55. Eu pensei: “Minha nossa senhora... quem foi que escreveu isso?” Um tempo depois eu perguntei pra comadre Carmelina quem deixado o papelzinho. Ela disse: “Não foi a caçulinha. Toda a vez que ela ia abrir a geladeira gripada o pai falava: ‘Menina não toma essa água gelada... que tu esta gripada.’ Ela estava começando a escrever nome... fazia tudo garranchoso. O pai dela é que a ensinava escrever

56. Sempre eu vou ao cemitério e todas às vezes vou cantando... alegre. Agora é que eu parei mais. A Laíde perguntava o que é que eu ia fazer lá... eu dizia: “Eu tenho que visitar meu marido. Eu vou limpar... vou lavar a capela... vou rezar!” Cleide... minha neta que eu crio... ia pro colégio e eu aproveitava

e ia sozinha ao cemitério. Derradeira vez que eu fui... tive medo. Eu fui mais uma crente. Entrei no cemitério cantando e a crente seguiu pra cova do marido dela. Era um homão bonito... o homem dela. Foi morto num bar por causa de bebedeira. Todo o dia ela conta essa história. Quando nós voltávamos para cidade... era um dia de Domingo... dia de jogo... nós pegamos o ônibus cheio dessa mulecada... essa homaiada desempregada... vinham do futebol... todos bebendo com garrafas na mão... brigando e soltando palavrão. AH! MEU DEUS DO CÉU! A crente sentou lá longe de mim... eu sentei na frente. Se taca-se uma garrafa na minha cabeça... já era. Desse dia em diante me deu medo.

57. Eu gosto do Santo Antônio. É muito grande e linda aquela cidade. Eu passeava por aqueles prédio velhos... praqueles barracos veio. Mas agora só vou acompanhada da Laíde... se não com a Cleide ou a crente. No dia que sinto vontade de ver lá a cova do meu marido eu olho as fotos e pego as coisas dele que eu tenho aí. A capela da cova do meu marido eu fiz por minha conta com a ajuda desse meu filho que morreu. Foi difícil.

58. Nós carregamos água porque as caixas estavam vazias. Foi seu Andrade da Igreja quem fez o favor de levar pra mim o cimento... tijolo. Guardava o material no alojamento do cemitério... o material sumia. E cadê eu achar um pedreiro que fizesse o trabalho? Eu falei: “Meu Deus... os filhos dele são pedreiros e ninguém vai fazer o serviço.” Arrumei um pedreiro que quando soube que o serviço era no cemitério não quis ir: “Eu não vou naquele Santo Antônio DE JEITO NENHUM !!! A senhora pode pagar o que a senhora quiser e eu não vou.” Eu falei: “Um dia o senhor morre... e os outros pegam o senhor e vai botar lá dentro e num buraco ainda.”

59. Eu rir demais desse homem. Até que eu arrumei um pedreiro do Bairro Nacional. Fiz a capelinha toda jeitosinha. Ainda falta colocar a foto dentro da capela e a chapa com a data que é para os filhos... netos... os bisnetos no dia em que quiserem visitar o avô ter aonde ir. Agora que o dia de finado está chegando a gente vai acabar de ajeitar tudinho.

60. Quando eu cheguei aqui em Porto Velho as crianças tinham nojo de mim. Pessoas idosas... muitas crianças tem nojo... até cuspiam em mim. Eu pensava “Meu Deus o que vim fazer aqui?” Toda vida gostei de criança. Tanto dos meus filhos... como os filhos dos outros. Tenho dó dessas crianças que vivem abandonadas. O que eu faço? Não posso dar jeito. Eu cuidei de uma menina que a mãe Idela precisava estudar. Sempre eu via só o pai da nenezinha cuidando... a menina chorava... ficava abandonada... a noite ele dava banho.

61. Eu comecei a rezar aqui em casa. Mas toda vida eu rezei nos meus filhos. Graças a Deus. Lá na roça eu nunca levei esse meninos ao médico. Só uma vez que um dos meninos enfiou um caroço de amendoim dentro do nariz do outro. E outra vez que o outro menino deu soda pro outro comer... soda caustica. Fora isso... eu mesmo fazia o remédio em casa... nascimento de dente... fazia um chá de qualquer coisa... rezava... dava... e eles ficavam bom. Aprendi a rezar por meio de meu Dom. Tenho aquela fé em Jesus, Maria e José... que a pessoa vai ficar boa e assim aprendi a rezar.

62. Descobri esse meu Dom aqui na cidade... porque os pais não sabem cuidar de criança. Quando vai acontecer alguma coisa eu sinto aquele esquentamento do lado esquerdo. É o tempo que vem... vem criança... fica cheio. As mães vem: “AH... meu filho tá com dor de cabeça... tá com febre... já levei no médico... passou remédio e a criança tá pior. Já fui no posto... e aquela fila... e ninguém descobre o que é.” Pego... faço um chá... a criança fica boa. É uma vez... ou duas e não vem mais. Olha... eu não sabia... mas agora sei... um remédio pode intoxicar uma pessoa. Porque remédio é veneno. Quem faz um remédio... um xarope... precisa saber o que está fazendo. Não é só pegar qualquer coisa e fazer. E assim eu fazia.

63. De primeiro cuidava dos meus filhos assim. Tinha antigamente o Melhoral Infantil... aquele ASS... eu dava... conforme a doença... pegava uma folha... se não tinha a folha do remédio que eu queria... pegava qualquer uma que tivesse e fazia o chá. Mas... Deus me livre de fazer um remédio para pessoa

ficar doente. Fiz essa experiência quando eu vivia lá na roça... o pessoal da roça sofre... sofre... já fui da roça e sei como é a vida.

64. Um dia foi visitar a minha comadre no interior... amanheci sem coragem de levantar... me sentia toda quebrada...não aguentava nem andar... e era uma febre. Já fui pedindo pra minha comadre fazer um chá. Mas ela não tinha nada de planta de remédio porque as galinhas comiam tudo e os porcos fuçavam o resto. Eu reclamei... como é que não tinha uma horta de planta de remédio... desde os meus filhos eu cultivava minhas latinhas de remédio... é hortelã, é alevante e outras plantas de remédio que conheço. Fazia o chá... a criança ficava boa. Pois eu mandei ela fazer chá de qualquer folha... um litro logo... nem que fosse de água quente. Meus netos tudo preocupado comigo.

65. Daí a pouco ela chegou com um chá de broto de amora. Tomei aquele canecão de chá. Bebi e aquilo... correu nas veias... daqui a pouco... levantei. As bolsas já estavam tudo arrumada. Fui me embora no mesmo dia porque minha neta tinha que estudar. Pois aquele chá foi que me levantou. É por isso que Deus disse que todas as plantas são remédio. É aí que minha fé vai crescendo mais.l

66. Rezo em muita criança... mas rezo também em todo o mundo que vem aqui e pede... faço a minha oração. Às vezes a pessoa não tem fé e quer voltar outra vez... eu digo: “Não. Se melhorar não precisa vir mais A oração é muito boa... oração é força. Tenha fé que você vai ficar boa.” As pessoas falam que sou curandeira... MAS NÃO SOU! Fico com medo quando dizem que sou curandeira. Deus me livre... rio desse pessoal porque tem muito modo de curação. Uma vem e diz: “A minha criança está assim...” Outro vem: “Quebrei... torci meu pé.” “Tô com dor de cabeça.” É quebradura... outro com dor nas costa... desconjuntado. Daí eu rezo.

67. Tem gente que passa aqui: “AH! Minha cabeça tá para estourar... dona Cartola.” Levo elas lá pra traz... ponho na cadeira e vou procurar saber... se foi menstruação... se foi alguma coisa que comeu e fez mal... se foi algum filho que tá morto dentro da barriga. Converso com elas... depois faço a minha oração. Rezo Pai nosso e as Ave Marias. Me apego a Jesus, Maria e

José... já ficam bom... e vão embora... tem uns que voltam para agradecer e outros que nunca mais volta... graças a Deus... e fico satisfeita.

68. Uma vez apareceu um homem com um pé cheio de bicho... são coisas assim que agora eu tenho medo. Por que tem a medicina avançada... a sabedoria é maior... os homens estão mais sabidos. Eu não vou me meter nessas coisas... com essa idade. Nunca! Nunca! Rezo na minha família... aqui em casa. Rezo por aquela família... para abençoar aquele amor... tirar os maus pensamentos... saúde... paz... união. Mas eu sair da minha casa para ir lá com a pessoa. Se alguém pedir é outra coisa.

69. Quando eu vou para a Igreja as pessoas vão pedindo... “Reza por mim... dona Carlota!” Quando é na hora da oração eu lembro daquela pessoa e faço a oração. Quando não se tem amor por essa pessoa... fico calada. Posso até fazer a oração .. mais é duro... duro. A voz não sai... esqueço as palavras... misturo as coisas. Tem que ir com muita fé... bons pensamentos... pra escutar a palavra de Deus e fazer a oração... fiz sim e não é fácil. Peço oração por aquelas pessoas que vejo que precisam... não adianta pedir... pedir e aquela pessoa não ligar. Na hora da oração eu lembro daquela família e isto é vida espiritual.

70. Num caso de doença braba... eu rezo a Estrela do Céu. É linda... linda... linda essa oração. Ela não pode ser rezada a toa. Rezei muito na cabeça de um homem que sofria demais de dor de cabeça... era uma dor que atacava tudo... ele chegava a tremer... ficava nervoso daí vinha a dor... ele ficava doido! Não podia fazer nada... ficava dentro da rede... ruim. Era um homem muito sofredor.

71. Toda vez que ele sentia dor... mandava um dos meninos dele vir me buscar. Eu já levava a erva cidreira de folha e a erva cidreira de capim. Daqui a um pouco... quando pensava que não... já chegava o menino de novo... me chamando. VIXE ! Passei mais de um ano rezando na cabeça desse homem. Ele foi para São Paulo... pra ver se os parentes cuidavam dele. Me agradeceu muito... ele disse que quando eu rezava nele... ficava bom da dor.

72. Essa oração da Estrela do Céu foi o meu velho quem me ensinou e ele aprendeu com o pai dele que era muito rezador... muito estudioso... muito católico. Essa oração... a gente rezava na plantação. Nunca fiz isso... meu velho era quem ia. Lá na roça a nossa plantação era a coisa mais linda. Às vezes quando ele tinha uma planta bem bonita... pé de feijão... um arroz... levantava cinco horas... ia pra roça sem falar com ninguém. Ele já avisava de noite: “Olha! Vou pra roça amanhã... não me chama.” Ele gostava de ir na sexta-feira treze. Eu rio porque me lembro dessas coisas que o pessoal tem hoje com a sexta-feira.

73. De manhã... os filhos perguntava: “Cadê o pai?” Eu dizia: “Está por aí.” Meu velho chegava na roça e rezava em três cantos a Estrela do Céu e deixava um canto aberto. Nada mexia naquelas plantas! Nada... nada! Lagarta... nenhum bicho que estragasse as plantas. Ele ia de madrugada para roça... só com o pensamento em Deus. Como hoje em dia pouca gente pensa assim... pensar nas coisas de Deus... nas coisas do coração. Porque eu vivo a minha natureza. Graças a Deus. Fazer aquelas coisas que gosto. Coisa que não gosto... eu não vou fazer e nem quero que os outros faça.

74. Toda a família do meu esposo era católica. O pai dele era muito estudado. Ele sabia tanto hino bonito! Tudo gravado na minha cabeça e sumiu. Eu fiquei só com a Estrela do Céu. Todo o dia ele meu sogro chamava todo mundo para rezar... e a gente já sabia... ia dando cinco horas... cinco e meia... ia rezar. Dia de sábado rezava o santo ofício. Respondia tudinho cantado.

75. Eu sou devota de Nossa Senhora Aparecida e Coração de Jesus e Maria. Faz muitos anos. De Nossa Senhora Aparecida eu sou devota desde o início de minha vida... sei lá... a Mãe Santíssima... Mãe de Deus e mãe nossa. Ela me ajuda muito. Eu peço com fé... ela me dá. A devoção pelo coração de Jesus e Maria foi quando nós formamos uma Igreja... lá na roça em Jarú. Foi uma barraca para as pessoas fazer orações... festa de natal.

76. Eu estava caminhando... um dia... dentro de casa... na área e pensava: “Tá chegando o natal...” Na roça só se cuida de trabalhar. Deitada numa rede...

eu comecei a cantar uns hinos velhos. Meu filho que estava estudando por correspondência... da correspondência ele foi estudar supletivo... depois do supletivo estudou o LOGOS. Ele chegou falou: “Mãe porque a gente não forma uma Igreja... pra cantar... rezar?” Eu achei difícil. Ele diz: “É não. Aparecida dá catequese. A senhora canta. Eu tiro as orações e nós fazemos o culto.

77. Daí combinamos... ele falou com o padre Carlos. Esse padre era um sonho de Deus. O padre disse que podia... mas tinha que fazer curso. Meu filho fez o curso... a Aparecida e eu fomos dar catequese para as crianças. Na época do natal ajuntava aquela criançada... fazíamos os cantinhos de natal... que não estava escrito no livro. Eu fico admirada com o que eu fazia com aquelas crianças ativa. Aquilo foi uma maravilha.

78. Essa Igreja foi indo... até que veio a inveja. As famílias ricas não queriam que a Igreja ficasse no meu lote por causa do butequinho que meu velho tocava... era em frente a Igreja. Ele vendia cachaça... as pessoas bebiam... e não dava certo. E bebia mesmo... olha. Eles vinham das linhas... lá de dentro... meu velho queria vender a garrafa inteira mas o pessoal queria comprar de golinho em golinho e depois fazer bagunça.

79. Depois deu pra morrer criança sem batizar. O pessoal era pobre... não fazia o curso... não era família direita... COMO É QUE IA BATIZAR? O meu filho botava quente... OH! Tinha que dar presença todo o domingo e nas reuniões do batismo... depois o padre vinha e batizava. O pessoal batizar e adeus... tchau e bênção... não davam testemunho de nada... ia na Igreja só por ir. Aconteceu com o pessoal de casa... Maria ia a Igreja... pra reunião de batismo... o Compadre Zé ia também. Mas o que é que ele fazia? Vinha na porta... sentava no banco. Quando falava o nome dele... “Presente.” Depois tocava pra fora... lá pra debaixo das árvores... ficava conversando com a rapaziada.

80. No dia do batizado... ficou aquela confusão... batiza ou não batiza. Os padrinhos era da família... gente conhecida. Pra batizar só dava pra gente da família. Porque já sabia da conduta. Os pais e padrinhos se gostavam... e

dava o pequenino pra batizava. Esse menino estava doentinho... barrigudinho amarelinho... agora esta aí... trabalhador que é danado. Maria falava: “Se o meu filho morrer pagão?” Eu dizia: “Batizado é pra viver Maria... não é pra saúde não.” Eu ainda batizei umas crianças em casa... porque a criança estava morre ou não morre. Mas eu dizia pra Maria que não ia batizar o dela.

81. Porque ela mais o esposo tinha que dar o testemunho na Igreja. Se ele entrasse na hora da missa... ouvisse o evangelho... a palavra de Deus... aí meu filho ia deixar batizar. O batismo é feito por derradeiro na missa e não na entrada. Na missa esse meu genro... deu uma olhada pra lá... pra cá e saiu fora. Mandei todo mundo ficar quieto. Na hora da pergunta... o padre falou: “Quem é Zé Carlos?” O compadre dele disse: “Espera aí que vou caça ele.” Aquilo meu deu uma vergonha. Só tinha o canto dele vazio entre os casais.

82. O Padre disse: “Entra.”... Maria entrou... ficou olhando o jeito do marido. Aí o Padre fez as perguntas do batismo. Depois disse pra coumunidade “Tá os pais... os padrinhos... esse menino só vai ser batizado se a comunidade quiser... tem que levantar a mão.” Todos levantaram a mão porque todos eram nossos amigos. Aí foi aquela alegre. Batizou o menino. Outros que não tinham batizado... ficou onça: “É porque aquela Igreja do Coração de Jesus e Maria não presta.”

83. O nome da Igreja foi escolhido numa reunião de famílias... o pessoal queria só Coração de Jesus... outros São Francisco... Nossa Senhora Aparecida. E eu dei o meu alô: “Eu quero coração de Jesus e de Maria. Aí vai pra lá... vem pra cá até que batizaram como Coração de Jesus e Maria. A Igreja mudou de lugar... os homens a levaram pra outro terreno... na mesma linha... no terreno de minha filha. Lá ela não vingou... acabou de novo.

84. Eu chorava feito besta porque levaram ela. Agora ela voltou pro mesmo lugarzinho... pro terreninho dela mesmo que era no nosso terreno. Ela é toda em tábua e telhas ganha... só não voltou o quadro do Coração de Jesus e

Maria... fiquei triste... triste. Agora ela só tem a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

85. Mas eu sou devota de Nossa Senhora também desde lá da roça... pedia pra ela muito coisa. Pedia tudo... o pão de cada dia... que nunca falta-se na minha família e para a família do vizinho. Porque faltava muito .. mas nunca faltou para nós. Pedia saúde... união entre as famílias. E uma boa morte... porque a vida é assim. E ela está sempre comigo graças a Deus e nunca vai faltar.

86. Eu fiz meu primeiro parto com a minha cunhada... Maria. Nós morávamos perto uma da outra. Ela reclamava porque o marido não se importa com o que ela sentia. Mas a vida de mulher é sofrimento mesmo. Quando a gente ia ter filho... chamava uma pessoa que a gente gostava mais. Não tinha perigo... a casa dela era cheia de filho "... mais tudo é de um jeito... os danados." ela dizia. Claro cada um tem uma natureza... e uma missão a cumprir. E não é fácil.

87. No dia em que ela foi ter nené ela mandou o marido me chamar... tamanha seis horas da manhã chegou ele em casa. Eu já tinha torrado café... Ele disse: "Maria disse que a senhora fosse lá." "É a Maria ou é o senhor?" Ele disse: "Não... é Maria." Eu disse pra aquela danada não me chamar. Eu rio dessa Maria. Tinha que chamar uma preta lá que era muito boa.

88. Se ele tivesse vindo a noite eu não ia. Mas já era de manhã... eu fui e ia pensado "Quando eu chega Maria vai está gemendo." E ela tinha mania de dar passamento... tinha medo disso. O marido dela me deixou perto assim da casa deles e foi buscar a outra parteira... ele dava cada passada... que ia longe.

89. Entrei caladinha pra mulecada não acordar. Ela ficou feliz quando me viu. Mas fui logo reclamando: "Pra que tu me chamou?" "Minha madrinha... o menino está nascendo" "E agora vamos ver... e coragem." Peguei a garrafa .. ela foi soprando devagarinho... devagarinho... nem escutei o menino chorar... era uma agonia. Eu peguei o menino e pronto. Daí ela começou a revirou os

olhos... eu dei água e sal... Ah!! Meu Deus. Ela melhorou... mas eu passei apertado.

MARIA DAS GRAÇAS DA SILVA

- Um dia meu pai conheceu num bar... uma senhora que incorporava espírito. Uma vez o caboclo incorporado nela disse ao meu pai que minha mãe estava esperando nenê. Ele disse que mamãe não podia ter mais filhos. O caboclo disse: “Está sim... e é uma menina. Já que você não quer... a menina é minha.” Papai concordou em me dar se fosse verdade. Mamãe já estava com quinze dias de gravidez e não sabia. Papai também não contou nada a mamãe.
- Depois de um mês... mamãe começou a sentir os sintomas de gravidez... o médico só confirmou. Meu papai quando soube se assustou e foi ter com aquela senhora. Ela já recebeu o papai dizendo: “Você está voltando para dizer que sua mulher está grávida... só que agora a menina é minha.” Papai se recusou a me dar mas disse que eu podia ser sua afilhada. “Vai se batizar como eu quero.” Ela disse.
- Então meu batizado foi assim: a imagem de Nossa Senhora das Graças foi minha madrinha e meu padrinho um espírito que a senhora dizia receber. Em casa fui a única a... como diz meu pai... mijar dois meses... a que teve enxoval de bebê porque pela situação meus pais não puderam fazer para os outros filhos. Meu irmão mais velho... que trabalhava no banco do Brasil... ficou encantado comigo. Disse para Mamãe que iria me dar tudo que eu precisa-se. Até hoje eu peço à benção a ele. Tenho um carinho muito grande por ele.
- Sempre gostei de trabalhar para ter meu dinheiro e comprar minhas coisas. Com sete anos de idade as minhas primas me pagavam para cuidar dos seus bebês. Nos oito anos já fazia minha matrícula na escola... capinava quintáis dos outros... carregava água do igarapé para a vizinhança de casa.
- Interessante... na minha infância uma pessoa sempre aparecia nos lugares onde eu estava. Eu tomava cada susto. Essa pessoa sempre me olhava muito sério. Era loiro... os cabelos muito cacheados... vestido de branco. Até

hoje não sei quem é... nem todos o viam. A minha mãe... um namorado meu presenciaram algumas vezes o fato. Quando fiquei grávida do meu primeiro filho ele nunca mais apareceu.

- Talvez todas as coisas diferentes que aconteceram e acontecem na minha vida tenham ligação com o episódio do meu nascimento. Sei quando um filho meu adoece... antes mesmo que me avisem. Sei quando algo vai acontecer comigo... se as coisas vão dar certo ou não... vem na minha mente a cena do que vai se passar... tenho uma intuição. Me dá medo por saber antes.
- A minha vida é assim: tem sofrimento... têm coisas boas. Me aflijo com coisas que acontece mas não esqueço que sou muito abençoada por Deus. Tudo o que eu quero... eu consigo... com dificuldade... mas Deus me ajuda. Eu não planejo sonhos e visões que tenho... acontece sem querer. Às vezes quando desejo... eles não acontecem. Já vivo preparada para a qualquer hora ter visões... sonhos... situações diferentes acontecendo na minha vida. E quando acontece... algo me impulsiona a agir... tenho que seguir. Não vivo no espiritismo... não tenho ligação nenhuma com o outro lado. O que gosto é da Igreja católica e de vez em quando ir a Igreja de crentes das minhas amigas.
- No interior não tinha médico. Meu pai é que rezava nas crianças as orações para quebrante e ficavam boas. Quando ele estava aqui em casa vinha muita gente atrás dele. Vinham adultos que com fé... ficavam bons. Chegou um menino do interior que me chamou atenção por estar muito doente. Ele desmaiava e voltava. Fiquei com pena dele... coloquei-o no colo e rezei um Pai Nosso pedindo a Deus por ele. Muito humildes os pais... dei uns vales transportes para levarem o menino ao hospital. Com três dias aporta a filha do casal em casa. Ela disse: “Ah! Dona Maria... a senhora reza bem demais. Meu irmão saiu daqui... teve uma crise de vômito... vomitou tanta verme e ficou melhor. No dia seguinte mamãe levou ele ao médico... ele disse que meu irmão tinha uma crise de vermes. A sorte dele foi ter vomitado.
- Já aconteceu outros casos: João... meu marido tinha se operado. Já em casa ele quis jantar. Na terceira colherada de comida começou a sentir dores

muito fortes. Foi para o quarto e começou a gritar de dor. Vi que a coisa era séria... fui chamar o vizinho para dirigir o carro... ele não estava. Voltei para junto do João e me concentrei. Coloquei a mão em cima da dor... rezei o pai nosso... pedi ajuda a Deus. De repente me assustei... rompeu algo nele e começou a jorrar jatos de sangue dele em mim.

Peguei uma toalhinha na cabeceira da cama e pressionei no lugar. Em seguida o vizinho chegou e fomos ao hospital. O médico que atendeu disse que foi a sorte do João ter estourado o sangue porque ele estava com hemorragia interna. João... desse dia em diante... teve fé em mim. Quando sente alguma dor me pede para rezar nele e diz que fica bom.

Tem um acontecido com Chico Xavier... em Belo Horizonte. Sempre tive loucura para conhecê-lo... era meu sonho. Um dia... o encontrei num supermercado escolhendo cebolas com um jovem. Ele estava a uns cinco metros mais ou menos de mim. Quando o vi não consegui dar mais nem um passo. Comecei a falar mentalmente... Chico Xavier virou-se na minha direção e conversamos. Me sentia correspondida mentalmente... numa conversa bonita... num diálogo que não era meu. Tanto eu falei como fiz pergunta.

O rapaz que o acompanhava terminou de arrumar as cebolas no saco e saiu puxando Chico Xavier pelo braço. Ele estava tão entretido em nossa conversa que ia andando com o pescoço virado na minha direção. De repente sai do transe em que estava e meu ex-marido que me acompanhava perguntou o que havia acontecido. Eu disse que tinha conversado muito com o Chico mentalmente.

Três ou quatro anos... estava vindo para Porto Velho. Esta viagem era sempre adiada para o ano seguinte. Na véspera de vir embora... encontrei uma maneira de pegar na mão do Chico Xavier. Era um lugar público com uma fila enorme e um guarda sempre apressando as pessoas à não se demorarem. Na minha vez... Chico Xavier puxou a minha mão e falou: “Você vai embora e você vai ser muito feliz.” Ele respondeu outras perguntas que eu havia feito no encontro anterior.

- Meu primeiro parto foi muito difícil. Fiquei grávida com dezessete anos... foi um choque muito grande porque não me sentia preparada. Era muito danada... trabalhadora... mais sem experiência alguma nesses assuntos. O rapaz... era um coitado... não quis casar e minha mãe não aceitou a situação... me bateu. Então fui embora para a casa do meu tio pensando ser o melhor a fazer. Chegando lá meu tio queria fazer um aborto. Naquela idade não sabia bem o que era ou como era feito um aborto mas disse não... respondi: “Eu sou muito mulher. Vou trabalhar e criar meu filho... mas não faço isso.”
- Na gravidez fiquei muito doente dos rins. Morava num dos quartos da estância do meu tio. No dia que tive o nenê... levantei as cinco da manhã... fiz de tudo em casa. De repente as dores ficaram mais fortes e rápidas... eu estava em pé na sala... sozinha. Não deu tempo de fazer nada... fui chegando no quarto... o nenê foi nascendo e fui me acocorando. Quando minha tia chegou acompanhada de uma senhora... o nenê estava no chão e eu estava sem poder sair do lugar por causa do cordão umbilical. As duas me acudiram... e nos levaram para a cama... o bebê e eu.
- Me considero uma pessoa abençoada porque os meus partos aconteceram muito rápido. No parto do meu segundo filho... cheguei ao hospital e a médica falou: “O nenê já está nascendo. Pode ir para sala se arrumar.” Fui... disse a enfermeira o recado da médica... ela disse: “A médica está brincando... com esse tamanho de barriga... não e para agora não.” Daí a pouco o menino nasce e quase cai da maca. A enfermeira passou um aperto muito grande para nos acudir.
- Uma experiência que marcou a minha vida foi ter feito um parto sem noção nenhuma de como se faz. Eu era moça... tinha uns quinze anos... naquele tempo... mãe não comentava essas coisas para a filha. A minha colega... ficou grávida... casou e fui visitá-la. Por coincidência cheguei na hora do nenê nascer. A mãe dela quando me viu pegou pelo braço e disse: “Maria... pelo amor de Deus! Faz o parto da minha filha. Sou parteira mais não estou

dando conta. Estou tremendo.” “O que eu faço?” “Vou ti dar umas explicações.” Até hoje não sei como fiz o parto da mulher.

O segundo parto eu estava visitando meu pai que lecionava no interior. Aproveitei a estada para ir no sítio vizinho de um pessoal amigos meus. No caminho do sítio uma velhinha me chamou: “Venha cá Maria. Faz o parto da minha nora. Já está na hora.” Passei um sufoco... disse: “Eu não sei fazer.” Ela disse: “Agora não tem jeito. Tem que fazer assim mesmo.” Fiz esse outro parto... também não sei como. Sinto que tenho que agir e ajo.

Estava na janela da casa da mamãe... tinha uns quatorze anos... vi um caminhão atropelar uma criança de uns quatro anos. Tirou o tampo da cabeça... os miolos espatifaram-se no chão e a cabeça ficou oca. A mãe da criança estava perto... pegou o menino nos braços... ora caminhava pra casa... ora desfalecia. As pessoas chegavam perto... via aquilo... se afastavam. Não agüentei a situação... tomei o menino dos braços da mãe e completei o caminho da casa dela. Ninguém entrou na casa.

Coloquei o menino na mesa e voltei para juntar os miolos espalhados na rua. Com as mãos eu colocava num saco que mamãe me deu. Quando não deu mais... juntei os pedaços menores com a colher. Minha irmã ajudou a colocar os miolos na cabeça e enfaixar... arrumar o intestino que estava para fora e amarrar. Daí o pessoal foi entrar para ver o menino e consolar a mãe.

O noivo da minha irmã era policial... ficou sabendo do caso na época e passou a me buscar todas as vezes em que havia casos que a polícia não gostava de fazer. Meu cunhado dizia: “Eu vou buscar a minha cunhada porque ela não tem medo.” E eu ia mesmo. Eu peguei um caso no bairro do Roque... o homem só estava inteiro do peito pra cima... o resto o carro moeu... os pedacinhos os cachorros comiam... e a polícia não dava conta de chegar perto.

Cheguei no local cantando... a polícia botava os cachorros pra correr e eu juntava os pedaços numa toalha de plástico que eles me deram. Mas os cachorros ainda comeram muito daquele homem. Sempre fui fanática por hospital... já era conhecida por ajudar as pessoas.

Numa época eu piorei muito dos rins. Já eram nove anos que sofria desse mal. Para me locomover em casa... minha mãe e minha irmã me apoiavam. Vivia anestesiada. Um dia chegou uma carta do Centro Espírita Cutubiara... no Rio de Janeiro... dizia que eu teria que fazer duas operações: uma espiritual e outra material. A minha irmã escreveu por mim para esse centro espírita. Ela não era espírita... mas por não saber minha doença... tinha que tentar algo.

Fizemos tudo o quanto dizia a carta. Pomos lençóis brancos na cama... um copo d'água sobre a mesa com toalha branca... vesti camisola branca. A porta do meu quarto foi trancada... deitei na cama e aguardei. Minha irmã ficou na sala e mamãe no quarto dela. Na hora marcada a minha irmã percebeu a cortina mover-se como se alguém passasse por ela. A porta do meu quarto se abriu e com a presença dessa pessoa... vi uma luz que veio perto de mim... se foi... depois de alguns segundos retornou. Pegou meus pulsos... um de cada vez e abriu os meus braços que estavam encostado no corpo. Eu sentia o toque de uma mão no meu abdômen. Começou a doer muito... parecia arrancar alguma coisa de mim.

Quando terminou a cirurgia o lugar onde a mão pressionou ardia demais... olhei e vi uma bola de carne com um risco muito profundo no meio na minha barriga. Chamei minha mãe e minha irmã que estavam rezando e mostrei aquela bola. Em todo quarto haviam sinais de que alguém passara por lá. O chinelo que deixei junto ao me deitar estava longe. O copo d'água sobre a mesa havia sido movido.

De oito em oito dias a mesma hora se repetia o ritual. Colocava um litro da nascente sobre a mesa... para que eles colocassem o remédio. Um dia eu sentia uma dor de cabeça muito forte... coloquei outro litro d'água. Na hora que senti a presença da pessoa junto de mim pedi um remédio para a dor de cabeça. A pessoa então colocou a mão grande... muito pesada na minha nuca. Quando acordei olhei os litros: a água de um estava amarela e a outra era verde. Uma continha o remédio para os rins e a outra para a dor de cabeça. Muita gente... enfermeiras do hospital São José... amigas do

Carmela Dutra foram ver o caso. Até hoje eu não tenho mais dores de cabeça fortes.

Depois da cirurgia espiritual comecei a melhorar. Sentia dores muito mais leves. Logo a assistente social do Hospital de Base conseguiu minha viajem para o Rio de Janeiro para que eu fizesse a cirurgia. Cheguei sozinha na cidade grande. No hospital o médico me examinou... disse que precisava tomar sangue para ter forças e fazer exames e a cirurgia. Eu só tinha pele e osso. Depois disso esqueceram-se de mim dentro daquele hospital enorme.

Não deixava ninguém perceber meu sofrimento... chorava no banheiro. Meus filhos foram separados... o mais velho ficou com mamãe e o filho mais novo... tinha um ano e oito meses... ficou em Minas com o pai. Então para conter o meu desespero... comecei a desenvolver um trabalho social dentro do hospital. Escrevi para minha irmã pedindo dinheiro. Ela não tinha muita condição... mesmo assim me enviava moeda que juntava daqui... dali. Pedi aos enfermeiros para comprar linha. Fazia sapatinhos de crochê e dava as visitas... parentes dos internos. As pessoas foram querendo aprender para passar o tempo e fui ensinando também para ocupar o tempo.

Eu era manicura e pedicura... as minhas unhas das mãos e dos pés viviam pintadas... colocava bobes nos cabelos... usava batas e camisolas que minha mãe fazia para mim porque eu não gostava das roupas do hospital... calçava minhas sandalinhas de salto da Bolívia e ia para o refeitório do hospital. Muito bem arrumada... muito bem pintada.

Nunca deixei de usar o meu batom e andar perfumada... parecia que nem era doente. Os médicos gostavam muito de mim por causa da minha atitude. Tinha carapanã demais no hospital então mandei as medidas da cama à mamãe e pedi um cortinado. Eu me arrumava e ia dormia na cama com cortinado. Eles achavam engraçado e me chamavam de “meu bebê”.

Haviam no hospital pessoas acamadas que não comiam direito. De manhã... era muito engraçado... às vezes tamanho o calor eu vestia uma blusa de frio ou levava uma sacola e trazia pão do refeitório. Não era permitido... mas todos sabiam que eu fazia. Pedi aos enfermeiros para fazerem uma frigideira

de lata de sardinha... pregos e tábua. A noite... a enfermaria fechava... eu fazia comida... pegava o pão... fritava ovos... lingüiça no algodão com álcool e saia levando para os acamados... para quem quisesse. Não era permitido paciente pegar em álcool por causa dos alcoólatras... mas me forneciam porque sabiam do meu trabalho. Os médicos iam comigo e brincavam: “Ah! Eu vim pela comida. Ti peguei no flagra.” Mais não brigavam.

- Eu passei a ser um ponto de referência para as religiões. Os crentes... os espíritas cardesistas... padre Pedro. Me davam toda assistência. Eu possuía três armários junto a cama. Tinha pratos... copos e talheres... toalha de rosto... frutas... linhas. Tudo para dar as pessoas que chegavam para se internar no hospital e não tinham nada. Eu mesma fui uma que cheguei sem nada... comia numa lata de goiabada. Fiz curso bíblico nessa época.
- Então para as pessoas que eram crentes eu passava os ensinamentos dos crentes. Conforme a religião eu transmitia um ensinamento. O padre deixou um toca-disco com os discos para treinar as músicas com os pacientes. Os espíritas faziam o mesmo trabalho. E assim eu ocupava o meu dia ensinando... fornecendo coisas... dando comida.
- Atendia a ala masculina que ficava no andar de cima. Era a única paciente mulher que poderia falar com os homens e eles podiam vir na minha ala pra pegar alguma coisa comigo. Eles me chamavam: ‘Rondônia’ “Chama Rondônia pra mim.” Ninguém conhecia Rondônia na época... eles acharam interessante o nome. O serviço social começou a trabalhar comigo... não sei se existia antes... eram duas assistentes sociais. Compravam material e desenvolvíamos juntas os trabalhos de fazer flores... crochê. Fazia as unhas de pacientes e enfermeiras. Para as pessoas desanimadas eu dizia: “A menina... não pode ficar assim não. Vamos fazer essas unhas... ajeitar esse cabelo... se pintar.”
- Eu fiquei oito meses no hospital... com quatro meses mudou a direção. O novo administrador revendo casos viu a minha ficha... e me encaminhou para as transfusões de sangue... os exames e a cirurgia. Fiz vários exames. Na radiografia... o médico que realizava o exame chamou um médico que

chamou outro... fui transferida de sala. Eu pensei: “Estou morta.” Ninguém falava nada. Chamei uma doutora e perguntei o que estava havendo.

Ela disse que eu tinha uma pedra no rins... a maior já conhecida pela medicina brasileira. O mais interessante é que a pedra estava dentro de um saco... pendurada como se fosse um sino. Eu fiquei tão feliz: “Ah! É só isso?” Ela disse: “Você tem três rins.” Me deu numa felicidade tão grande!!! Pensei que ia morrer por não ter mais rins... tinha três.

Daí em diante servi de cobaia para médicos de clínica particular... professores e estudantes... davam aula comigo presente. Faziam muitas perguntas. E concluíram que... se o saco que continha a pedra estivesse em mim já no nascimento teria sentido dores desde criança e não só aos quatorze anos. Se a pedra não estivesse presa dentro dele provavelmente teria morrido.

Depois da cirurgia eles me mostraram a pedra e o saquinho e logo levaram para pesquisa. E não conseguiram reconhecer o tecido do qual era feito o saco. Depois pedi a uma amiga... paciente... para pegar pra mim pelo menos a pedra. Ela conseguiu... tenho a pedra comigo. A minha única explicação para que a pedra dos rins estivesse dentro de um saco foi a cirurgia espiritual.

Durante a cirurgia passei muito mal. Entrei sete da manhã... sai ao meio dia. Acordei durante a cirurgia... quase morria... usaram máscara em mim. Era proibido mas era preciso na minha situação. Com quase quinze dias eu voltei a ter dores de novo... mas continuei fazendo meu trabalho dentro do hospital. Não tive sossego.

De repente chega o dia de vir embora e começou aquela choradeira... de quem ia ficar. Minhas amigas começaram a pegar as minhas coisas para ficar de lembrança. Foi meu sabonete... minha saboneteira... cortinado... minhas sandálias... camisolas. Eu disse: “Olha... só uma roupa que eu não posso dar... é esse conjunto azul. Foi com ele que eu vim e com ele vou voltar.” Na despedida da viagem pro Rio de Janeiro meu pai chorou muito...

me abraçou e disse que ele sentia ser a última vez que ele ia me ver. Eu falei que ele ia me ver de volta com a mesma roupa que fui.

Na minha partida fizeram uma festa pra mim... meu aniversário ia ser no dia seguinte. Estavam funcionários... enfermeiros... médicos pacientes e as assistente sociais. Todos com presentes. Foi um tempão de abraços... de choros... de entrega de presentes... filmaram tudo. Saí do hospital numa combe e os presentes noutra. Não pude trazer tudo... o resto ficou no Rio de Janeiro na casa de uma cunhada.

De volta para casa... eu descobri que as enfermeiras escreviam para mamãe contando como eu estava. Foi uma surpresa. Por eles gostarem tanto de mim... consegui pagar uma promessa feita a Jesus do Porto das Caixas. Eu me apeguei a “Aquele Que Sangrou na Cruz” e fiz a promessa mas não sabia bem como ia pagar a promessa. Antes de vir embora... falei com Dr. Aniba da minha promessa... um dia eu haveria de voltar ao Rio de Janeiro para pagá-la e o procuraria.

Num dos plantões Dr. Aniba veio com a esposa... Dra. Tânia... advogada... e falou: “Arrume-se que a Tânia vai levá-la pra pagar sua promessa.” Não tínhamos permissão para sair do hospital... por isso fomos no plantão dele. Comigo estava um rapaz de Guajará-Mirim... o Francisquinho que me chamava de mãe. Tudo ele me procurava... era órfão. Foi o Raimundo também de Guajará-Mirim que morreu dos rins. E Maria que hoje é do IML.

Para chegar ao Porto das Caixas tínhamos que cruzar a cidade até Niterói. Havia uma multidão no local. Paguei minha promessa e voltamos. Voltamos ao hospital... o plantão já tinha terminado... Dr. Aniba já estava desesperado... pois caso acontecesse alguma coisa ele seria o responsável. Então mais uma vez Deus... colocou ali a sua mão para que a minha promessa fosse cumprida.

Aqui em casa eu tinha que fazer uma dieta de um ano... sem fazer serviço de casa. Meu marido me viu uma vez... depois da cirurgia e foi embora... sumiu. Fui trabalhar então de doméstica... tinha que ir buscar meu filho caçula em Minas. Mas só consegui ir buscá-lo depois de um ano... com a ajuda do meu

cunhado que me deu o dinheiro das passagens. Cheguei lá ele estava nos dias de completar seis anos de idade. Foram mais de quatro anos de sofrimento meu... dele que estava lá longe da gente... e do meu filho mais velho que chorava com saudade do irmão.

No hospital nunca deixei de escrever para os meus filhos... apesar deles não saberem ler. Mandava fotografias que tirava no hospital. Uma vez o avião que levava uma das cartas caiu... pegou fogo... sei lá. Só sei que acharam a carta e do jeito que estava mandaram. A foto estava queimada um pouco.

Quando quero me concentrar penso em algum dos muitos sonhos que tenho na lembrança... do que vi neles. Num dos sonhos meu irmão falecido me contou um segredo que ninguém sabia. Ele falou que não precisava de nada... só pediu que a esposa dele e eu cuidássemos da Pattinha. Eu morava em Minas Gerais na época. De manhã liguei pra mamãe e perguntei se ela conhecia alguém com esse nome. Mamãe perguntou a esposa dele. Era o nome que ele havia dado a filha que nasceu aqui em Porto Velho. Ele não chegou a conhecê-la porque estava internado no hospital em Belo Horizonte onde faleceu... deu esse nome por carta. Em sonho fui visitá-lo em outros lugares. Íamos a hospitais mas nunca nos aproximávamos um do outro. Nos falávamos a distância. Mantivemos contato por um bom tempo... ele sempre me falando coisas. Uma vez ele disse que ia para outro lugar... e foi então que me pediu para cuidar da Pattinha. A partir daí não tive mais contato.

Em Uberaba tive um sonho: eu entrava no meu quarto e via São Francisco sentado de pernas cruzadas... na beira da minha cama... do lado dos pés. Era um rapaz novo... muito bonito... de rosto afilado. Ele disse: “Olha o que eu trouxe para você, Maria.” Me mostrou um vaso... de tijolo pequeno... com antolhas alaranjadas muito diferente. Nem fiz conta. “Ah! Deixa aí.” Eu estava tentando pegar uma coisa que pulava para dar ao meu sobrinho. Quando consegui pegar... fechei ele na mão para que não escapasse e São Francisco disse que aquilo não era para o seu sobrinho e sim para mim.

Neste momento pensei: “Puxa vida! Como é que São Francisco me traz um presente e eu não ligo?” Ele se levantou e saiu.

De manhã acordei num estado de paz e felicidade total... parecia não pisar no chão. A noite por me sentir assim... fui ao Centro Espírita Cardesista. Na mesa dos dirigentes do centro ficavam seu Hélio e o seu Paulo... que são videntes e seu Geraldo... o pregador. Naquele dia seu Hélio pediu licença a seu Geraldo e disse: “Manda essa moça vir sentar no meu lugar.” Levei um susto quando me chamaram... eu não era membro do centro. Fui... me sentei na cadeira de ferro do Seu Hélio e ele sentou-se junto ao público. A partir daquela hora eu não agi mais com o meu comando... mas sentia paz e felicidade ali.

No final invocaram que todos impusessem as mãos sobre os litros d’água para colocar as energias. Quando ergui a minha mão vi sair pelos meus dedos um arco-íris indo a direção à água. Era de uma força que sentia queimar a minha mão. Nesse momento me perguntei o que estava fazendo ali... me deu uma vergonha. Terminou a bênção... me levantei e fui para o meu lugar com o meu braço inchado... era de um peso tão grande... como se tivesse sido anestesiado. As pessoas iam embora e eu de cabeça baixa esperava a entrega da água energizada. Eu pensava que ao passar a água ia melhora.

Seu Hélio do lugar dele disse: “É... para quem não sabe São Francisco tinha um problema no braço.” Eu levantei a vista e ele me olhava. E a sensação de inchaço do braço ia passando. Tomei a água e ia saindo quando seu Hélio se aproximou e disse: “Minha filha... sua áurea estava tão negra quando você chegou. Agora ela está linda. E São Francisco colocou em sua casa um vaso de flores para você.” Me espantei .. como seu Hélio sabia do sonho que tive? Até o momento eu não tinha feito a ligação do sonho que tive com o que acontecia ali.

Tive um sonho com Jesus Cristo. Acredito que a face de Deus ninguém vê... só pelas costas. Mas Jesus... sim. Ele veio em carne e osso... andou na terra. Ele pode aparecer para alguém em sonho ou em pessoa... se Ele

quiser. Em sonho eu estava perdida num lugar que não conhecia... descia uma ladeira. Num lugar que parecia uma serra... surgiu uma pessoa de vestes longas.

O tecido de cor creme estava marcado com sangue causado por chicotadas. Aonde o cipó bateu... feriu e manchou o tecido. A maior de todas estava no coração. A túnica era envelhecida possuía bordado vermelho em alto relevo... uma cinta de couro cru envelhecido na cintura... tinha cabelos longos mal tratados... presos nas pontas.

Era uma pessoa que tinha um domínio de paz... de segurança e tranqüilidade fora do normal... até os seus passos transmitiam paz. Isso me chamou muito a atenção. Ele segurava a túnica e dizia: “Esta é roupa que eu usava na hora.” Eu falei: “MEU DEUS É JESUS.” Eu o olhava mas não o vi perfeitamente. Corri... subi a calçada de pedra... parei junto ao arco de pedra onde ele estava e me ajoelhei de olhos fechados. Comecei a gritar: “SENHOR... SENHOR... SENHOR.” Achei que me ajoelhar era pouco... me deitei. Ele perguntou: “Você quer ficar boa?” Eu disse: “Quero”. Abri os olhos e os pés dEle estavam na minha frente. Ele pediu que me levantasse e pela mão Ele me conduziu para o lugar de onde havia saído. Eu não me atrevia a olhar seu rosto.

Passamos por um local onde havia uma caçamba cheia de gente muito bem vestida... sorrindo... brincando. Não observei muito... pois não me sentia no direito de ver tudo. Havia mais pessoas felizes fora da caçamba mas ninguém se importava em cumprimentar Jesus. Só um rapaz moreno veio ter com Ele. Fiquei admirada com o descaso das pessoas.

Depois sentamos numa mesa. Ele pegou a minha mão esquerda e começou a passar o dedo na palma da minha mão. Com esse movimento Ele examinou todo o meu corpo... me contou do meu problema no útero. Ainda tentei olhar para o rosto dEle mas quando eu levantava a vista Ele percebia e olhava também e eu logo abaixava a cabeça. Depois do exame Ele pegou a minha mão novamente e me levou de volta ao arco. Cada vez que Ele me

conduzia pela mão eu me sentia uma criança de seis anos. Foi assim que me senti no sonho.

Acordei com o João me chamando. Ele dizia que eu falava tão alto “Senhor” que ecoava no quarto. Depois deste sonho quando quero alcançar um estado de paz... me recolho no quarto... ou onde eu estiver... rezo e me lembro de Jesus sentado naquela pedra. Meu quarto é o maior ponto de oração. Todas as noites... me ajoelho no meu quarto e rezo o terço. E sinto uma sensação de flutuar.

Outro dia estava na rede... assistindo TV e em minha mente comecei a ver imagens de uma nuvem que ao se abrir tinha a forma de um grande castiçal judaico enfeitado com pedrarias. Ele focou uma luz bem forte em minha cabeça. Cada ponta do castiçal sustentava uma pequena luz de cores diferentes.

O interessante é que em nenhum instante eu perdi a consciência do programa que passava na TV. Só de contar eu me lembro da sensação que senti. Falando em nuvem... uma vez eu olhava o céu e vi uma pequena nuvem que se modificava assumindo a forma de várias coisas. Primeiro se tornou uma rosa vermelha... muito bonita... no final ela era um “M” dourado.

Outro sonho: fui sozinha a um lugar para ver disco voador. Estava lá quando desceu uma mão fechada... enorme para o meu tamanho mas para a pessoa a quem pertencia a mão era normal. No pulso da pessoa havia uma corrente de prata... de uma lapidação diferente. Na minha frente a mão se abriu para mim. Acordei com a sensação de que o sonho era sinal de que em cinco dias... ou cinco meses... ou cinco anos algo muito sério aconteceria a mim. Naquele momento só pensei em minha morte. Passou cinco dias... nada aconteceu... nos cinco meses seguintes... também não. Agora estou esperando os cinco anos.

Numa época estávamos para perder a casa... tínhamos vinte e quatro horas para sair. Eu estava muito doente... num desequilíbrio completo... por causa de problemas conjugais. O funcionário da empresa... proprietária da casa... me visitou... viu o meu estado e disse que ia conversar com meu esposo

outras formas de adiar o despejo. De madrugada me ajoelhei... pedi a Deus que me mostrasse uma solução para a situação.

⌛🗎 No dia seguinte não tinha condições psicológicas para trabalhar. Recebi o pagamento e voltei para casa... para a rede... para a Bíblia. Estava lendo quando tive uma sonolência dessa... de quem ler... foi nesse instante que vi... no céu... nuvens que se transformavam em números .. como se alguém os escrevesse. A cada número formado um círculo era feito em volta e o número anterior sumia. Foram seis números... deu-se um espaço e foram feitos mais seis números. Quando despertei daquele estado nem atinei em jogar na loteria.

⌛🗏 Fui a casa de mamãe e ouvi a notícia do bingo de um carro no “Bingool Clube”... me empolguei com a idéia e disse: “Vou comprar um convite para mim. E tem que ser agora.” Aperrei meu marido para me levar. Quando cheguei junto da bilheteria do “Bingool Clube” também chega um senhor... eu me recolhi para que ele fosse atendido primeiro... depois comprei o meu. Não vou mentir... tinha um certo receio... pois se eu não ganhasse nada como ia pagar as dívidas?

⌛🗐 A noite fomos ao bingo... fiquei com pena do João que não ia jogar. Juntei o resto do dinheiro e comprei outro bilhete... desgraça pouca é besteira. E começou o bingo. Saiu todos os prêmios pequenos... ninguém batia nada. Todo mundo reclamava. Eu dizia: “Eu quero é o carro.” Quando bingaram o carro... eu ganhei. Antes de cantarem a pedra da batida eu disse: “Eu bati.” No momento de dizer eu não gritei.

⌛🗄 Foi João quem gritou... foi quem assinou os papeis. As pessoas pensavam que João é quem havia batido. Na hora tudo se resolveu... o carro foi vendido... pagou-se as dívidas da casa. É por isso que acredito que as visões e os sonhos que tenho acordada... ou não... tem significados e trazem coisas positivas para mim.

⌛⌛ Uma noite perdi o sono... senti que um dos meus filhos estava doente... não sabia qual deles. Passei a noite sentada... rezando. Pelas sete horas da manhã eu ia abrindo a porta e meu sobrinho ia encostando o carro. Ele

disse: “Maria...” Eu disse: “Nem me diga... eu já sei... já estou pronta para ir ver Agnaldo que está doente.” Ele perguntou: “E como é que a senhora sabe? Alguém avisou?” Eu disse: “Não. Eu sei por intuição.” O menino estava com pedras nos rins. Eu só me conscientizo da situação depois que acontece.

MARIA DE JESUS SARMENTO

1. Sou filha de cearense com amazonense. Me criei no interior no município de Humaitá. Vivi sempre trabalhando na roça com os meus pais. Nós somos oito irmãos... cinco mulheres e três homens. Com dezessete anos me casei... fui construir minha vida com o meu marido... lutando sempre na roça. Passei um ano para ter filho... tive doze... mas só tenho oito vivo. Um que tinha vinte e um anos... ele morreu em Brasília e os outros morreram ainda pequenos. Os outros filhos... tem um no garimpo... outro em Humaitá que é operador de máquinas pesadas... um outro na TRANSPEL e o caçula com dezoito anos que está comigo ainda. Sou avó de quinze netos. Tenho um marido que é um amor de pessoa... são trinta e oito anos de casados. Tenho cinqüenta e sete anos. Vou levando a nossa vida inté quando Deus quiser.
2. Um dia... nos meus treze anos... minha mãe foi visitar a filha de um primo meu que estava doente e piorando! A menina só tinha três meses. Deus me tocou... eu disse: “Mamãe vou ver essa criança.” Cheguei lá perguntei pra Luzia como a menina estava. Ela disse: “Ah! Minha filha está tão mal.” Eu disse: “Tu quer que eu reze nela?” Ela olhou para mim... achou graça pensando que eu não soubesse de nada. Foi a primeira criança que atendi em reza. “Tu vai rezar na minha filha?” Eu disse: “Tu quer tua filha boa?” Ela disse: “OH Maria!! Eu quero... é uma bênção.” Eu: “Espere ai.” Peguei um ramo e rezei. Naquele momento... Jesus me tocou e eu disse: “Se for pra ela viver... ela vai sobreviver.”
3. Terminei de rezar e fui me despedindo. Luzia perguntou se eu voltava mais tarde e eu disse que sim. Já estava no caminho quando ela me chamou: “Maria vem cá! Graças a Deus minha filha vai ficar boa!” Eu: “ Mais já?” “Ela não pegava o peito e agora já está mamando. Quer ver? Volta.” Eu voltei e vi. Falei: “Pois é... já que Deus me deu esse DOM então tua filha vai ficar boa. Mais tarde eu volto.” De tarde... custei um pouco a ir. O marido dela foi logo me chamar. Tornei a rezar e graça a Deus a menina ficou BOAZINHA. Hoje em dia ela já casou... tem inté filhos. A mãe da menina foi logo

contando pra um... pra outro: “Olha... a Maria reza!” Ainda disse: “Mas sou muito jovem.” Ela: “Mas a minha filha não ficou boa? Então continua.” Daí por diante não tinha mais tempo de tanta gente que me procurava.

4. A primeira desmentidura que peguei foi no pé de um menino que estava jogando bola no interior onde eu morava. Nunca tinha pegado em pé e nem tinha visto como se fazia. Acho que já tinha uns dezesseis anos. Ele disse: “Maria... machuquei o meu pé.” Disse: “Vem cá.” Ele: “Não... maninha!!! Meu pé vai ficar pior do que está. Eu vou ao seu Abel pegador.” Eu digo: “Vem cá menino.” Ele veio... sentou... peguei o pé... fui fazendo a massagem e pronto. Daí ele disse: “Oh!!! Graças a Deus. Já posso pisar.” Depois quando o pessoal se machucava... já ia em casa para que eu olhasse.
5. Quando vim morar em Porto Velho a Rosana... a dona da farmácia aqui perto... atendeu uma mulher que foi comprar remédio que o médico passou pra filha dela. A menina já tinha feito dezesseis exames... vivia nos postos de saúde... nos hospitais... clínicas particulares e NADA DE FICAR BOA. A Rosana... disse: “Olha essa tua menina não é para médico curar. Vai ali na dona Maria que tua menina vai ficar boa já... já.” Essa criança chegou numa febre tão alta! Mandei a mulher sentar e rezei na menina. Foi incrível! Acabei de rezar a febre foi embora. Agora sempre que precisa essa mulher está aqui. E foi se espalhando. Já veio aquela e outras mais. E assim foi minha vida.
6. Foi... DEUS... NOSSA SENHORA E O DIVINO ESPÍRITO SANTO que me tocou e me deu esse DOM. Porque sou muito humilde... não tenho dinheiro para ajudar as pessoas. Ajudo curando. Os adultos... as crianças vêm doentes e graças a Deus ficam boas. Rogo muito a Deus e participo da Renovação Carismática. Pedi o DOM da sabedoria do Espírito Santo para a cura. Sou pobre mas feliz.
7. Sou devota de Jesus Cristo... do divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Rezo para os outros santos mas me sinto mais feliz quando rezo para Deus... Nossa Senhora e o divino Espírito Santo. Isso desde que comecei a participar da carismática. Antes rezava só para Jesus

Cristo... pra Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

8. Sempre rezei para Jesus Cristo. Para Nossa Senhora do Perpétuo Socorro comecei a rezar quando minha irmã foi me visitar no interior onde eu morava. Ela me deu um catecismo para ser rezado toda a terça-feira para a Santa. Foi quando comecei minha devoção. Eu comecei a rezar pra Nossa Senhora do Rosário foi depois de sua aparição em Borbas. Foi aí que comecei a minha devoção da reza do terço. A Santa apareceu dia dois de março em l950 no município de Borbas no Amazonas.

9. Meu marido era solteiro na época e foi lá. Ele me contou. A Santa apareceu para um homem que não sabia ler e nem escrever. A Santa pediu para que todos rezassem o terço nas suas casas... disse muitas coisas boas para a nossa vida. Depois que ela apareceu foi uma religião muito boa... todo mundo se converteu.

10. Ela apareceu na beira de um igarapé. Chegava na beira do igarapé e atravessava para o outro lado onde havia uma cruz no lugar da aparição. Todo mundo que ia pagava seus pecados. Tem muita gente que tem esses pecados mortais que faz virar animal... porco. Meu marido me contou que pagavam mesmo os pecados... todos os que iam se ajoelhavam aos pés da cruz. Meu marido passou seguramente uns quinze minutos lá... ajoelhado sem ver a luz do dia e pagou os pecados. Havia ainda a Igreja da santa... parte dela era sobre o igarapé. Ele pensava: “Quando chegar a Igreja eu me acabo.”

11. O lugar era cheio de troncos de pau grosso derrubado porque lá funcionava uma serralheria. Eles se ajoelharam num desses troncos pra acompanhar o terço... e foi do princípio ao fim e não sentiu se quer uma coceira no joelho. As pessoas vinham de toda parte e era como se todo mundo já se conhecesse. Era a maior alegria do mundo. Ainda convidaram eles para serrar madeira mas eles já estavam comprometidos de vir trabalhar num seringal aqui próximo a Humaitá.

12. Depois de um tempo o homem que viu a santa arrumou uma mulher e o negócio parou. As pessoas já foram largando a devoção... vindo embora... meu marido foi um. Lá em casa nós não tivemos a oportunidade de ir até Borbas porque o ganho era pouco... mas os vizinhos foram. De volta eles disseram que era uma religião pra lembrar mais de Jesus... pra rezar o terço nas casas. Aí eu comecei.
13. Meu pai era muito sabido. Eu tenho essa tristeza em mim de não saber ler... escrever... sei mal riscar o meu nome. Meu pai não deu sabedoria pra mim. Naquele tempo os pais não queriam que as filhas soubessem escrever porque iam fazer carta pros namorados. Só ensinavam os filhos. Naquelas imediações não tinha quem soubesse rezar o terço. Um dia falei pra mamãe: “Deus e Nossa Senhora vão me ajudar a aprender a rezar o terço.” Eu tinha uns treze anos. Ela ficou muito contente. Mamãe era muito católica... muito devota... sempre teve vontade que o terço fosse rezado em casa.
14. Minhas irmãs não se interessavam de rezar o terço. No interior não tinha ninguém que nos orientasse. Íamos de ano em ano em Humaitá pros festejos de Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Eu fiquei com aquela vontade me tocando. Um dia me ajoelhei e rezei o terço. Daí por diante eu era chamada para tirar o terço nas casas das minhas tias dos vizinhos. E assim foi nossa religião.
15. E até hoje... a mais importante das minhas devoções é A REZA DO TERÇO. Para mim a melhor coisa na angústia... na aflição é dobrar os joelhos... conversar com Deus. Pedir a Ele... Nossa Senhora e o Divino Espírito Santo que ilumine um bom caminho para mim. A força que tenho recebi de Deus rezando o terço. Quando os meus filhos saem e não chegam... o meu marido está custando... não chega... os filhos de minha irmã passam da hora de chegar. Eu digo: “Vamos rezar o terço? Que com fé em Deus eles chegam já.” Nós nos concentramos bem e rezamos. Rapidinho a notícia da chegada deles vem.
16. Rezo todo o santo dia o terço. Às vezes rezo nove horas da manhã... ao meio dia... seis horas. A nossa coordenadora da carismática falou que o

horário bom de rezar é ás nove horas da manhã... ás doze horas e três hora da tarde. Mas quase não rezo. O meu costume... o meu horário é rezar às doze horas e seis horas. Às vezes... estou rezando chega uma pessoa... eu digo: “OH! JESUS perdoa. Vou atender essa pessoa que o Senhor mandou. Já volto pra terminar o terço.”

17. Uma bondade da cidade é a Igreja. Porque no interior era difícil. Sempre fomos católicos mas só tem três anos que estou na carismática. Depois que entrei é difícil perder uma missa. Não digo que vou todos os domingos a Igreja. Às vezes tenho Seminário da Renovação Carismática. Mas se não for isso... posso estar doente... eu digo: “Jesus! Me cura que quero ir a Igreja.” Já fico boa. A carismática me trouxe muito amor... muita força de Deus. Posso está na maior aflição sem nada pra comer em casa... rogo a Jesus e sempre aparece alguém. É um filho... é uma irmã... é uma pessoa que bate a porta que vem trazendo alguma coisa.

18. Eu tenho pra mim que tudo o que eu faço Deus está comigo. Recebi o batismo no divino Espírito Santo num seminário que participei da carismática. Antes de começar as orações... eu me retirei pra rezar um terço aos pés de Nossa Senhora Das Graças. Naquilo em que eu rezava começaram a louvar. Começamos de oração em oração e Deus me tocando... me tocando. “Tu hoje vai repousar no divino Espírito Santo.” Eu já havia repousado antes mas não teve a força que senti agora. Uma força que me tocava “Tu vai ser renovada... encharcada pelo Espírito Santo. Não perde essa oportunidade.” Quando nós fizemos um círculo de oração eu segurei na mão do meu padrinho. eu pedia: “Segura! Segura! Segura!” E apertava a mão dele.

19. Uma senhora foi tocada também... na banca de livros de cantos... dos terços. A voz dizia a ela: “Vai! Vai! Vai!” Ela dizia: “Mas meu Deus para onde eu vou?” “Vai.” Quando ela chegou perto de mim. A voz disse: “Abre os braços.” Ela abriu os braços... eu fui dobrando e ela me agasalhou. Quando terminou a oração ela me contou essa história e voltou pra banca.

20. Foi tão bom que se eu pudesse ficaria ali... no repouso do Espírito Santo. A voz me dava o DOM da cura dizendo: “Quando as pessoas forem em tua

casa... tu ajudas... tu atendes." Tem dia que vem bastante gente em casa. Não tenho tempo pra tomar banho... pra fazer almoço. E a voz dizia que eu não recusasse... não afastasse as pessoas. Quem vai num seminário gosta. Muito bonito as orações.

21. Gosto de rezar nas pessoas as cinco e meia... antes do horário da minha devoção. Mas elas vêm às nove horas... às oito do dia eu recebo e vou logo avisando do horário pra da outra vez vir certo. Mesmo assim ainda me empaio com os que não sabem do horário. Às vezes chega gente desesperada ao meio dia... às nove horas da noite. Sei que não é horário pra rezar mas quando é uma criança passando muito mal... a pessoa mora longe... eu atendo. Mas não gosto de rezar no Domingo... não me sinto bem... tenho pra mim que não serve a reza.

22. Não cobro nada pela reza. As pessoas dão as coisas de livre vontade. "Dona Maria quero dar isso para você." Eu digo: "Já que você quer dar um agrado... eu recebo." Mas eu não peço. Porque se cobrar... a pessoa está pagando por reza... e pra mim reza paga não serve. Agora pra desmintidura ainda digo: "Para desmintidura se você quiser dar algum dinheiro... da livre vontade... eu aceito." Porque a desmintidura não é igual à reza... pertence a outra coisa.

23. Quando vou atender uma pessoa com desmintidura... ela diz: "Dona Maria está doendo as minhas costas... a costela... meu peito... está doendo o meu joelho. Fui ao médico. Ele diz que não tem nada e está inchado." Vou pegando... e conheço se os ossos estão no lugar ou não... pelas juntas que estão afastadas... faço massagem e a pessoa fica boa. Tem um senhor que matou um pintinho e foi desmontando aquelas juntas tudinho. Depois ele foi colocando no lugar. E foi assim que ele aprendeu. Eu não. Percebo porque é um DOM que Deus me deu... ninguém me ensinou.

24. Se a pessoa chega doente... concentro-me em Deus e digo as palavras que lembram que é Jesus quem cura. Pra vento-caído eu rezo:

25. "Jesus... me curai essa criança de vento caído... vento virado... mal olhado com os poderes de Deus e da Virgem Maria assim como tu andavas no

mundo... Jesus... tu curavas os cegos... os aleijados. Então cura essa criança."

26. Em seguida... conheço o Pai nosso... Ave Maria... Santa Maria e Creio em Deus pai. Para espinhela caída rezo:

27. "Senhor tenha compaixão... alevantai essa espinhela dessa pessoa. Cura pra mim. Em nome de Jesus. Pai... Filho... Espírito Santos amém."

28. Aí rezo... o Pai Nosso... a Ave Maria e Santa Maria. As minhas palavras são essas... mas tem gente que reza diferente. Quando entrei na carismática o nosso coordenador disse para pedirmos o DOM de cura ao divino Espírito Santo. E rezássemos só as palavras do Pai Nosso... Ave Maria e Santa Maria e lembrássemos em palavra de que quando Jesus andava no mundo Ele curava. Antes de participar da Carismática eu também pedia o DOM a Jesus para curar aquela pessoa de espinhela... vento caído... quebranto. Na hora da reza na pessoa me palpitava aquela palavras que eu dizia.

29. Depois que entrei na carismática não lembro mais dessas palavras. Esqueci mesmo. Tenho comigo que as palavras não pertenciam a Deus e Ele tirou do meu sentido. Porque se não eu voltava a lembrar delas. O coordenador disse que as palavras pertenciam à macumba... não pertencia a Deus... que a cura por Jesus... pelo o divino Espírito Santo já era as palavras que eu falo agora. Pronto... esqueci mesmo.

30. Na minha sala tem essas imagens que vem dos antigos... era dos avôs do meu esposo. Deus deixou essas imagens pra nós fazermos as devoções para Ele. Não vejo Deus... mas sinto Ele quando faço as minhas devoções. Tem gente que diz que as imagens pertencem à casa de macumba... eles têm as deles lá. Eu tenho as minhas pra louvar a Deus. As imagens têm fitas que as pessoas que fazem promessas na hora da aflição trazem e eu coloco. Tem na Nossa Senhora do Bom Parto que é das mulheres que vão ganhar nenê e fazem promessa. Ganham o nenê delas rapidinho e trazem a fita e eu ponho.

31. De São Raimundo pelas graças alcançadas. Da Nossa Senhora das Dores é que meu marido era doente no tempo de criança e a mãe dele fez

promessa... ele ficou bom. Meu marido sempre bota a fita. São Francisco de Assis tem um anel de terço que ganhei do meu neto. Tem Nossa Senhora do Rosário a quem eu tenho devoção.

32. Uma vez sonhei com a imagem de Cristo. Depois que entrei na carismática. Jesus dizia que eu tivesse as minhas devoções... de rezar para outras imagens... mas que não esquecesse de rezar pra Ele, Jesus Cristo. Ainda mais quando estivesse perto da Semana Santa. Eu rezava mais para as imagens do que para Jesus. Agora nós estamos rezando o terço em família para Ele.

33. Ninguém da minha família rezava. Nem parente... nem irmãs... nem mamãe e nenhum dos meus filhos aprenderam... porque eu não sei ensinar. Às vezes... o meu filho caçula quando pequeno... perguntava: “Mãe como a senhora coloca no lugar as juntas das pessoas? Me ensine.” Eu não sei ensinar... não sei explicar. As pessoas dizem: “Dona Maria me ensine a benzer porque moro longe... no interior.” Não posso é DOM. Até o remédio caseiro... vem de meu DOM. Comprei um xarope... para o meu menino e não serviu. Peguei e fui fazer um xarope. Agarrei umas folhas de hortelã... alfavaca... vagem de jucá... alho e fiz aquela misturada. O menino tomou e não é que ficou bom. Daí eu ensino e faço o xarope para as pessoas que me pedem e o chá do hortelãzinho pra criança com cólica. Mas é só isso... não receito mais nada.

34. Eu não me vejo como benzedeira. Sou uma pessoa que ajuda outros. Quando meus filhos estão doentes digo: “JESUS, CURA!!! Porque nós moramos perto de um hospital... mas não adianta.” Não gosto de hospital... porque não gosto de ver ninguém sofrer e não poder fazer nada. Sempre vou visitar mais venho sofrida... sofrida... sofrida. Aquele cheiro de remédio me deixa tonta. Nos presídio também não gosto de ir. Sei que eles estão lá porque erram e que estão afastados de Deus. Se eu vejo passar na televisão cenas de violência venho e desligo.

35. VIXE MARIA!!! Eu era muito procurada no interior. Quando cheguei na cidade a minha irmã mais velha que já morava aqui começou a mandar

gente para que eu rezasse e essas pessoas já foram falando para outras. Com o tempo já foi morrendo os benzedores que as pessoas conheciam aqui ao redor. Morreu dona Cotinha... dona Dadá... o seu Lulu. Agora que eu vou ser procurada. Vem gente de bicicleta... de carro... a pé. Quando estou fazendo as coisas a cigarra toca... batem palma. “Dona Maria... não lhe conheço. É a primeira vez que venho... me informaram que a senhora pega muito bem desmintidura que a senhora benze.”

36. Teve um caso de um benzedor. Dizem que ele rezava muito bem para tudo que era enfermidade. Chamavam ele de curador. Um dia rezou numa menina que teve derrame. Depois ele começou a sentir tudo o que a menina sentia. Era uma dor na cabeça igual a que a menina sofria. O filho dele veio aqui em casa pedir que eu fosse aqui no hospital João Paulo II ver o pai dele. Fui... visitei... não acertei rezar o terço.

37. Quando o filho dele veio saber o que eu dizia... falei: “É tarde demais... ele está nos poderes de Deus. Não tem mais jeito... só se Deus fosse lá e tocasse nele. Porque para Deus nada é impossível.” Deus ia levá-lo... era a hora dele. Não procuraram um benzedor mais cedo para rezar. Se não fosse a hora de Deus levar... ele tinha ficado bom.

38. Tenho pra mim que a pessoa deve fazer o bem mas tem que ter aquela experiência de Deus. Se fizer uma reza e não se lembrar de Deus... essa cura não é da parte dEle. O curador rezou na menina e o mal passou para ele... Deus não o defendeu. Então a cura do curador já não era de Deus... porque se fosse Deus o livrava.

39. Tenho uma experiência muito grande com Deus. E acredito que pelos benefícios que faço às pessoas o meu cantinho já está preparado na glória dEle. Satisfaço-me em saber que uma pessoa veio doente a mim e ficou boa. DEUS CURA AS PESSOAS! Não eu! Cansa de chegar gente aqui para que eu reze e digo: “Com a graça de Deus você vai ficar boa.”

40. Participo do centro de oração na segunda-feira. Lá nós rezamos tanto pelos nossos parentes quanto pelos dos outros. Tem uma senhora que está a seis anos separada do marido. Mas ela tem vontade que ele volte... ama muito

ele... mas ela sabe que ele não volta. Tem uma outra senhora que sempre que está muito adoentada diz para eu orar por ela. Sobre um casal que o marido estava se destruindo... não queria mais a esposa em casa. Ela me deu o nome dos dois e nós fomos louvando a Deus fazendo orações. Um dia desse ela foi agradecer.

41. Do filho de uma senhora. Ele era muito sabido, mas ficou desemprego. Em casa chegava quebrando tudo. Não queria saber de nada nem da filhinha dele. Ele fica aborrecido quando a menina chega perto. Ficou desesperado. A mãe deu o nome dele e pediu que nós fizéssemos uma oração... para Deus dar o consolo... porque o inimigo estava destruindo a vida dele. Ia para o serviço dele e vinha alegre e satisfeito. E agora ele não quer saber de nada. Que Deus desterre o inimigo. Num tempo desse ela foi agradecer que o filho já estava calmo... já tinha um serviço.

42. Teve outro que veio sexta-feira. Ele tem um lanche e um dia foi uma senhora lá e disse: “Ah! Jéferson você está tão bem... pegando tanto dinheiro aqui. Enquanto eu estou sem emprego. Não sei como vai ficar minha vida.” E foi embora. Passou uns três dias... ele começou a ficar aborrecido com a mulher em casa... não tinha mais ânimo e nem paciência de ficar no lanche. A vida dele era dormir. Pedi o nome dele... fiz uma oração. Tornei a fazer oração na Igreja. Outro dia ele veio aqui comigo... para dar os agradecimentos... porque ele já estava disposto de novo para trabalhar.

43. Tem algumas mulheres que vem trazer ISSO. Ela não vem na graças de Deus... esse tipo de gente fala alguma coisa e pronto. Tudo dá para traz. Peço muito a Deus que não me deixe cair... rezo para São Gabriel... São Miguel Arcanjo que o inimigo fique bem longe de mim. Tenho um filho que não aceita que eu reze. Teve um rapaz que trabalhou com ele na CONSIS... a mãe dele morreu nesse serviço. Ela foi muito mal tratada. Ela ajudava as pessoas, mas não foi ajudada por ninguém quando ela precisou. Eu digo a ele que Deus... Nossa Senhora e o divino Espírito Santo vão afastar todo o mal de dentro de casa. Porque não posso parar. É triste ver doentes jogados nos hospitais e não poder fazer nada.

44. E toda vez que vou para a intercessão é sempre assim... pedidos pelo irmão... pelos que estão jogados nos leitos dos hospitais... para que os médicos atendam melhor... pelos drogados... pelos que bebem... os que têm o coração duro... não pertencem ainda a Deus... que Jesus busque essas pessoas e que eles também se lembrem de Deus... pra que eles saiam daquela arrumação. Graças a Deus estou feliz... BASTANTE FELIZ! Porque posso dizer que tenho fé em Deus... sinto Ele e o divino Espírito Santo comigo.
45. Eu me sinto desesperada quando eu erro a reza do terço e sei que aquela pessoa não tem mais jeito. É Deus que vem dizer que não é da vontade dEle... já chegou a hora dEle levar a pessoa. Aí não continuo a rezar. No meu desespero volto a minha mente "É Jesus... já que chegou a hora... Tu precisa dele aí não posso fazer nada." MAS EU NÃO ACERTO A REZAR O TERÇO de jeito nenhum. É Uma reza que não se endireita. E pra outros a reza sai vai tão bem.
46. Morava um benzedor em Humaitá... ele até já morreu... tinha o mesmo sistema de reza. Ia gente daqui de Porto Velho até Humaitá pra que ele rezasse. Se ele reza-se na criança e disse-se que não tinha jeito... não tinha jeito mesmo. Ele dizia que errava na hora da reza. E eu tenho isso comigo.
47. Um dos meus sofrimentos na vida foi ter perdido meu filho e meu pai. Meu pai morreu no dia 26 de fevereiro quando foi no dia 26 de outubro do mesmo ano meu filho morreu do mal de câncer. Ele levou uma furada no pé e ofendeu os nervos. Nós viemos pra cidade atrás de tratamento... daqui ele foi pra Brasília. Ainda chegaram a cortar a perna dele... mas Deus não quis a saúde dele e o levou. Mas estou satisfeita por que tenho comigo de que ele está com Deus.
48. Não sou de me lembrar de sonhos mas teve um antes do meu pai morrer que teve sentido. Sonhei que perdia minha aliança. Depois contei o sonho para uma senhora que me disse: "Ah... maninha você vai perder alguém da tua família." Meu pai ainda andava... conversava... quando ele cai de cama não passou dois meses... ele morreu.

49. Na época a minha vida se descontrolou... deixei minha família... acho que o meu marido pensava que eu tivesse outro homem. De manhã chegava em Humaitá... a tarde estava aqui em Porto Velho no hospital. E assim os dias se passavam. Quase enlouqueço... com a morte do meu pai e do meu filho. Quando a minha mãe morreu já pedi a Deus que não me deixasse ficar tão desorientada. Ela sentia uma dor nas pernas.

50. O médico disse que era reumatismo. E fura para reumatismo... fura para reumatismo. Quando ela ficou de cama foi um mês. Passávamos a noite junto dela. Eu e minhas cinco irmãs fazíamos rodízio ao pé da cama. Ela não dormia e nem deixava a gente dormir. Até que ela inspirou no dia sete de setembro. Já fez seis anos. Papai vai fazer dezessete de falecido.

51. Pelos meus pais que estão plantados aqui... eu fiquei. Digo para os meus parentes: “QUERO QUE VOCÊS ME DEIXEM PLANTADA AQUI... ONDE MEUS PAIS ESTÃO ATÉ NOS ANOS DA ILUMINAÇÃO DE GLÓRIA.” Tenho fé em Deus de ficar ao lado deles. Porque os meus pais são tudo na minha vida. Os filhos de hoje não sabem agradecer a vida dos pais. Querem matar os pais. Quando os meus filhos dizem: “Mamãe” eu digo: “Ah! Que nome abençoado.” Quando se tem uma dor... só de a mãe falar... o sofrimento passa. É muito bom. E não ter pai é muito ruim.

52. Eu só vim pra cidade mesmo a bem de saúde... desde a primeira vez. Minha mãe dizia: “Minha filha... tu não conhece Porto Velho... nem Manaus... nenhuma cidade. Vamos em Porto Velho?” Nunca tive vontade de vir... de sair do interior. Eu trazia meu marido mas ele não se acostumava com o clima da cidade. A gente nasceu no interior e é difícil de se acostumar. Implorei a Deus e Nossa Senhora daí meu marido não demorou e voltou... conseguiu um emprego... foi buscar as nossas coisas e hoje estamos aqui. Faz vinte e um anos.

53. Foi também no tempo em que um dos meus filhos começou a trabalhar com seu Camelo e conseguiu essa casa aqui. Esse seu Camelo teve uma morte feia... foi morto afogado na piscina da casa dele. Tinha muito ouro guardado em casa. Os assaltantes cobiçaram e mataram ele. Foi triste. E meu filho foi

trabalhar com esse homem na queimação do ouro. Nós morávamos de aluguel.

54. Um dia meu filho disse: “Mamãe... a senhora arrume as coisas que hoje comprei uma casa pra morarmos.” Faz dezessete anos que moramos aqui. Por uma parte é bom aqui mas por outra é muita violência. Me preocupo DEMAIS com os meus filhos... quando saem... se não chegam. Só sossego se eles estiverem em casa. Um deles queria estudar a noite para trabalhar de dia mais não deu certo. Deus não quis que ele estudasse a noite. Rezo pela boa sorte dos meus filhos.

55. Agora no interior é bom não precisa se preocupar... porque violência não tem. Só quando a violência vai daqui pra lá. Uma filha minha que mora acima de Calama conta que apareceu um fugitivo da cidade numa casa que fica distante das outras. Esse homem chegou e quis agredir a mulher. A valença foi que o marido dela estava pescando e voltou logo. O fugitivo falou: “AH! Eu vim foi fugido da Porto Velho.” E ia agarrar ela... o marido chegou. No Amazonas onde nós morávamos ainda é bom. VIXE MARIA!! Tenho vontade de voltar se meu filho quisesse. Eu ai com todo o gosto. Porque lá não tem violência. Vive-se melhor.

56. Os meus partos foram sempre em casa acompanhado de parteira... graças a Deus nenhum morreu de parto. Eu só tive um aqui na cidade... mas também em casa. Tive gêmeas em casa... acompanhada de minha sogra que era parteira. Na hora graças a Deus não tive atrapalho nenhum. Porém com sete dias uma delas morreu. A que sobreviveu está com vinte e quatro anos. Esse último filho meus parentes diziam: “Vamos pra maternidade.” E eu: “Não... vou ter com a parteira.” Se a parteira dissesse para eu ir pra maternidade teria ido. Mas a parteira não dizia nada... ficava calada. Então não tinha perigo. Pois é a minha vida foi assim.

57. Um dia no interior fui visitar uma mulher que tinha ganhado nenê. A parteira deixou ela lá... jogada. Meu marido não queria que eu fosse lá. Ele foi tomar uma injeção porque estava meio adoentado e eu fui com minha cunhada ver a mulher. Cheguei lá... vi o estado em que a parteira tinha deixado ela.

Mandei chamar o marido. Ele veio. Eu disse: “Vamos ver se nós damos a vida pra essa sua mulher?” Ele: “Eu já fui lá com o meu patrão. A gente vai buscar a parteira do outro lado do rio.” Disse: “Não... eu resolvo seu caso.” Deus me tocou naquele momento... “O senhor agarre ela... vire de cabeça pra baixo... que isso vai já recolher se Deus quiser.” Ele fez. Quando ela se deitou falou: “Dona Maria... agora sei que estou boa.”

58. Depois começaram a me procurar para acompanhar partos mas eu não sabia como cortava o umbigo e perguntei a Deus como ia cortar o umbigo da criança. Mandei chamar uma parteira. Ela disse que eu desse meu jeito. “Deixe comadre que Deus vai me ajudar.” Medi quatro dedos do umbigo da criança... cortei e pronto. Eu acredito que pelas minhas contagens uns cem partos acompanhei. Agora parto não faço mais porque tem a maternidade aqui. As mulheres dizem: “AH! Mas está difícil. O hospital está em greve.” Eu digo: “Mas com fé em Deus e Nossa Senhora vocês vão ser recebidas.”

PARTE III

INTERPRETAÇÃO

RAIMUNDA OLIVEIRA-INTERPRETAÇÃO

I

O texto de Dona Raimunda narra várias origens da estrutura do sagrado, da sua missão, imagens que dão significados às práticas de benzeção e ao sentido dos acontecimentos cotidianos. O início de sua narrativa **Então eu vou falar sobre as cúrias né... sobre as rezas né...**[1] é marcada por vários episódios de ordem pessoal que evidenciam um movimento de queda, de declínio: o abandono materno pela morte da mãe **depois quando minha mãe morreu SE PARTIU TODO**[1], o abandono do marido, impondo o fim do casamento, e uma vida de luta para criar os filhos, **fiquei com o marido... aí SEPARAÇÃO...**[1] o afastamento da Igreja por sua condição de separada, **veio a separação... desorientou minha cabeça... eu me afastei da Igreja**[2]**.** Aflição por uma doença que não se conhecia a definição e muito menos a cura **passei uns oitos anos... aí peguei uma doença grande... grande**.[2]

A experiência religiosa ocorre quando nada mais restava das estruturas de sustentação e equilíbrio à vida humana. Em sua narrativa, Raimunda deixa claro que não é apenas o corpo que se prostra, tudo em volta de si desaba, desmoronam as relações, sofre afastamento das instituições: casamento, Igreja, família materna. Nesse início de narrativa, num movimento de declínio, ocorre a destruição de uma ordem estabelecida, que antes era assegurada pelo sentimento de adequada inserção e pertencimento as instituições. Perder a mãe cedo

significa por vezes, assumir a realidade de estar só, de desenvolver a própria consciência quanto aos perigos, aos problemas e desafios da vida.

A experiência de vida de Raimunda começa assim: nessa queda vertiginosa. O que ela expõe equivale a uma regressão ao estado de desordem, ao pré-formal, ao estado que não diferencia o que é certo ou errado, do que é reconhecível ou desconhecido, do que é sagrado ou profano. Ela definha para descobrir-se só no mundo, para cuidar de si mesma e dos seus, de um novo modo, num mundo que não é maternal, sem a proteção do casamento ou a benção da Igreja. O **Foi quando**[2] revela o início da virada. A narrativa inicia de uma decadência deixando entrever, no entanto, um grande desfecho de sublimação. Um desenlace enaltecido e justificado pela superação das crises e das adversidades. O **Foi quando**[2] denota a reação de quem parecia ser apenas vítima das circunstâncias. Tal qual Ulisses jogado de onda a onda, ela está prestes a se deparar com outras aventuras que difere do que era conhecido e mudará a sua sorte. Para experienciar no sentido ativo é necessário aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e o incerto. Para se tornar uma experta, cumpre arriscar-se a enfrentar os perigos do novo. Está iniciada a saga da heroína.

II

O texto de Raimunda se remete as duas justificativas de seu dom. A primeira está ligado à necessidade de Raimunda desenvolver sua mediunidade, pois, daí viria o motivo de seu problema de saúde. **Então eu tive uma revelação... falaram que eu tinha que desenvolver um espiritismo... que a doença era espiritual...** [4] José F.M.H. Bairrão e Fábio Ricardo Leme, em seu artigo *Mestres Bantos da Alta Mogiana: tradição e memória da umbanda em Ribeirão Preto* (2003), que tem o objetivo de salvaguardar a memória da comunidade negra na região de Ribeirão Preto, observando a justaposição na história da fundação dos terreiros, foco do estudo, salienta a presença de *uma prévia cultura rural, identificada com um difuso catolicismo popular (nem sempre*

muito "católico") e práticas de "benzimento", ao se estabelecer em solo urbano é recodificada em termos espíritas kardecistas (Bairrão & Leme, 2003: 56). Tal releitura apontada pelos autores distinguir que esta associação só é aceitável dentro do processo de expansão da urbanização. O fenômeno da migração para os centros urbanos, a perda da comunidade identitária, seus referenciais de comportamento dão início à vivência de outras realidades religiosas, que por vezes, entram em sincretismo com práticas antigas e atuais com a função integrativa na sociedade urbana.

Segundo Bairrão & Leme uma **doença grande...**[2] ou casos de dores agudas em determinadas regiões do corpo, são entendidos como marcas da mediunicidade que as futuras mães de santo, apresentam ainda jovens. Essas situações, além de ouvir vozes, falar e ver pessoas que outros não vêem, foram tomadas enquanto patologias e só mais tarde interpretadas como mediúnicos (2003: 05).

A segunda justificativa remete aos ensinamentos da tradição oral passados por familiares **eu lembrei que minha tia tinha dado... passado esse dom de curar pra mim!**[11] Os ensinamentos são resgatados para o discurso das memórias de Raimunda favorecendo uma espécie de costura simbólica entre os vários domínios diferenciados na sociedade. Raimunda sente-se justificada não só pela mediunidade, mas também por uma tradição de família. Assim tenta vincular suas práticas e sentidos as redes de sociabilidade afetivas, sua comunidade de origem realizando a *vivacidade das lembranças individuais e de grupos* (Pollak, 1989: 08).

III

Raimunda reúne em suas práticas, vivências, percepções de mundo, elementos das crenças e práticas de origem africana e do cristianismo que integra aspectos baseados na interpretação bíblica transmitida pela Igreja Católica, e por fim, os elementos de um catolicismo popular apoiando. Raimunda vincula as suas práticas a uma antiga tradição deixada por Jesus Cristo quando ele na terra. Entretanto, embora Raimunda tenha sido praticante da umbanda e na tenha feito

curas, de um modo geral, ela considera suas práticas de cura, como parte integrante do catolicismo que pratica.

Indo além da segregação pela instituição religiosa, Raimunda articula à seu modo, os elementos e significados religiosos. Constrói sua concepção sobre o mundo e sobre si própria, sobre a cura e a ética cristã, sobre a ação do sagrado e a fé. Enfim, sobre a vida. O princípio conciliador que associa todas essas práticas entendidas por seus núcleos institucionais como divergentes, autônomas e por vezes contraditórias; é a bricolagem narrativa de Raimunda, com seus arranjos, contradições e apagamentos. Sua narrativa junta, esconde, concilia, separa, torna a associar em suas redes discursivas, por meio das práticas e pelas circunstâncias experienciais narradas. Enquanto ser religioso Raimunda tem a vida distinguida, além das situações do cotidiano, também por eventos mágicos, formados de acontecimentos sagrados e que conserva uma ligação, como um eco, às histórias sagradas que neste caso, é a vida exemplar de Jesus Cristo.

Por fim as curas vêm do início desse nosso século I e II de Jesus. Quando Ele andava no mundo era só curando.[24] A existência desse Jesus pertence simultaneamente aos dois tempos - histórico e supra-histórico. Nesses tempos, Jesus é compreendido como personagem concreto e simbólico respectivamente, e pode por isso transitar entre períodos situados antes ou depois de sua existência bíblica. Uma criação do mundo pós-ressurreição de Jesus, onde aconteceram curas e ensinamentos, em que ele andou disfarçado, que empreendeu castigos; ocorrem não mais no tempo cronológico-linear: **século I e II de Jesus,** mas, num tempo que está além do tempo marcado pelo seu nascimento e sua morte. Não se trata de entrevermos temporalidades distintas, mágico-religiosa e o profano na vivência humana, bem como suas respectivas manifestações espaciais, o lugar do mito e o lugar da vida cotidiana, na narrativa. Porém, existem tipos diferentes de estruturas pelo fato de que a própria experiência do tempo ser diferente aos vários grupos humanos. Muito provavelmente, esses relatos atemporal sendo potencialmente situado em tempos históricos lineares um tempo se devem devido a experiência do tempo profano

não ter ainda desligado totalmente das categorias do tempo mítico-religioso (Mircea, 1998: 313).

A forma como Raimunda relata suas histórias de *quando Jesus andava no mundo* e as práticas atuais de cura criam um espiral temporal. A analogia empreendida pela memória que correlaciona eventos, fatos e lugares em tempos que se dialogam desvelando a tessitura feita nas redes da narrativa, percepções e os arranjos posicionais dos eventos: não há uma contraposição entre passado e presente. Um e outro fazem parte da mesma matéria: não ocorrem rupturas entre as temporalidades.

O tempo narrativo do texto Raimunda vai se desdobrando num tempo mítico através do surgimento de incessantes imagens referentes ao tempo do *quando ele fez isso... quando aconteceu aqui*, com expressões genéricas que lançam a temporalidade num tempo próprio dos acontecimentos extraordinário: **Era no tempo que tavam querendo matar as crianças**[26]. A essência das narrativas míticas está em transmitir uma explicação da ordem das coisas do mundo. Mircea Eliade define o mito:

> *O mito narra como, graças às façanhas dos entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma criação, ela relata de que modo algo foi produzido e começou a ser (Eliade, 2000: 11).*

Os mitos como uma narração de sentido são comumente expressos ao nível da linguagem na tradição oral, enquanto palavra que circunscreve e fixa o acontecimento que oferece na compreensão do mundo e das coisas que aqui estão. Essa temporalidade do *eterno ontem* é um elemento presente nas narrativas míticas (Schweickardt, 2002: 20). Elas procuram ouvinte predisposto a penetrar num lugar de manifestações miraculosas que extrapolam o sensato e o razoável do cotidiano, pois ali está uma das primeiras formulações lógicas de compreender a realidade vivida. O mito torna possível a atualização de uma realidade primeira, que satisfaz as profundas necessidades religiosas, atribuem princípios morais, garantem a eficácia do ritual, salvaguarda a ordem social e oferece regras e práticas para a orientação do homem.

IV

Raimunda discorre sobre Jesus, nos termos populares, que é *Filho de Deus*, *Filho de Maria*, *Deus e homem verdadeiro*, que sofreu e morreu na cruz para nos salvar. Depois de sua ressurreição Jesus promoveu em quarenta dias a gênese do mundo para o usufruto dos bons e dos maus. *Andou no mundo*, muitas vezes disfarçado para testar o coração humano.

Ele veio para conhecer os bons e os maus. Por isso, ele andava como um velho e esmolambado, pedindo comida e dormida na casa de um e de outro. **Jesus andava no mundo com os apóstolos quando chegaram nessa casa e pediu abrigo... A mulher escolheu aquela casa velha de palha... botou Jesus lá onde era os chiqueiros dos porcos... e o homem estava pescando. Quando ele chegou... ela disse: "Marido... aí tem um velho com uns homens e eu hospedei eles lá..."** [34]

Viveu para dar exemplo ao mundo, fez milagres, curou os doentes. **Eles não queriam que Jesus curasse a mulher porque era mulher solteira... e Jesus curou.**[29]

Jesus ensina a benzeção e o remédio para curar o doente. **Ele disse: "Volta Pedro e cura com água do mar e ramo verde e diga a reza da Isipe.**[32]

E como um pai Ele nos ama, nos perdoa e às vezes castiga. **"Mulher vamos dar uns peixes pra eles porque tão com fome..." ela foi escolheu só os miudinhos... "Dá esses aí pra eles..."**[34] **Deram pra eles e ela foi comer... na hora que ela tava comendo se engasgou... atravessou a espinha na goela dela... ela tava passando mal... muito mal.**[35]

A narrativa cria a ilusão de um passado que confirma o presente – dá o aval de suas possibilidades de ação. [...] **"ele fazia assim... eu faço o mesmo por isso". Eu fiquei pensando assim: "Bem... se Jesus quando tava no mundo... andava curando... e não é proibido curar não... então dentro do espiritismo eu vou exercer o dom de cura que eu tenho..."**[30]. A partir do exemplo de Jesus que andava no mundo curando, Raimunda se sente outorgada a fazer o mesmo,

participando do seguimento de Jesus e repetindo seus ensinamentos, tendo-o como modelo exemplar que dá sentido e realidade. O ato da cura não se torna real, a não ser na medida em que repete o exemplo de Jesus.

V

Podemos distinguir como possível classificação das doenças a partir do tratamento, ocorrendo uma solidariedade entre o mito cosmogônico, o mito de origem da enfermidade e do remédio, e o ritual da cura mágica (Eliade, 2000: 29).

O repertório de doenças e curas de Raimunda:

ENFERMIDADE	SOBRE CURAS
Hemorragia	**AGORA DEPENDIA DA SUA FÉ e de você acompanhar o ensinamento dele e o mandamento dele!**[28]
Vento caído e mau olhado	**Cura... chega lá pega de novo água do mar e raminho verde e diz 'eu benzo vento caído...**[33]
Engasgo	**(...) ele disse: "Homem bom mulher má... peixe graúdo peixe miúdo... homem bom mulher má... ou suba ou desça obedeça pelo poder de São Brás"**[35] **(...) no dia de São Brás o padre na Igreja faz assim:... ele cruza as velas e bota em toda garganta da pessoa... tipo uma tesoura...**[39] **(...) no dia de São Brás o padre na Igreja faz assim:... ele cruza as velas e bota em toda garganta da pessoa... tipo uma tesoura...**[39] **(...) aí ela rezou aqui na minha garganta botou prato aqui na minha cabeça**[40]
Cobreiro brabo:	**"Como o Senhor vai curar... como eu vou curar?" "Cobreiro é cobra e reza com a tesoura... a caneta e o papel..."**[36]
Vermelha (isipela)	**Volta Pedro e cura com água do mar e ramo verde e diga a reza da Isipe...**[32]
Parto, tirar placenta, hemorragia e dor de madre	**Ele botou a mão nela... "Santa Margarida ela não tá prenha nem parida... Santa Margarida ela não tá prenha nem parida..."**[45]
Dor de cabeça	**Pedro rezou para a dor na cabeça no homem...**[48]
Pro olho e pra cabeça	**Eu tinha uma palha benzida pelo padre. A gente reza com a folha. [...] Fui com seu bispo e ele disse pra fazer uma promessa pra Santa Luzia e me deu uma palha verde pra botar nos olhos dela...**[49]

Na oração do engasgo Raimunda diz: **“Homem bom mulher má... peixe graúdo peixe miúdo... homem bom mulher má... ou suba ou desça obedeça pelo poder de São Brás...”**[35] conta o acontecimento, reiterando o mito, de como se deu a cura, aponta o caminho da restauração do equilíbrio oferecendo um modelo exemplar, colocando o doente na contemporaneidade do sagrado, não foi ontem que Jesus curou a mulher. É no momento do ritual da reza que se atualiza o sagrado - Jesus e a mulher do pescador, a rezadeira e o doente - e torna possível o acontecimento da cura novamente. Sua prática equivale a recriação do tempo mítico (Eliade, 2000: 28-29).

A virtude das formulações, a exemplo da isipela, sua eficácia simbólica não está nas origens narrativas das formulações, ao narrar é antes a sua insígnia. Quanto maior a impossibilidade de contextualizar, de referenciar, maior a eficácia das formulações (Lévi-Strauss, 1970b: 225). A eficácia simbólica ocorre pela falta de sentido fixo às formulações, pelo vazio no qual manifesta seu poder (Baudrillard, 1991: 86). É precisamente pela ausência de sentido fixo das palavras que estas não perdem seu encanto. O seu mistério não se esgota. E, por conseguinte, sua própria eficácia que está no lugar deixado vazio de sentido também não. Esse vazio aberto das formulações gera um tempo de silêncio, uma evocação que chama uma resposta, onde o enredo pede uma reação: a manifestação do sagrado e a realização da cura. Desta forma as palavras compõem as formulações, mas é o não-ser dos sentidos que a torna eficaz.

A formulação instaura um espaço mítico que seduz a doença ao movimento de dentro para fora do corpo na cadência das palavras. Embora não se presentifique nenhuma essência de poder em qualquer das palavras, nenhum mistério, nenhum sentido se esconde nas palavras. O processo de expelição é conduzido pelo canto de conjuração que incita ao movimento que começa no íntimo, **Do tutano**[32]**,** num movimento de impulsão para fora: **pro osso**[32], **pra carne**[32], **pra pele**[32]. Este movimento é acompanhado até o seu desfecho quando a fenda das ondas do mar sagrado se abre e se fecham para uma morte no nada.

Por meio do rito, o homem se incorpora ao mito, beneficiando-se de todas as forças e energias que jorraram nas origens. A ação do ritual realiza no imediato uma transcendência vivida. O rito toma, nesse caso, *o sentido de uma ação essencial e primordial através da referência que se estabelece do profano ao sagrado* (Eliade, 2000: 43). Em suma, o rito é a práxis do mito, é o mito em ação promove o preenchimento do vazio de entendimento e oferece um meio de controle da doença. Toda vez que surge a perturbação do real pela doença também surgirá à falta de sentido, o sobrenatural, o sagrado e, portanto, a necessidade do rito como forma de dar conta desse sagrado: há uma reordenação do real. No ritual de cura as palavras e gestos são esvaziados de seu sentido pela repetição e ganham pela enunciação de maneira ritual a potencialidade para a transformação na natureza de objetos materiais, e da realidade profana para a realidade sagrada. A relação que se instaura é uma afinidade entre coisas e seres de maneira que tudo conflui em direção a uma unidade, ao todo. As partes se unem a sua essência totalitária. Afinal, o universo sagrado se inter-relaciona simpaticamente, se encontra num *dizer e acontecer* (Quintana, 1999: 32).

Rezar é usar a voz de autoridade **eu confio porque ela sabe rezar... porque quem sabe rezar... reza e desengasga mesmo...**[41] significa sussurrar a palavra de poder, ordenar, intervir naquilo que estabelece a desordem **tinha uma mulher muito doente...**[19] restauração a estabilidade: **Ele disse: "Mulher volta pra tua casa que a tua fé te curou..."**[20] A palavra se torna um ato de poder. Ela palavra influencia a constituição do universo (maldições, bendições). É a palavra que cura, vivi-se a virtude curativa da palavra. Do contrário, o mundo morreria pela indiferença do transcendente, por causa dessa falta de imaginação e ausência de desejo do real (Eliade, 1991: 52).

O panteão de santos apresentados por Raimunda. Cada um com sua especialidade

SANTO	ENFERMIDADE
São Lázaro	**Santo da lepra [...] Da isipe isipela, cura todas as infecção do corpo** [38]
São Brás	**Da garganta... espinha na garganta e engasgo**[42]
Santa Polônia	**Da dor de dente**[42]

Santa Margarida	**Da hemorragia e dor de madre**[42]
Santa Luzia	**Pros olhos e pra cabeça**[49]
Santa Tereza e Santa Ana	**Pra quebranto, vento caído, mal olhado, pras costas e toda coisa ruim que tem em cima da gente**[50]
Jesus	**E Jesus Cristo ele cura nós todos.**[50]

Raymundo Heraldo Maués (1995) em seu livro *Padres, Pajés, Santos e Festas*, dispõe um capítulo para entender as concepções populares sobre os santos entre os praticantes do catolicismo e da pajelança cabocla das populações rurais (ou urbanas de origem rural) da região do Salgado. Os santos têm suas características específicas no catolicismo popular – Santo Antônio casamenteiro, São Pedro pescador e dono das chaves dos céus – mas, também sua maneira própria devido ao modo como viveram. **São Lázaro... Ele foi o homem que morreu leproso e ressuscitou...**[38] **hemorragia e dor de madre [...] é Santa Margarida que cura. Foi assim: Nossa Senhora ela num teve parteira né... depois que ela teve Jesus também tinha uma mulher que tava sofrendo muito... ela teve a criança mas a placenta não saia.**[42] Possuem poderes diferentes: cada um dedica-se a combater certos males. Os santos são vistos com humanidade e freqüentemente, são tratados como pessoa viva. **(...) era o apóstolo que mais perguntava ao Senhor. Porque ele queria saber de tudo direitinho como era!... Muitas vezes ele recusava: "Oh Senhor... não tá certo fazer isso para fulano..."**[28] **Ele mandou Paulo ir à casa da mulher... Eles não queriam que Jesus curasse a mulher porque era mulher solteira...**[29]

A freqüência com a qual a narrativa vai e volta do tempo das experiências narradas, nos mostra que o tempo da memória não é linear, mas cíclico. Ela iniciou narrando tantas coisas ruins que aconteceram. Entre elas o fim do casamento. Depois das narrativas do tempo que *Jesus andava no mundo* ela retoma o assunto pela sua importância para seu retorno a Igreja Católica **Eu tinha um marido... tudo ele trazia e depois eu fiquei só numa situação muito precária. Acabou todos os meus sonhos... Fui pra dentro de um hotel trabalhar... pra criar meus filhos... trabalhei oito anos!** [53]

VI

Primeiro ocorre o fim do tempo da Umbanda **Tempo atrás eu conversei com o meu guia e então o Centro fechou aqui... E então ela retorna a Igreja Eu digo: ”Agora eu fiquei só... não tô mais com o meu guia, vou pra Igreja me confessar.”**[51]

Quando ela conta como tinha retornado a Igreja começou a revelar outra visão, diferente do tempo de cura na Umbanda. Primeiro demonstra uma forte tendência para estabelecer um divisor de água entre a religião anterior para a atual: o próprio espírito Pena Verde havia terminado seu tempo de trabalho, o que a liberava do trabalho com o Centro. O trabalho na Umbanda havia terminado, não pelo gosto e vontade de Raimunda, mas pelo tempo próprio da Umbanda **felizmente eu fiz tudo isso. Eu rezava... era muito procurada... Porque diz assim no LIVRO ESPÍRITA... que a pessoa trabalha espiritual com as proteção dos guias é até 70 anos... depois de 70 anos eles afastam e eu trabalhei espiritualmente até 73 anos!**[18]. O tempo de conciliação entre as crenças passou. Para voltar a Igreja ela tinha que se separar totalmente da antiga prática. Seja por exigência da Igreja **“Mas eu deixei a Igreja... segui o espiritismo por causa de doença, de desgosto do marido... fiquei só.” ele disse: “Mas e agora, você vai deixar tudo pra lá... Vai parar?...” “Já parei... vou voltar a Igreja novamente...” “Tá bom...”**[51] Ou dela própria **Porque eu ia a missa de Natal, de ano novo, na procissão... mas realmente eu sabia que não podia comungar porque eu tava exercendo outra religião e nóis não pode comungar se tiver nessa vida...**[52]

Mas, recusar levar a sério o imperativo dos motivos que repousa nas possibilidades da conduta de Raimunda, significa admitir a imposição das instituições como a Igreja. Assim, a narrativa tende mais para esquecer e negar voluntariamente as práticas anteriores e aceitar o perdão que é possível nos termos da Igreja (Pollak, 1989: 09). **Mas eu pensava: o padre vai me dar uma penitência muito pesada.**[51] **Voltei pra Igreja... me confessei... O padre me disse: “senta aqui vamos rezar... Olha... você vai rezar Pai Nosso pra Jesus**

que é nosso Pai e vai rezar três Ave Maria pra nossa mãe Maria e... vá com seu marido... vá fazer união com ele que ele vai morrer...”[54]

É importante pontuarmos que a memória como interpretação do passado fornece um quadro de referências. Esse material pode ser sem dúvida, interpretado e combinado a um sem-número de referencias associadas; *guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las. Esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro* (Pollak, 1989: 10).

FRANCISCA MAIA - INTERPRETAÇÃO

I

As experiências narradas constituem a totalidade da revelação do que é a vida para Francisca. Heloisa Lara Campos da Costa em seu livro *As mulheres e o poder na Amazônia* (2005) nos ajudam a focalizar melhor o tempo e o lugar de Francisca: são contemporâneos a essa sociedade amazônica o clientelismo, o isolamento geográfico e cultural da população, em relação ao centro do poder e a dificuldade de acesso às informações. Então suas experiências estão assentadas no tempo da *espera* da chuva passar, da juta crescer, do vapor, da *gaiola* chegar (2005: 40). Neste entre mundo a mulher ribeirinha inserida numa sociedade sem conflito, fundada numa repartição equilibrada dos papéis, tarefas e espaços, mais complementares do que concorrentes (Costa, 2005: 80).

A narrativa tem início com o sofrimento do primeiro casamento, um sofrimento que requer resignação e coragem, para reparar o erro cometido. Mesmo mulher, Francisca vive uma vida reclusa na esfera do privado que a torna bem-aventurada **“Não é moça não... ela é uma mulher deixada do marido e uma mulher muito respeitadora... todo mundo adora ela...**[3]

II

Francisca passa pelas dificuldades se resignando. Na narrativa entrevem a espera por outra realidade. **Ai eu passei seis anos... solteira. Passei seis anos solteira... cuidando dos meus filhos... trabalhando...**[2] Ela sobrevive por uma obrigação moral com relação à maternidade e exprime o que foi aprendido nas más escolhas, até o outro plano, o novo casamento. Essa obrigação moral constitui-se na provação pela qual Francisca teve que passar: trabalhar, cuidar dos filhos, ser mulher respeitada, e viver aquilo que recebeu na primeira provação - o casamento mal sucedido - de onde Francisca quase **quebra de vez... vixe Maria... me matava de peia!**[1]

As provas simbolizam as crises de percepção das quais foi resignificando sua consciência. Um atributo do cristianismo, viver um eterno regime de inquisição da própria consciência com o intuito de purificar, esclarecer para uma mudança de vida. Ela se tornará uma boa esposa para um bom esposo: **a senhora vai ser uma boa esposa!** [4]

III

É interessante perceber semelhanças no comportamento de Francisca com a carta pastoral na diocese do Pará, em 1875 que Costa apresenta. Nela D. Macedo apresenta um "*Resumo do que há de fazer um cristão para se santificar e salvar*".

Obrigações da viúva:

1 Viver pura como as virgens.
2 Vigilante como as casadas.
3 dar exemplo de virtudes a umas e outras.
4 ser amiga do retiro.
5 Inimiga dos divertimentos mundanos.
6 Aplicada à oração.
7 Cuidadosa pelo seu bom nome.
8 Amante da mortificação.
9 Zelante pela glória de Deus (Costa, 2005: 153).

Ser mulher separada e com filhos seria uma desonra, mas a função de mãe que cuida de seus filhos altera e a ressalva da condição de mulher separada, afastando-a do estigma de *mulher perdida* **Não saia de casa... nem uma festa eu não ia. Eu tinha medo de deixar meus filhos em mãos de sinhá fulano, sinhá cicrano, sinhá beltrano. Eu não saia para canto nenhum.**[5] Francisca vive um comportamento de mulher casada, só que sem marido. A semelhança do que está disposta nas *Obrigações da Viúva,* ela própria mantém a subordinação aos mecanismos de controle sobre o comportamento e a sexualidade feminina que lhe é imposta pelo sistema de regras de seu grupo social. Guattari esclarece que o fato de a mulher ter de se comportar de certo jeito, é formado desde pequena como uma maneira de assumir padrões definidos de feminilidade, tais como são programadas no conjunto do campo social, por aquilo que chama de *função geral de equipamentos coletivos* que codifica as condutas, os comportamentos, as atitudes, os sistemas de valor, etc (1986: 128). Esses *equipamentos coletivos* necessitam ser decodificada segundo os valores e condições objetivas de cada segmento social, bem como recodificada a partir da história vida de cada um.

IV

O segundo casamento e o comportamento assumido por Francisca, a redimiram dos erros antigos: **Se eu fosse uma doida... né? Casar com qualquer um por aí... que não valia nada... que nem me casei a primeira vez... foi só pra ter raiva...**[6] Francisca parece ter sofrido certa pressão talvez por parte de familiares ou comunidade de aceitar qualquer outro casamento. Dentro do contexto da comunidade, o casamento seria a coroação de sua identidade feminina, pois lhe propiciaria o retorno ao papel de esposa. Ao que parece Francisca preferiu manter-se modestamente recolhida à casa materna ao invés de se aventurar em outros relacionamentos. O que significou para Francisca o motivo de ter escolhido um cônjuge mais digno.

Ela se torna penetrada por um amor que a tudo atravessa e tudo sustém como reconhecimento de sua conduta. O amor verdadeiro que vem do afeto, do

respeito entre o casal, à bem da educação dos filhos e da manutenção da unidade familiar (Costa, 2005: 105). Ela se tornou uma boa esposa para um bom esposo: **Mas ele era homem bom! ESPOSO BOM! Ele não era desses homens que precisava a mulher esta justificando... "Fulano vai buscar isso pra mim..." "Vai buscar isso pro teu filho." Não! Quando o dia amanhecia ele dizia "Nega eu vou trabalhar... as coisas tá aí tudo em cima da mesa" ele não me pergunta o que era nem o que não era... já sabia né? Ele era bom esposo...**[9] O casamento representa a vitória sobre os sofrimentos da vida passada com resignação, moderação, abstinência total. Francisca talhou a vida trabalhando e cuidando dos filhos, na paciência do tempo que passava suportando a solidão, o trabalho, o cuidado com os filhos.

A presença de Seu José em sua vida era o reconhecimento. Nele tudo ganhou significado, a espera, o trabalhar, ser pessoa direita. **"É porque eu olhei e fiquei gostando do jeito da senhora e na minha mente a senhora vai ser uma boa esposa!"**[4] Ele dotou de razão a sua conduta resignada e conferiu o reconhecimento de seus atos. A narradora representa o bem que veio na descoberta do amado, **ai apareceu esse senhor que morreu na minha companhia**,[3] de sua purgação do mal, do erro do primeiro casamento. É necessário se elevar para no amor, encontrar a redenção.

V

A despeito do que possa apresentar outras imagens de quem viveu na Amazônia, Francisca descreve o seu tempo como um tempo de fartura, bem-aventurança **Era boa nossa vida lá... muita fartura... se você ia para mata... fartura tinha muita... de caça grande... miúda... se ia pro rio do mesmo jeito... não faltava nada... era bom lá.**[12] Na narrativa de Francisca ela aparece como a companheira de caminhada de seu José **Andei por aí mundo afora junto com meu marido... andei em Itarauacá, Feijó... Sena Madureira... Canadá... onde ele entrava eu entrava também.**[22] Pode ter sido desempenhando a sua função de mulher com as atividades da casa cuidando dos filhos e do trabalho doméstico,

Quando o dia amanhecia ele dizia "Nega eu vou trabalhar... as coisas tá aí tudo em cima da mesa" ele não me pergunta o que era nem o que não era... já sabia né?[9] Mas também, realizando atividades fora do convencionado pela sociedade sexista à mulher. Era comum a mulher, no seringal, exercer as atividades de ordem econômica, como a extração do látex, em época em que o marido se encontrava doente a fim de manter a sobrevivência da família ou mesmo junto a ele. A disposição de trabalho Francisca deixa claro que tinha **Já trabalhei de secretária... de ajudante de professora... empregada de casa... tudo isso um pouco eu já fiz... costureira... aqui mesmo quando eu cheguei aqui em Porto Velho eu era costureira da Utilar... costurei mais de um ano na Utilar... sou virada.**[12]

VI

A narradora termina sua narrativa retornando a felicidade no âmbito familiar e comunitário, através de outras vidas geradas pelos filhos que restaram do sofrimento no seringal: de doze filhos apenas três ficaram; e na gente da comunidade **os vizinhos são muito bom pra mim... não tenho negócio de inimizade com ninguém... todo mundo me abraça... grandes e velhos... rapazes... todos gostam de mim... todos me chamam de vovó. Uma coisa dessa eu posso dizer que vou tendo cada vez mais alegria.** [14] A renovação da família acontece na geração de oito netos. Nesse momento, a narração celebra sua vitória na continuidade parental. A morte é inevitável, porém a saga continua na existência dos seus herdeiros. A própria reza aparece como oportunidade de convivência comunitária e participação nas atividades da Igreja onde encontrou enorme identificação (Costa, 2005: 133). Na narrativa sobre seu dom de cura, Francisca faz pouca referência e vinculação religiosa dando pouca informação sobre sua espiritualidade. **Nos lugares que eu vivi tinha gente que rezava nos outros... mas eu nunca pedi pra me ensinar não... foi só esse sonho mesmo.**[18] Permanecem na clandestinidade os saberes por ela obtidos, quais os

meandros para a formação de seu conhecimento permanecendo o mistério de seu aprendizado.

VII

Francisca galgou a sublimação dos instintos para restabelecer a identidade de mulher casada, com o recato feminino incluindo a fidelidade aos bons costumes, que também é de certa forma a própria visão do amor conjugal pregado pela Igreja (Costa, 2005: 110). **Se a gente trouxesse tudo escrito na palma da mão... por que a gente nunca procurava o que não prestava... só procurava o que era bom... por que... olha esse homem, o primeiro que eu me casei... se tivesse a escritura na palma da minha mão não tinha casado com ele, né...**[15] Na narrativa este é um momento de conclusão onde tudo já foi narrado, as quedas, a resignação, o reconhecimento, a ascensão, o declinar da vida pelos desastres, doenças e a morte; e a continuidade da existência. Numa (re)inscrição da memória, a síntese do fracasso em lidar com as escolhas feitas e a situação da vida deve justifica-se, no fim, pela restrição da consciência sobre o destino. As linhas das mãos poderiam ser instrumento mensurador do que já trazemos marcado no corpo, as escolhas a serem feitas e uma visão antecipada das conseqüências, produto dessas seleções. Trazer escrito na mão a sua sina, retira de si a responsabilidade, das escolhas erradas e abre a possibilidade de atribuirmos à forças externas a nós o nosso futuro. Agora, já nesse ponto da vida, Francisca vê as suas decisões com a clareza de quem observa a distância, quais as escolhas melhores, pelo conhecimento adquirido pela experiência e maturidade.

CARLOTA DE SENA PEREIRA- INTERPRETAÇÃO

I

Carlota é uma sobrevivente de uma história penosa **Escapei com minha família de lá... e daqui estou escapando ainda. Nem sei se vou escapar**[2] a narrativa sugere que Carlota e seus familiares resistiram e sobreviveram a vários perigosos escaparam da morte, **Morria gente toda hora**[16] da fome, **essas meninas passaram a gravidez toca PASSANDO FOME**[12] da doença, **E nos lotes todo mundo doente...**[16] do sofrimento **porque o sofrimento não é pouco**[2]. A luta do ser é sempre num processo de formatação do caos. Não é uma luta contra a natureza em si, a morte, a doença, as formigas, o tio que lhe criou, o esposo. É sempre contra o que ameaça de desordem a existência, o sentimento de desterritorialização que tenta findar a ordem criada. Acredita que **assim é a vida da gente**[37] vida e morte, doença e cura. A essência de Carlota é escapar, incapaz de intuir, em seu discurso de sobrevivente, às conexões profundas de resistência que geram a ordenamento de seu mundo. Sua narrativa singular de instauração de ordenamento – disposições que constituem o lugar habitável – expõe a continua luta contra a desordem, que ameaça o desenvolvimento de seu mundo.

Como co-criadora do cosmo, a semelhança do primeiro casal humano Adão e Eva: Carlota é a companheira, parceira na construção desta ordem com a sua práxis. Faz parceria com o esposo e depois com o filho para transformar, a todo o momento, a desordem em um lugar habitado. Carlota é força colaborativa e obediente nessa construção. É a dimensão do "nós" - *meu marido e eu, meus filhos e eu* - que realiza o trabalho de integração com o em torno: na construção da casa, do sitio, da Igreja, do Centro comunitário.

II

MUNDO DE OPOSIÇÕES: BINÁRIO

Entre a linda plantação e a doença e sofrimento	**Aquele arrozal... a coisa mais linda... chega cheirava. Mais e o sofrimento? E a malária?**[16]
O Namoro e a prisão	**(...) comecei a namorar... juntava aquele monte**

	de rapazinho da minha idade... querendo marcar encontro. E eu presa [19] pelo buraco olha a vida olhando por um buraco da porta... já sentia aquele amor de jovem.[19]
Entre a escola e a trabalho	**(...) me tirou da escola... disse que eu precisava trabalhar.**[20] **Eu chorava e choro ainda porque eu queria ir pra escola. As formigas me mordiam... enchiam as minhas pernas de ferida... mais tinha que trabalhar.**[21]
Entre o hospital e a morte:	**Minhas filhas queriam me levar para o hospital. Eu falei: "EU NÃO VOU NEM...!! Vai matar todo mundo...**[38]

Os dualismos trabalham com oposições excludentes e maniqueístas: em que o Universo foi criado e é dominado por dois princípios antagônicos e irredutíveis: Deus ou o bem absoluto, e o mal absoluto ou o Diabo. O dualismo da narrativa de Carlota traz a realidade única e concreta. Nos remete a vida do homem comum que se vê a mercê das leis autônomas, os coloca fora da ação pela alienação de sua potência de intervenção. Assim, não estamos mais presentes no contexto como seres humanos individualmente e responsavelmente ativos, mas como vítimas e sobreviventes.

O dualismo é sexualizado se apresenta está como fundamento no ordenamento das coisas e do mundo de Carlota. O dado mais geral é a afirmação da inferioridade feminina, e da força e superioridade masculina. Seu genro **Era uma onça... uma fera... enfrentava tudo.**[4] Nesse sentido, Pierre Bourdieu (2002) afirma que para o homem, a mulher é o "outro", sendo que a dominação ultrapassa a coação pela força e o consentimento, ato consciente de submissão espontânea, autônoma, e planejada. Para o autor

> *O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de Cultura, de língua, etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de*

> *ação que são constitutivos dos* habitus *e que fundamentam aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade uma relação de conhecimento profundamente e obscura e ela mesma. Assim, a lógica paradoxal da dominação masculina e da submissão feminina, que se pode dizer ser, ao mesmo tempo sem contradição,* espontânea e extorquida*, só pode ser compreendida se nos mantivermos atentos aos* efeitos duradouros *que a ordem social exerce sobre as mulheres (e os homens), ou seja, às disposições espontaneamente harmonizadas com esta ordem que as impõe (Bourdieu, 2002: 43-50).*

A construção do ser masculino e do ser feminino, do produto e produtor de sua história e de seu projeto identitário, acontece pelo *habitus* (as disposições, socialmente modeladas) que forma o material com o qual o ser em seus primeiros anos de vida se depara a partir de dois espaços. O primeiro se dá a partir das diferenciações seu organismo; o segundo a partir *do que cerca esta criança, pela forma como é simbolizado o fato de haver nascido homem ou mulher e pelo mito em relação ao que é ser homem ou mulher para este meio* (Alicia Fernández, 1994: 37). O ser humano precisa que outro ser humano o *ensine* a ser gente. Necessita que este o invista de caráter humano, consinta-lhe a condição de pertencer à sua espécie. Aprende-se a falar como mulher ou como homem, conforme o que é esperado de um homem e de uma mulher (Fernández, 1994: 38).

O ato de conhecer e de reconhecer os limites das práticas entre os dominantes e os dominados, cujo encanto do poder simbólico desencadeia, e pelos quais os dominados colaboram. Muitas vezes contra a sua vontade, assumem marcas emocionais e corporais como a vergonha, humilhação, timidez, ansiedade culpa; marcas de paixões e de sentimentos, como o amor, admiração, respeito. **Esses rapazes falavam com meu cunhado e ele não queria saber de ninguém namorando comigo...**[19] **Mas meu cunhado me tirou da escola... disse que eu precisava trabalhar.**[20] **Meu cunhado era assim... mas eu gostava demais dele e de minha irmã porque eles estavam no lugar do meu pai e da minha mãe.**[23] Nessa célula cosmogônica, família irmã-madrinha e cunhado-pai, percebida com respeito, resigno, sofrimento, luta e tirania afetuosa. A relação entendida enquanto luta e resistência dentro da própria rede de poder. Com toda essa luta para casar, Carlota assume a posição de passividade, resignação pela

obediência, na medida em que só se reconhece em função de outro do cunhado, do marido, dos filhos.

O domínio exercido pelo cunhado não é percebido como negativo, mas, com a autoridade amorosa de quem cuida como pai, em que todo o excesso é perdoado em nome do respeito e do amor. **"Não dou o sim de jeito nenhum. Deixa ela crescer... deixa ela se criar... casar menina não pode." Ele pegou o caminho e foi pra roça.**[23]

Carlota fundamenta sua peregrinação existencial: Basílio, seu esposo-redentor do período pueril, o único a persuadir o cunhado a render Carlota. **No outro dia meu velho chegou... chegou e já tratou a data do casamento. Meu velho era muito ativo... puxou ao pai dele.**[24] Assim, Carlota resgatada da casa de infortúnios é levada a uma nova casa, novo mundo construído por seu esposo, Basílio.

III

Segundo Michele Perrot, em *Os excluídos da História* (2001), as relações das mulheres com o poder inscreve-se no jogo das palavras. A palavra poder é polissêmica: no singular supõe o masculino, tem conotação política e designa basicamente a figura central, o Estado. No plural tem conotação de força fragmentada, equivalem às influências difusas e periféricas onde estão as mulheres *Se as mulheres não têm o poder elas possuem poderes* (Perrot, 2001: 167). Esta é a saída encontrada por Perrot e que talvez podemos vislumbrar na narrativa de Carlota **Um dia meu velho falou que era pra ir embora de vez pro lote. Eu não quis ir porque lá estava tão bom... e os meninos estavam estudando... e sem leitura... não somos nada. Mas meu velho falou: "Não precisa mais! Você já sabe escrever seu nome... e os meninos já estão no segundo e terceiro ano." Eu falei: "Precisa sim homem."**[28] **Acabei indo pro lote mais não desiste dos estudos dos meninos.**[29] Mesmo com as dificuldades apresentadas - o cunhado, o marido, a falta de escola no campo - ela luta pelo que acredita ser importante, pela oportunidade que lhe foi tirada: dar educação para os

filhos. Para Perrot, a presença do poder feminino circula no tecido social, agindo no interior das relações familiares, comerciais, mexendo os fiozinhos, engendrando tramas, restando ao homem à patética figura de pobres marionetes (Perrot, 2001: 168). O poder feminino é fragmentário, exercido de forma oculta, nas entrelinhas, escondido no mecanismo das coisas: **Eu perguntava pra minha irmã o que eu fazia. "Minha filha você é quem sabe... ele já disse que não vai dar uma agulha."**[23] Será que podemos ouvir uma exortação, um estímulo: *vai menina agora só depende de você?* Estará a irmã lhe ensinando a agir nas brechas encontradas na ausência do poder do marido?

Porém, se as mulheres exercem esses poderes com consciência e sagacidade, com plena consciência de causa, tal defesa de Perrot ao exercício dos poderes soa na análise dessa narrativa reiterando a perspectiva da visão da mulher como uma presença sedutora e maléfica, origem do mal, potência noturna. As mulheres influenciam com o corpo, com palavra e ações. Repetem o mito da eterna Eva que ao tentar exercer o poder, alcançar o conhecimento desvirtua Adão para o mal. Nesse modelo arquetípico caberia a sociedade que busca a salvação, exorcizar a ameaça que a mulher representa para o triunfo de uma ordem dos homens.

Carlota rejeita a voz de poder, e o exerce de forma esquiva, sem a efetiva potência. As condições são subvertidas a partir do interior – não as rejeitando ou as transformando, mas de várias maneiras as fazendo tender a serviço dos costumes, das crenças, do ordenamento do mundo. **Tenho dó dessas crianças que vivem abandonadas. O que eu faço? Não posso dar jeito. Eu cuidei de uma menina que a mãe dela precisava estudar. Sempre eu via só o pai da nenezinha cuidando... a menina chorava... ficava abandonada... a noite ele dava banho.**[60] **Eu comecei a rezar aqui em casa. Mas toda vida eu rezei nos meus filhos.** [61] Fazer o bem e rezar é para Carlota uma forma de colaborar para a ordem social que acredita estar em desequilíbrio: **Descobri esse meu Dom aqui na cidade... porque os pais não sabem cuidar de criança.** [62]

A mulher entendida como o outro, representa e potencializa indicadores simbólicos que a limitam, enquanto elemento rival e nocivo, ligado em geral ao

enfoque libertino e, nesse sentido, opondo-se ao social estabelecido. É o casamento que pode dotar de positividade a singularidade feminina, uma vez que a mudança de estado civil torna funcional e aceitável sua sexualidade e a articula com os papeis socialmente estabelecidos de marido e mulher. Não obstante, apenas um papel, em meio às muitas atividades que a mulher exerce, não sofre desvalorização, o papel de mãe. Quando ocorre a anulação dessa força de gerar filhos a desordem se instala: **As pessoas tinham filhos e não era essa desunião. Como é que um casal dentro de casa vive assim? Não quer ter filho... depois um põe chifre no outro... adultera pra acolá e vira essa bagunça.** [9]

IV

O primeiro lugar a primeira casa

Carlota tem sua narrativa arranjada sempre em torno da construção do seu lugar, por vezes simples (colhe de pau e fogão a lenha) e de vida feliz **fomos morar numa casa perto da casa do pai dele... meu velho foi que fez.**[26] Eliade define a construção de uma casa em termos de uma construção cosmogônica:

> *A cosmogonia é o modelo de todas as construções. Construir uma cidade, uma nova casa, é imitar mais uma vez e, em certo sentido, repetir a criação do mundo. Com efeito, cada cidade, cada casa, encontra-se no "centro do mundo" e, nessas circunstâncias, a sua construção só é possível graças à abolição do espaço e do tempo profanos e à instauração do espaço e do tempo sagrado. A casa é um microcosmo, [...] o lar é assimilado ao centro do mundo. (Eliade 1992: 38)*

Desta maneira, a casa, por um lado, está em conformidade com universo, e por outro, está situada no Centro do Mundo pelas emoções vivenciadas. Para Tuan, todos os lugares são pequenos mundos: o sentido de mundo, formado por redes intangíveis de relações humanas que vivenciam o lugar, estabelecem as tessituras simbólicas. Assim, o lugar simples onde Carlota passou seus primeiros tempos de casamento é tido como o lugar primordial: uma vida **toda arrumadinha**

Ele tinha um cavalo... a casa toda arrumadinha... não faltava nada dentro da casa... mais coisa de pobre. Uma colherinha de pau... fogãozinho de lenha... eu rio porque vivemos uma vida maravilhosa foram quarenta e nove anos de vida... Graças a Deus.[26] Um paraíso onde nada faltava, apesar da simplicidade, cuja lembrança só traz o sorriso.

O segundo lugar o sítio

O lugar cheio de doença, sofrimento, de trabalho, mas com tempo e a ocupação pela família, se tornou num lugar de linda plantação, de prosperidade, e fartura. Análogo a este paraíso, Carlota e Basílio, empreendem uma luta sem fim, para escapar das desgraças, das adversidades, sobrevivendo pela resignação ao trabalho, Carlota reflete: **Escapei com minha família de lá... e daqui estou escapando ainda. Nem sei se vou escapar**[2] e delega a decisão ao gerenciador da obra: **quem sabe é Deus... porque o sofrimento não é pouco** [2]; carlota re-intera a saga dos filhos de Eva, errantes na terra, herdeiros da condenação evocada por Deus a Adão e Eva, sentenciando-os ao sofrimento cíclico: *com trabalho penoso [da terra] tirarás o sustento todos os dias de tua vida. [...] com o suor de teu rosto, comeras o pão; até que voltes à terra, donde foste tirado. Porque és pó, e em pó te tornarás* (Gn 3: 17b-19).

Assim como as rezas são ações de ordenamento do mundo, para Carlota, a questão da educação é a possibilidade de ser alguém, pois, sem educação... **não somos nada.**[28] A aula no sítio para a criançada tem a importância de trazer para aquele lugar, novas possibilidades de conhecer mais do mundo: **Lá um dos meus filhos deu aula pra criançada.**[29]

Fernández a partir do Mito da Árvore da Sabedoria, da Ciência do Bem e do Mal no Paraíso, desenvolve uma análise sobre a culpa de conhecer. Segundo a interpretação do mito, a tragédia do Paraíso é uma metáfora alusiva a constituição do sujeito aprendente. O relato bíblico se estabelece entre conhecer e ver e entre comer e aprender. Tudo era permitido, menos conhecer, realizar o encontro do sujeito com o poder do conhecimento, desejado e temido. Desejado pela

possibilidade de liberdade que outorga ao dar a conhecer a própria necessidade; temido porque enuncia a certeza de nossa finitude (1994: 51).

Como muitas mulheres, Carlota foi impedida de ter acesso ao conhecimento, pois, este implica uma busca e uma seleção, fazer um recorte da realidade, dar insígnia. Não é permitido a mulher falar em público, como também não se autoriza a escrever. A sexualidade fica ligada apenas à maternidade como única e obrigatória função: **Me colocou na escola e eu gostei muito... queria aprender ler... escrever. Mas meu cunhado me tirou da escola... disse que eu precisava trabalhar. "Tem que juntar milho... matar formiga."**[20] Porque é a mulher quem primeiro come da árvore da sabedoria? Pergunta Fernández. Ambos querem conhecimento, porém, a carência é sua grande vantagem. É a necessidade de construir-se como humano e isso inclui a ambos. É impossível não conhecer: quem não conhece, por não aprender, morre pra vida humana (Fernández, 1994: 53). O lugar do conhecimento e do saber demanda ações ruminantes, esmiuçadoras e de aprendizado, que marcará o processo de elaboração de novos olhares sob os mandatos repressivos, e nos permite construir a liberdade de *apropriar-se* desde um lugar criativo, articulando o nível de desejo com a inteligência, *sentir-se autora de seu corpo e de sua palavra* (Fernández, 1994: 30).

O terceiro lugar do conhecimento

Produzir a ciência é um pecado castigado com tormentos. Seu filho como mártir da educação **Ele era um homem muito trabalhador. Era diretor e professor da escola onde trabalhava. Ele fez até um centro nesse lugar. Ele também dava aula pra mulher dele que fazia a 2ª série na época. Ele falava sempre para ela não desistir dos estudos.**[31]

A ascensão e o reconhecimento dispensado ao seu filho é entendido por Carlota como o resultado de muito esforço e trabalho que são recompensados pelas funções exercidas de **diretor e professor da escola onde trabalhava**[29]; pela construção de obras **Ele fez até um centro nesse lugar**[29] pelo

reconhecimento e *status* com a presença de **tanto homem grande... tudo homem sábio**[41] ao enterro do filho. Este poder exercido na propagação do conhecimento da leitura e da escrita é consagrado por Carlota como uma missão que aproxima o professor (detentor do conhecimento) a uma redenção do sofrimento. O propagador de tal ensinamento é um herói que luta contra todos os obstáculos, (o muito trabalho, o pouco salário, a doença, a perseguição dos inimigos camuflados, a morte) é um mártir que tem a morte justificada pela vida. Ele, o filho falecido teima em lutar, resistindo a morte, pois **ele parecia estar** [vivo]**... ele voltou a cor de manhã**[41].

O quarto lugar criação da Igreja

Construção e vivência do espaço sagrado **Meu filho que estava estudando por correspondência... da correspondência ele foi estudar supletivo... depois do supletivo estudou o LOGOS. Ele chegou falou: "Mãe porque a gente não forma uma Igreja... pra cantar... rezar?" Eu achei difícil. Ele diz: "É não. Aparecida dá catequese. A senhora canta. Eu tiro as orações e nós fazemos o culto.**[76] A Igreja enquanto instituição é responsável por organizar a comunidade de vivência da crença, objetivando ensinar a fé e fornecer serviços rituais. A presença da Igreja num determinado lugar significa uma modificação sensível na percepção do espaço, criando significados religiosos próprios para o lugar, dando fim ao estado de relativa vacância de sentido. Este espaço é doravante organizado e repartido; enquanto que a fronteira entre o sagrado e o profano é nitidamente traçada (Rosendahl, 2002: 11).

Para o *homo religiosus*, o lugar sagrado de orações e cultos é antes de tudo, refúgio, receptáculo geográfico, um umbigo mítico do mundo, para alcançar, a partir daí, todos os valores que esse universo comporta. O lugar sagrado é o ponto fixo a partir do qual, todo espaço será dotado do sentido de ordem, totalidade e força. O centro é a zona do sagrado por excelência, a realidade absoluta. O ser cristão caminha para o centro para experienciar integralmente a sacralidade (Eliade, 1992: 134). A vida na roça é só trabalho, a criação da Igreja rompe o tempo cotidiano e instaura os momentos do sagrado: **Eu estava**

caminhando... um dia... dentro de casa... na área e pensava: "Tá chegando o natal..." Na roça só se cuida de trabalhar.[76] por participar dos rituais, se torna sagrado o tempo comum.

A luta para que a desordem não se instale e o profano não entre na Igreja. **Essa Igreja foi indo... até que veio a inveja. As famílias ricas não queriam que a Igreja ficasse no meu lote por causa do butequinho que meu velho tocava... era em frente a Igreja. Ele vendia cachaça... as pessoas bebiam... e não dava certo.**[78] Ocorrem protestos contra o mundanismo que corria em frente da Igreja, e rompe com a vida de santidade idealizada para o crente na Igreja, quer avessa a ordem das coisas. Porém, mais do que isso, podemos perceber os poderes locais em conflito. Sobre isso Rosendahl afirma que *as relações de poder hierárquico de uma comunidade sobre outra no território resultarão em associação, dominação ou exclusão, dependendo das relações de por e da política estabelecida no lugar* (2003: 198).

A Igreja mudou de lugar... os homens a levaram pra outro terreno... na mesma linha... no terreno de minha filha. Lá ela não vingou... acabou de novo.[83] Tuan (1983) afirma que uma ligação emocional é criada e mantida pela edificação do lugar sagrado. No propósito de mostrar a dimensão do lugar simbólico Rosendahl associa a idéia de território definido. O lugar é reivindicado, possuído e operado pela comunidade religiosa (2003: 198)

O quinto lugar a cova do marido

A narradora, ao erguer o túmulo do seu esposo, prolonga a ordem cosmogônica redimensionando o centro do mundo, como outrora fizera a cada casa construída, por cada lugar que passou. **A capela da cova do meu marido eu fiz por minha conta com a ajuda desse meu filho que morreu.**[57] **"Eu tenho que visitar meu marido. Eu vou limpar... vou lavar a capela... vou rezar!"**[56] O microcosmo de sua felicidade compartilhada com o esposo se perdura na capelinha edificada. Eleger lugares é muito mais do que um ato simples de separá-los de outros; é *materializar* o sentimento de que um lugar é uma entidade

que possui uma individualidade a distingue de outros lugares, e isso ocorre baseado na sensação de que um lugar é transformado em espaço com significado. Torna-se expressão da intencionalidade de um grupo. Assim o túmulo foi erguido, as almas imortais dos entes queridos fazem do túmulo uma presença física. É no túmulo que Carlota perpetua a existência do esposo; continua a servi-lo como em vida: lavando e limpando o lugar, rezando e chorando; afastando do túmulo todo o sinal de corrupção da morte, do abandono do esquecimento; tornando-o habitável física e espiritualmente, zelando pela alma através das orações constantes a Deus. É a transposição posterior do lugar sagrado primordial (a casa em que viviam todos - filhos e pais) para o túmulo lugar em que os **filhos... netos... os bisnetos no dia em que quiserem, visitar o avô ter aonde ir.**[59]

V

Sobre as rezas e as curas Carlota conta as dificuldades de consultar ao médico, o desconhecimento das doenças, o descaso nos cuidados com as crianças. Reza para por ordem a confusão instaurada **Rezo em muita criança... mas rezo também em todo o mundo que vem aqui e pede... faço a minha oração.**[66] A reza tem uma eficácia que se mostra exatamente no momento em que as pessoas ao dizerem o que têm, já estão dando um sentido e ordem à desordem. Então ela acredita que, aquilo que está acontecendo é possível de acontecer, e que há uma forma de cura: a reza. A fé, no contexto judaico-cristão, leva a crer que tudo seja possível para Deus e também para o homem (Rosendahl, 2002: 09).

Seu aprendizado pode ter iniciado pelas práticas de reza da família do marido e dele próprio, além da necessidade de cura pela distância ou inexistência de médico. **Toda a família do meu esposo era católica. O pai dele era muito estudado. Ele sabia tanto hino bonito! Tudo gravado na minha cabeça e sumiu. Eu fiquei só com a Estrela do Céu. Todo o dia ele meu sogro chamava todo mundo para rezar... e a gente já sabia... ia dando cinco horas...**

cinco e meia... ia rezar. Dia de sábado rezava o santo ofício. Respondia tudinho cantado.[74]

O que cura a pessoa é a fé... **Às vezes a pessoa não tem fé e quer voltar outra vez... eu digo: "Não. Se melhorar não precisa vir mais A oração é muito boa... oração é força.**[66] Rosendahl afirma que a experiência da fé serve de elemento discriminante do crentes e descrentes. A fé identifica o crente em um sistema religioso e o investe de poderes que só ele adquire. Neste contexto, a fé significa liberdade, uma liberdade que permite ao homem participar ontologicamente da existência de Deus, uma liberdade que encontra sua validade e seu apoio em Deus (Rosendahl, 2002: 11).

Num caso de doença braba... eu rezo a Estrela do Céu. É linda... linda... linda essa oração. Ela não pode ser rezada a toa. Rezei muito na cabeça de um homem que sofria demais de dor de cabeça.[70] Carlota crê na eficácia da palavra-mistério. É necessário certo cuidado com o uso das fórmulas, não podem ser pronunciadas sem finalidade. As fórmulas só tem sentido e eficácia se estiver inseridas no rito mágico para garantir o sentido e finalidade. Os indivíduos que as dominam sabem que sua eficácia depende dessa existência interdita e subterrânea.

[...] a gente rezava na plantação. Nunca fiz isso... meu velho era quem ia. [...] levantava cinco horas... ia pra roça sem falar com ninguém. Ele já avisava de noite: "Olha! Vou pra roça amanhã... não me chama." Ele gostava de ir na sexta-feira treze.[72] **Meu velho chegava na roça e rezava em três cantos a Estrela do Céu e deixava um canto aberto. Nada mexia naquelas plantas! Nada... nada! Lagarta... nenhum bicho que estragasse as plantas.**[73]

A narrativa impõe o interdito da fórmula da Estrela do céu, e revela que a sua utilização no ritual requer um comportamento exemplar, discrição, sigilo, prontidão de quem a executa. Sua utilização pressupõe do devoto, uma relação íntima com o sagrado (interditos) visto que a linguagem simbólica da fórmula é empregada para reinstaurar a atuação do sagrado para estabelecer à ordem, a fartura, a prosperidade.

O universo simbólico-religioso de Carlota adquiriu seu ordenamento pela força da oração. E sua eficácia está no ritual. Esses relatos compreendem o universo do rural que Carlota sente ter se distinguido do tempo presente. **Como hoje em dia pouca gente pensa assim... pensar nas coisas de Deus... nas coisas do coração. Porque eu vivo a minha natureza. Graças a Deus.**[73] É o que Claude Lévi-Strauss (1970a) cita como terceiro ponto para a eficácia de certas práticas mágicas. A primeira e a crença no feiticeiro, na eficácia de sua técnica; a segunda e a crença do doente que ele cura, ou vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; e a terceira e a confiança e as exigências da opinião coletiva, um campo de gravitação onde se insere o amaldiçoado e o feiticeiro. Carlota alega que já não ocorre como antes a vivência de um entorno comunitário que compartilha dessas crenças. A natureza de Carlota, o seu jeito de viver, acreditar e experienciar as coisas, está num outro tempo diferente dessa geração, num outro lugar que não este.

VI

Em sua prática na luta contra as enfermidades Carlota usa remédio caseiro, como uma alternativa para o caso de não haver médico no hospital ou quando o remédio passado pelo médico não resolver. **É por isso que Deus disse que todas as plantas são remédio**[41] Elza Rizzo de OLIVEIRA em seu livro *O que é benzeção?* (1985) elabora a concepção de que a prática das benzedeiras existe como resistência à *medicina erudita*. Para OLIVEIRA, elas são instrumentos sociais de combate ao império da medicina, inseridas no processo de lutas de classes sociais na defesa de interesses antagônicos. Em Carlota, existe o manuseio terapêutico das ervas e o sentimento de piedade - **dó dessas crianças que vivem abandonadas**[60], que a mãe não exerce o pleno papel de protetora. O fato de *nunca ter levado os seus filhos ao médico* soa com a satisfação do dever cumprido, pois cuidou bem dos filhos a tal ponto que só precisou recorrer ao médico em casos de extrema necessidade da *medicina avançada*.

Carlota define seu campo de ação aos arredores de sua comunidade de vivência, fora deste limite está a **medicina avançada... a sabedoria é maior... os homens estão mais sabidos**[68] que ela se recusa a sair ao embate. Mesmo sabendo das deficiências do sistema de medicalização, na concepção de produzir o corpo perfeito, ela age nas diversas brechas deste espaço a fim de reproduzi-lo e não destruí-lo. Carlota reconhece todo o conhecimento científico, assimila que **um remédio pode intoxicar uma pessoa.**[62] O discurso científico agrega-se junto ao uso indiscriminado das plantas combinado na prática as várias noções. Por isso ela utiliza-se do processo de entrevista para saber, **se foi menstruação... se foi alguma coisa que comeu e fez mal... se foi algum filho que tá morto dentro da barriga**[67] para basear a escolha das ervas e orações. Esta investigação, prática semelhante a do médico, delineia-se num discurso para validar a prática de Carlota na administração das ervas e oração para o tratamento de doença. Porém, em outro momento contraditoriamente garante a eficácia do uso aleatório das ervas, sem a discriminação rigorosa anteriormente afirmada, afinal em Cartola atua também a concepção da fé nas virtudes curativas das ervas como uma dádiva divina **Deus disse que todas as plantas são remédio.**[65] Por isso, não importa a erva utilizada por Carlota, pois o que cura e o poder do divino contido nelas e o substrato químico diversificado de cada uma. O chá de *qual quer*: **eu mesmo fazia o remédio em casa... nascimento de dente... fazia um chá de qualquer coisa... rezava... dava... e eles ficavam bom.**[61]

Sobre esta concepção Eliade (1992) reafirma a derivação das virtudes medicinais das plantas:

> *O valor mágico e farmacêutico de certas plantas é devido, igualmente, a um protótipo celeste da planta, ou ao fato de ela ter sido colhida pela primeira vez por um deus. Nenhuma planta é preciosa em si mesma, mas sim pela sua participação num arquétipo ou pela repetição de certos gestos e palavras que isolando a planta do espaço profano, a consagram (1992: 123).*

Numa tradição popular cristã, a planta devia suas virtudes medicinais ao fato de Deus a ter dotado de propriedades excepcionais ou ainda por terem crescido pela primeira vez no monte Calvário. Na ocasião da colheita de plantas

curativas, na França do séc. XVI, repetia-se a fórmula: *Erva santa, que não foste semeada, nem plantada, revela a virtude que Deus te deu!* (Eliade 1992: 124).

Em sua leitura, Carlota remete a benigdade das plantas, por ela experienciada, a intervenção divina, numa releitura de textos sagrados. O que fala não é mais ou menos verdadeiro do que as passagens bíblicas, não são versões errôneas ou distorcidas da Bíblia pela compreensão popular. O que torna mais legítima as passagens bíblicas do que a frase de Carlota é o poder da escrita e da impressão de livros, a carga religiosa e histórica que pesa e faz arrastar e perdurar a sacralidade das escrituras dentro das vísceras das virtualidades sociais.

VII

Existe uma tenuidade entre *identidade* e *autoconhecimento* como termo de reconhecimento de perante o outro. Ambas partem das características próprias do sujeito e comuns entre esse sujeito e o outro, porque ambas necessitam reconhecer o que há de comum e o que difere entre a pessoa e o outro, mas no reconhecimento é necessário realçar as semelhanças, o que há de experiência comum entre ele e a situação a ser confrontada (Hall, 2001: 21). Assim Carlota se distingue do outro *curandeiro* **As pessoas falam que sou curandeira... MAS NÃO SOU! Fico com medo quando dizem que sou curandeira. Deus me livre... rio desse pessoal porque tem muito modo de curação.**[66] Carlota só atende a necessidade das pessoas por meio da oração **Uma vem e diz: "A minha criança está assim..." Outro vem: "Quebrei... torci meu pé." "Tô com dor de cabeça." É quebradura... outro com dor nas costa... desconjuntado. Daí eu rezo.**[66] Dentro do contexto rural numa especulação imaginária tendo como base a forte presença desses curandeiros no interior, o processo de ganho e perda da identidade curandeiristica, sofre a mudança de ambiente. Do rural para a cidade ocorre uma troca entre o sujeito e o outro, mas também numa troca entre sua identidade até aquele momento e sua identidade a partir desse novo confronto: no meio rural talvez fosse até aceitável o termo curandeira, sendo provido de poder e respeito, porém, no ambiente da cidade a desvalorização de

tais práticas frente a medicina oficial e a presença atuante da Igreja causam medo. **Fico com medo quando dizem que sou curandeira.**[66]

MARIA DAS GRAÇAS – INTERPRETAÇÃO

As narrativas de Maria das Graças fazem-nos perder na sensação do maravilhoso, nos sonhos mágico-religiosos que é quase covardia, mas necessário, reduzirmos nossa leitura a certos aspectos do que vemos nas águas do texto *Maria das Graças*. Na experiência de vida da narradora Maria das Graças não existe acaso, tudo está inserido numa ordem explicativa. Schweickardt considera que a magia presta-se a função de explicar aquilo que a racionalidade, dentro das categorias do provável, não consegue explicar satisfatoriamente (2002: 183).

I

O batismo realiza o rito de unificação com o sagrado, purificando-a de qualquer co-relação com o espírito que anunciou seu nascimento, anula qualquer maleficidade que o espírito possa encerrar sobre seu ser. Para a narradora, este é o eixo que define sua inserção no sagrado. **Então meu batizado foi assim: a imagem de Nossa Senhora das Graças foi minha madrinha e meu padrinho um espírito**[3] impregnar com uma força e um mistério numinosos. O que fica de tudo aquilo que realmente considera verdadeiro, é o sagrado. Compreendendo o Espírito como um gênio detentor de força, domínio, de caráter inconstante, operando sobre o bem e o mal conforme suas pretensões. São dois mundos unidos na pessoa de Maria das Graças. O Batismo é o reconhecimento absoluto de sua natureza unida integralmente a Deus e a realidade sagrada. Neste nascimento pelo batismo, esta união entre a *virgem* e o espírito, faz surgir o ser repleto de graça, **Me aflijo com coisas que acontece, mas não esqueço que sou muito abençoada por Deus.**[7] purificada numa fonte divina de vida integrada ao sagrado.

Todos os eventos narrados são *provas, confirmação* desta relação íntima com o sagrado. É a confirmação absoluta do pacto com Deus é por isso que sua madrinha não poderia ser não menos do que uma divindade tão próxima de Deus quanto a Virgem Maria. Sua imagem, presença corpórea do divino, torna sagrada a *história* de sua legatária. Maria das Graças, título que Nossa Senhora, recebe para enfatizar suas qualidades de clemência, bendição, benéfica, absorvedora, servidora, são estendidas a Maria a narradora, como destino, um exemplo a seguir.

II

Maria das Graças age mediante a eficácia da benção recebida que promove a intuição **Sei quando um filho meu adoece... antes mesmo que me avisem. Sei quando algo vai acontecer comigo... se as coisas vão dar certo ou não... vem na minha mente a cena do que vai se passar... tenho uma intuição. Me dá medo por saber antes.**[6] A intuição consiste num tesouro da psique feminina, afirma Clarissa Pinkola Estés em *Mulheres que correm com os lobos* (1994). Ela é como uma forma de leitura, como uma lente por meio da qual se pode ver, com uma percepção interior excepcional. Proporciona-nos um entendimento claro do problema, que nos aponta direcionamentos apropriados no encadeamento dos acontecimentos da vida. A intuição procura, seguindo determinados indícios, a melhor saída. **E quando acontece... algo me impulsiona a agir... tenho que seguir.**[7] Tal sentido tem propósito de fazer verter a verdade das coisas, de extrair o essencial das imagens, para ver o que há para ser visto, para conhecer o que há para ser conhecido (1994: 99). Estés acrescenta tais apreciações quanto a intuição

> *Esse enorme poder, o da intuição, tem a rapidez de um raio e é composto de uma visão interior, audição interior, percepção interior e conhecimento interior. É um ser sagaz que vai onde a mulher for, que examina todos os aspectos da sua vida e tece comentários sobre a verdade de tudo com precisão e rapidez. Durante gerações a fio, esses poderes intuitivos*

transformaram-se em correntes subterrâneas dentro das mulheres. (1994: 106-107)

Maria das Graças, assinala como passagem da transmissão da benção, do poder da intuição, seu nascimento: **Talvez todas as coisas diferentes que aconteceram e acontecem na minha vida tenham ligação com o episódio do meu nascimento.**[6]

III

Sobre as praticas religiosas de Maria das Graças ela diz **Não vivo no espiritismo... não tenho ligação nenhuma com o outro lado. O que gosto é da Igreja Católica e de vez em quando ir a Igreja de crentes das minhas amigas.**[7] Bairrão (2003) indica que pessoas que vivem em cidades costumam misturar práticas e crenças religiosas de origens diversas dependendo de suas condições concretas de vida. Ele sustenta que a identidade religiosa tem como característica a pluralidade, sendo o que motiva as pessoas recorrerem a uma e outra religião (busca do mercado livre de serviços religiosos) conforme a atuação que este confere a cada qual: *quando se precisa de dinheiro, procura-se um templo protestante; quando a questão é sentimental ou de saúde procura-se um centro espírita ou Umbanda e quando tudo vai bem procura-se a Igreja católica* (Loyola,1984; Brandão,1986).

De certa forma, Maria das Graças aproveita o que há de bom em cada religião. **Eu passei a ser um ponto de referência para as religiões. Os crentes... os espíritas kardecistas... padre Pedro.**[33] **Então para as pessoas que eram crentes eu passava os ensinamentos dos crentes. Conforme a religião eu transmitia um ensinamento. [...] E assim eu ocupava o meu dia ensinando... fornecendo coisas... dando comida.**[33] Porém, mais do que ser aproveitar de suas particularidade, ela se sente um receptáculo do sagrado portal de abertura a todos aqueles que estão em busca de conforto e graça. Não por ela, mas pelo que foi dado a ela: a disposição de ajudar as outras pessoas. **Sinto que tenho que agir e ajo.**[18] Maria das Graças vive uma realidade *aberta*, propensa à

manifestação do místico: **já vivo preparada para a qualquer hora ter visões... sonhos... situações diferentes acontecendo na minha vida**[7]**.** Neste sentido Eliade afirma que, o ser religioso existe num mundo *aberto* e que está *aberto* ao mundo. Isto quer dizer primeiramente, que está em comunicação com o divino; e segundo, que participa de uma vivência santidade do Mundo (1992: 141).

Ao servir aos outros, Maria das Graças, além de confirmar a mandato de sua origem e batismo, sente-se cumprindo seu ministério orientado por sua intuição, eventos, visões e sonhos. Essa intuição profunda que norteia a ação de Maria das Graças indica o que é bom para os outros e para si, o que precisa ser feito no ato do episódio. Chega como conhecimento nato e divino, numa rapidez incrível e necessária para ser eficaz (Estes, 1994: 109).

É importante destacar a fonte primeira, onde recorrem as lembranças de cura de Maria das Graças, a experiência comunitária da reza. No caso de Maria das Graças essa experiência estava presente em casa. **No interior não tinha médico. Meu pai é que rezava nas crianças as orações para quebrante e ficavam boas. Quando ele estava aqui em casa vinha muita gente atrás dele. Vinham adultos que com fé... ficavam bons.**[8]

IV

A narrativa de Maria das Graças é rica em sensações; as experiências são carregadas de impressões, sentimento e pensamento **De manhã acordei num estado de paz e felicidade total... parecia não pisar no chão. A noite por me sentir assim... fui ao Centro Espírita Kardecista. [...] A partir daquela hora eu não agi mais com o meu comando... mas sentia paz e felicidade ali.**[49]

Depois deste sonho quando quero alcançar um estado de paz... me recolho no quarto... ou onde eu estiver... rezo e me lembro de Jesus sentado naquela pedra. Meu quarto é o maior ponto de oração. Todas as noites... me ajoelho no meu quarto e rezo o terço. E sinto uma sensação de flutuar.[57] O sentimento, como trabalha Tuan (1983), não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente a memória e a intuição são capazes de produzir

impactos sensoriais ao mutável movimento da experiência. **Uma noite perdi o sono... senti que um dos meus filhos estava doente... não sabia qual deles.**[66] Dessa forma Tuan propõe falar de uma vida do sentimento como falamos de uma vida do pensamento. Estes pensamentos e sentimentos não são opostos, são resultados de um mesmo processo do *continuum experiencial*, em que se encontram os sentidos, visível e invisível, a intuição, sensibilidade e a solidariedade. E ambas são maneiras de conhecer capazes de criar modos de viver, organizar-se, desorganizar-se, reorganizar-se e compreender a complexidade da vida (1983: 11). **Na minha frente a mão se abriu para mim. Acordei com a sensação de que o sonho era sinal de que em cinco dias... ou cinco meses... ou cinco anos algo muito sério aconteceria a mim.**[60]

V

Entre as várias formas de cura realizada destacamos a imposição das mãos **Coloquei a mão em cima da dor**[9] Nas mãos de Maria das Graças prevalece a ligação transitiva do poder curativo. Imposição sobre a água que se transforma em remédio para os males **Quando ergui a minha mão vi sair pelos meus dedos um arco-íris indo a direção à água. Era de uma força que sentia queimar a minha mão. [...] esperava a entrega da água energizada.**[50] Além da cura o contado com as mãos pode trazer esclarecimento, revelando o invisível aos olhos e o desconhecido a percepção **Chico Xavier puxou a minha mão e falou: Você vai embora e você vai ser muito feliz.**[13] **Ele pegou a minha mão esquerda e começou a passar o dedo na palma da minha mão. Com esse movimento Ele examinou todo o meu corpo... me contou do meu problema no útero.**[56]

Entre as mãos e a narradora prevalece o vínculo da prática transitiva do poder curativo: **coloquei a mão em cima da dor**[9]**;** poder de conhecimento: e poder energético: **Quando ergui a minha mão vi sair pelos meus dedos um arco-íris indo a direção à água**[50]. A mão é o símbolo de poder um dos instrumentos de exercício de seu dom que Maria cumpriu de pronto sem

questionar, aceita, pois é natural tanto quanto as outras atividades do dia a dia. A sua mão portadora de certa força não é sua mão. É um receptáculo de energia de outra mão que toca que se anuncia em seus sonhos e visões **Então mais uma vez Deus... colocou ali a sua mão para que a minha promessa fosse cumprida**[44]. A mão de Deus é o transmissor de manifestação plena de seu poder e vontade. Quando a mão de Deus toca a realidade, ele a transforma com sua força divina. Pois, a mão de Deus cria, protege, destrói e dispersa, abençoa e amaldiçoa. Cair nas mãos de Deus é estar à sua mercê.

VI

Os sonhos são formas de vivenciar mais profundamente, de compartilhar essa benção oferecida por Deus **Quando quero me concentrar penso em algum dos muitos sonhos que tenho na lembrança... do que vi neles. Num dos sonhos meu irmão falecido me contou um segredo que ninguém sabia.**[47] Pois são momentos de revelação das condições e dos efeitos da criação da vivência religiosa.

O sonho que leva ao estado de paz e tranqüilidade a Maria das Graças é aquele em que ela encontra Jesus. No início desse sonho ela se encontra **perdida num lugar que não conhecia... descia uma ladeira. Num lugar que parecia uma serra**[52]**.** Esta condição de desencaminhada num lugar isolado nos remete a uma situação

O episódio onírico anuncia a desventura de Maria das Graças andante que se encontra perdida, desencaminhada num determinado momento da vida. No longo caminho nas incertezas da vida, entre a decadência da vida **uma ladeira** e a ascensão de **uma serra** sofre a desorientação, sentindo desvirtua-se, desgraçada, esquecida.

Nesta narrativa a personagem, semelhante à Maria do sonho, tem seu coração atribulado, dilapidado pelos principais pecados humanos que martirizam, torturam e corrompem o humano, abala a união com o sagrado, ameaça a por fim

nesta relação, condenando a esperança da vida perene. Neste descaminho do engano, da falácia, da atormenta deixa Maria das Graças à mercê do mal.

Eis que vem ao mundo de aflições, na narrativa de Maria das Graças um introdutor, o mensageiro da luz. O guia de Maria das Graças é o próprio Crucificado que intervém em seu auxílio, pois Maria das Graças entende sua existência integrada ao sagrado, pelos seus dois nascimentos: a gestação o e batismo. Mesmo em suas limitações humanas, ela sente a aproximação do sagrado, o Crucificado, resgatando-a: [n]**um domínio de paz... de segurança e tranqüilidade fora do normal**[45], pleno de graça resplendente em sua face protetora.

O Crucificado é percebido pela personagem como o *Mártir do Calvário*, que carrega os sinais de seus sofrimentos mortais, **marcado com sangue causado por chicotadas**[53]; de sua humanidade purificada - **tinha cabelos longos mal tratados [...] A túnica era envelhecida uma cinta de couro cru envelhecido**[53]; e exaltada em seu padecimento na via-crúcis - **Ele segurava a túnica e dizia: Esta é roupa que eu usava na hora**[54]. Os pés expressam que tipo de caminho é trilhado pela divindade... **até os seus passos transmitiam paz**[54]. Podemos perceber como a singularidade expressiva que emerge no sonho se dá em diversos registros de expressão... **e pela mão Ele me conduziu para o lugar**[54]. A narradora abandona-se em suas mãos abdicando de sua própria força e liberdade, pela presença do divino Senhor. Colocando suas mãos nas mãos do condutor, desiste de outro rumo, do uso de seu livre-arbítrio, a fim de que este governe seus passos, pelo passadouro da paz, dirigindo-os em um curso não planejado por ela. A narradora se permite a condição restrita de sentir-se **uma criança de seis anos**[56] conduzida por seu Senhor: o *Senhor é meu pastor e nada me faltará*. Recusando a fazer exercer a *imagem* do adulto, o ápice da condição discernente, avocando a si o sopro criacional – do Senhor – assumindo o curso de seu movimento existencial, de suas decisões, vingando como ser pleno em sua prática. Entretanto, consente na condição de caricatura disforme, castrada e sujeitada de um humano, obediente, dependente, estável em uma natureza,

aceitando um contexto aquém das múltiplas possibilidades como agente portador de práxis.

MARIA DE JESUS - INTERPRETAÇÃO
I

O lugar de origem, referência citada por Maria de Jesus, indica a combinação cultural com a qual a narradora conviveu em seu grupo familiar. **Sou filha de cearense com amazonense. Me criei no interior no município de Humaitá. Vivi sempre trabalhando na roça com os meus pais**.[1] Porém, seu discurso está estruturado a partir de uma individualidade que desconhece as marcas da coletividade em sua formação. **Me criei**[1] demonstra a presença de uma força própria, como tendência permanente, que estimula, dirige e incita as atividades do indivíduo**.** A forma motriz da vida ativa e criadora de Maria de Jesus está centrada em si.

Maria de Jesus iniciou a prática da benzeção no ambiente das tradições orais rural em que existiam outros rezadores **Ele: "Não... maninha!!! Meu pé vai ficar pior do que está. Eu vou ao seu Abel pegador."**[4] Embora ela não reconheça a influência e o aprendizado de outros rezadores, fica evidente que o contato deveria ser comum na comunidade e também na vida de Maria de Jesus. Isto aparece na primeira benzeção **Peguei um ramo e rezei.**[2] Essa é uma prática muito comum às rezadeiras: se utilizar de ramos para executar sua oração. Como afirma Raymundo Heraldo Maués *O benzedor usa orações fortes e, muitas vezes, água e ramos de ervas no momento da benzeção* (2007: 09). Este ocultamento da formação coletiva como transmissora das tradições surge como instrumento para evidenciar a luta pessoal pela afirmação de si e de sua prática ligando-a irrefutavelmente ao divino. Esses esquecimentos voluntários, não só nos dizem quem somos, mas também potencializam o vir a ser do sujeito (Pollak, 1989: 08). O vir a ser de Maria de Jesus testa em sua participação na Renovação Carismática Católica - RCC: **Rogo muito a Deus e participo da Renovação Carismática. Pedi o DOM da sabedoria do Espírito Santo para a cura.**[6]

Tais apagamentos também podem se dar devido ao desligamento com o meio rural imediato que é permutado pelo da cidade (Candido, 2003: 225). Antônio Cândido identifica que em face das pressões exercidas pelo novo meio social circundante, sob os olhos da urbanidade, aponta para a crise que condiciona a alteração dos padrões tradicionais, ocorrendo recurso de ajuste à nova situação, que pode rejeitar as normas e práticas anteriores, ou incorporá-las, depois de redefini-las (2003: 204). Essa desterritorialização de Maria de Jesus, de suas rezas populares pautadas na tradição oral, na cidade precisou de legitimação, além do reconhecimento social da eficácia da prática da benzeção. O elemento religioso vinculado à instituição da Igreja Católica - movimento da RCC - traz a sagralidade garantida ás práticas de curas populares, funcionando como instrumento de adaptação aos migrantes do meio rural ao mundo urbano. A identificação religiosa fornece ao migrante a coesão e a segurança necessárias à vida em um ambiente novo e hostil, como também proporciona a sensação de pertença e laços sociais aos adeptos.

II

No texto de Maria de Jesus podemos diferenciar duas manifestações do dom: a primeira mantém o elemento com as tradições orais, sua comunidade de origem:

Um dia... nos meus treze anos [...] minha mãe foi visitar a filha de um primo meu que estava doente e piorando! [...] Deus me tocou... [...] Cheguei lá perguntei pra Luzia como a menina estava. Ela disse: "OH Maria!! Eu quero... é uma bênção." Eu: "Espere ai." Peguei um ramo e rezei. Naquele momento... Jesus me tocou e eu disse: "Se for pra ela viver... ela vai sobreviver." [2] Falei: "Pois é... já que Deus me deu esse DOM então tua filha vai ficar boa. Mais tarde eu volto."[3]

Esta primeira manifestação do dom é narrada em todo o seu esplendor, o fantástico da manifestação do sagrado. Não havendo desmerecimentos e

neutralização do sagrado em detrimento da narrativa de uma segunda iniciação do dom. A segunda origem do dom:

Rogo muito a Deus e participo da Renovação Carismática. Pedi o DOM da sabedoria do Espírito Santo para a cura[6] **Foi tão bom que se eu pudesse ficaria ali... no repouso do Espírito Santo. A voz me dava o DOM da cura dizendo: "Quando as pessoas forem em tua casa... tu ajudas... tu atendes."**[20] **Depois que entrei na carismática não lembro mais dessas palavras. Esqueci mesmo.** [29]

A rezadeira com o anseio de ter um espaço legitimador das práticas de cura, longe da marginalização impingida as práticas dessa natureza, procura outra nomeação, outro território religioso em que tenham suas práticas legitimadas. Eis, então, que, valendo-se dos sempre bem sucedidos processos aglutinadores utilizados pela Igreja Católica encontrou a RCC. **O coordenador disse que as palavras pertenciam à macumba... não pertencia a Deus... que a cura por Jesus... pelo o divino Espírito Santo já era as palavras que eu falo agora. Pronto... esqueci mesmo.**[29] A incorporação das formas cognitivas sociais impede o rompimento da reprodução das estruturas porque *os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais* (Bourdier, 1999: 46). Assim cada grupo social compartilha de esquemas cognitivos que são instrumentos para a reprodução da visão social do grupo. Tais esquemas determinam o pensar e o agir levando, assim a reprodução da ordem simbólica. Portanto, as experiências religiosas de Maria de Jesus na RCC, seu batismo no Espírito Santo em especial, fornecem um sistema cultural explicativo e passa a ser as bases de convalidamento mediantes as quais Maria de Jesus reinscreve suas experiências de cura narradas antes da RCC.

Entretanto, seria simplismo ou reducente se avaliássemos tal rearranjo biográfico como concernente à subjugação aos valores comportamentais e conceituais da instituição católica e não reconhecêssemos certa bricolagem[7] entre

[7] Bricolagem conceito utiliza por Paul Ricoeur como noção de "apropriação", Claude Lévi-Strauss e Michel De Certeau como bricolagem expressa a ação quando inovamos a partir de outras idéias que temos acesso em nossa existência em comunidade. Ajustamo-as para servir a novas circunstâncias e combinando-as a elementos existentes de novas maneiras, até que surja algo

os elementos da prática e crença vinculados às tradições orais e ao catolicismo popular. Junto às concepções comportamentais e de dogmas da Igreja Católica e em específico a RCC, articulam elementos de um e outro num movimento de várias faces, ora contraditórias, ora combinando os elementos dispostos de novas maneiras, ajustando-os para servir ao exercício das práticas de cura. De maneira geral, nesse aspecto, o catolicismo associa-se a bricolagem de crendices e atos devocionais, formando o conjunto dos bens simbólicos dominados pela rezadeira que articulam suas práticas para o exercício desse poder sagrado (Silva, 2007: 17).

A presença na narrativa de Maria de Jesus de dois momentos autônomos da manifestação do dom, o primeiro aos treze anos e o segundo em virtude da participação na RCC, mantém a importância, os significados da experiência para a vida da narradora e a sagralidade da mesma. Interpretar os sentidos do vivido é um trabalho cognitivo que transforma o material da vivência em experiência integrando-o, assim, a história de vida enquanto conjunto percebido como portador de sentido (Fraas, 1997: 107).

Com a RCC ocorreu a mudança do contexto de referência ou a reestruturação do material biográfico experiencial. Isso significa que Maria de Jesus não vê algo novo; vê, antes as coisas antigas num contexto novo ou sobre outro pano de fundo. A conversão radical e a busca de um novo caminho significam admitir que o plano de vida perseguido até agora estava errado. Nessa altura da vida resta pouco tempo para a revisão. Diante desse contexto biográfico é possível que Maria de Jesus estabeleça um divisor de experiências – que seria a participação na RCC - concordando com as orientações do coordenador da RCC que **disse que as palavras pertenciam à macumba... não pertencia a Deus...**[29], mas contraditoriamente, mantém o relato da primeira manifestação do dom com toda a sua potência divina. Isto se trata de um conflito entre cosmovisões cultivadas, que promove uma reorganização fragmentar do discurso; num conflito entre o sistema de orientação antigo, vinculado às tradições orais e catolicismo popular e as concepções trazidas pela filiação a RCC.

---

reconhecidamente diferente, embora pertença ao mesmo tronco de idéias ou objetos.

III

O processo de inserção de Maria de Jesus na cidade se realizou com sua aproximação da Igreja Católica. Os rituais, eventos, palavras e imagens que circundam as práticas da RCC são discursos formados que possibilitam identidades, por adquirem sentido por médio da linguagem e dos sistemas simbólicos representado pelo movimento. As identidades não são de contestação, mas de afirmação ou em (re)invenção e propõe o desinveste-se da exterioridade de rezadeira e investir-se de católicas batizada no Espírito Santo com sua participação da RCC. A identidade produzida a partir dos rituais constitui-se numa tensão onde o que deve ser lembrado, portanto, o que deve ser esquecido, encontra-se definido no âmbito das relações de poder da Instituição. Há sempre uma presença e uma ausência naquilo que é representado.

Depois que entrei na carismática não lembro mais dessas palavras. Esqueci mesmo.[29] Podemos pensar nesse momento narrativo como um marco da reformulação da memória em detrimento da experiência religiosa no movimento da RCC. Para Maria de Jesus, o esquecimento das orações decorrentes das tradições orais evita a revisão de vida, já que a resposta percorre um caminho que leva à existência de dois princípios contraditórios: o bem e o mal. Como admitir ter servido ao mal, mesmo fazendo o bem? Mesmo que a prática tenha sido reconhecida aos olhos da comunidade, parentes. Como *trair* àqueles aos quais e cuja herança espiritual deve a vida? Tanto a linguagem quanto as emoções-vivências-experiências são construídas de acordo com os sistemas simbólicos do grupo, por conta disso permanecem num contínuo processo de julgamento porque *requerem obviamente conceitos que possam ser visto como maneiras socialmente construídas de organizar e compreender o mundo* (Jaggar *apud* Bandini, 1994: 45-46)

No caso de Maria de Jesus, a separação espacial proporciona certa comodidade discursiva, lá em *Humaitá* - aqui na *cidade*, são espaços que diferenciados que permitem discursos diferentes. A desvinculação da comunidade

vivencial das tradições orais possibilitou a reconstrução da forma de vida e estabeleceu equilíbrio dos bens simbólicos que mediam as práticas da cura, ao que resulta nesta narrativa reorganizada que oferece uma lógica que faz com que o processo todo pareça razoável. Mas nenhum grupo social ou identidade que se vincule à instituição por mais estáveis e sólidas que possam parecer, tem sua perenidade e hegemonia assegurada (Pollak, 1989: 11). Vista disso, temos com o texto Maria de Jesus, que mantém ainda em sua narrativa o primeiro surgimento de seu dom.

IV

Recebi o batismo no divino Espírito Santo num seminário que participei da carismática. [...] Começamos de oração em oração e Deus me tocando... me tocando.[18] **Uma senhora foi tocada também... na banca de livros de cantos... dos terços. A voz dizia a ela: "Vai! Vai! Vai!" Ela dizia: "Mas meu Deus para onde eu vou?" "Vai." Quando ela chegou perto de mim. A voz disse: "Abre os braços." Ela abriu os braços... eu fui dobrando e ela me agasalhou. Quando terminou a oração ela me contou essa história e voltou pra banca.**[19] Tal catarse fundamenta-se pelo alcance ao sagrado, pela marca da presença do Espírito Santo. A experiência da conversão permite que a experiência individual, a vivência de certas emoções e sensações, seja coincidentemente uma experiência social, pois sem o sentimento grupal nada significaria a sensação do indivíduo (Bandini, 1994: 43). O ritual do batismo é a confirmação dessa participação na comunidade religiosa, onde se compartilha a experiência do sagrado. O encontro com o mistério afeta profundamente o ser humano. Às vezes, de forma definitiva e total, o que tem relação com a experiência da salvação, vivida inicialmente na paz e no gozo do encontro com o sagrado.

> *La relación sujeto-sujeto que se establece en la experiencia religiosa, pero que tiene su origen en el misterio (que se hierofaniza). Equivale a una interpelación – encuentro, que produce efectos en el ser humano:*

> *admiración temor, oración, adoración, etc. El encuentro se hace actitud, como también se hace palabra y gesto ritual (Croatto, 2001: 51).*

A experiência humana é relacional e como tal exerce uma forte influência na socialização das experiências religiosas mediante o compartilhamento da hierofania. Uma das características fundamentais do ser humano é estar sempre em busca, gerando consciência das necessidades físicas, psíquicas, sócio-culturais e das limitações fragmentária dos valores, a finitude e a falta de sentido em muitas experiências essenciais para a vida.

No momento da oração, o corpo entra em contato com o sagrado e deixa de ser apenas uma representação da ação social realizada, para ser parte constituinte e resultante da ação. **Eu já havia repousado antes, mas não teve a força que senti agora. Uma força que me tocava "Tu vai ser renovado... encharcado pelo Espírito Santo."**[18] A partir do contato com o sagrado, este corpo passará a expressar uma identidade individual, ou seja, daquele que recebeu o repouso no Espírito Santo, que impõe condutas e atitudes de serviço ao próximo.

V

Ela apareceu na beira de um igarapé. Chegava na beira do igarapé e atravessava para o outro lado onde havia uma cruz no lugar da aparição. Todo mundo que ia pagava seus pecados.[10] Para chegar ao lugar da manifestação do sagrado, era necessário atravessar o igarapé, passar pelo caminho das águas. A água é mais que o lugar de onde vem o alimento básico da vida do amazonense: o peixe. Consistem no lugar de procedência dos encantados, criaturas fantásticas que habitam as águas. No mundo das águas o importante são os rios, lugares adormecidos que não faz parte do mundo cotidiano, lugar do que normalmente é *invisível* aos olhos dos simples mortais.

Nossa senhora aparece nessa transposição de mundo. E para viver a experiência do sagrado se faz necessário fazer a travessia do igarapé para chegar ao local da aparição, se propor a vivenciar a transposição de lugares: do profano

ao sagrado, atravessar equivale a si propor a deixar o mundo confuso, cheio de dor, cansaço da luta pela sobrevivência e se aproximar do sagrado perdendo a noção dos sentidos do corpo **Eles se ajoelharam num desses troncos pra acompanhar o terço... e foi do princípio ao fim e não sentiu se quer uma coceira no joelho.**[11] A restauração do que tenha sido rompido com o pecado, é revivificação, pelo contato com o sagrado. **Meu marido me contou que pagavam mesmo os pecados... todos os que iam se ajoelhavam aos pés da cruz.**[10] Só a manifestação do sagrado é capaz de remir o pecador que comete o pecado mortal - aquele cuja confissão se mostra insuficiente para apagá-lo – expõe o pecador a deixar a forma humana correndo o risco de ser marcado socialmente com sua transformação em animal. Tal exposição externa socialmente o horror e a inumanidade de suas ações **Tem muita gente que tem esses pecados mortais que faz virar animal... porco.**[10] E o condena a danação eterna (Silva, 2007: 46).

Chegava na beira do igarapé e atravessava para o outro lado onde havia uma cruz no lugar da aparição.[...] todos os que iam se ajoelhavam aos pés da cruz.[10] Os espaços sagrados são aqueles lugares que se destaca do lugar comum e da rotina; são espaços qualitativamente fortes onde o sagrado se manifestou. E para o homem religioso essa manifestação pode estar contida em um objeto, em uma pessoa, em inúmeros lugares (Tuan, 1983: 44). Para o homem religioso, a natureza não é exclusivamente natural, está sempre carregada de um valor sagrado. Rosendahl espaço sagrado escreve que:

> *(...) um campo de forças e valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. Produção cultural o espaço sagrado é o resultado de uma manifestação do sagrado, revelada por uma hierofania espacialmente definida (Rosendahl, 1996: 81).*

O símbolo da cruz demarca o local da abertura é, antes de tudo, refúgio, e receptáculo geográfico do sagrado: um *centro do mundo*, em que todo o peregrino se curva ao enigma do espaço sagrado que assegura a comunicação entre o céu e a terra, *ponte ou a escada pela qual os homens sobem até Deus; [...], é o lugar de passagem entre o Céu, a Terra e o Inferno* (Eliade, 1998: 237-238). Adentrar

ao *centro* do mundo, se atribui uma nova realidade em que a situação de corrupção pelo pecado não mais domina. O local da manifestação do sagrado e reinstalação do lugar da criação do mundo, em que tudo é perfeito **[...] era como se todo mundo já se conhecesse. Era a maior alegria do mundo.**[11] na restauração da aliança entre o homem e o divino. É restaurado o tempo primeiro com o perdão dos pecados. Para o *homus religiosus*, o *centro*, o lugar da criação, é o ponto fixo a partir do qual todo espaço será ordenado e renovado: **Depois que ela apareceu foi uma religião muito boa... todo mundo se converteu.**[9] É o *centro* do mundo, o *cosmos* que se opõe ao espaço externo ou ao *outro* mundo, o *caos*.

O lugar do cruzeiro remete-se a idéia de *imago mundi,* não sendo estigma da passagem da divindade: *Nossa Senhora esteve aqui*, mas a representação da presença e da permanência do sagrado entre os homens. Uma manifestação que anuncia um *hierogamos* — comunhão entre deuses e homens, onde o ciclo da lei do eterno retorno é evocado, com a reintegração a imagem primordial do mundo. No estudo elaborado por Tuan (1983), o sagrado é tudo que se destaca do lugar comum e da rotina. Naturalmente, nem tudo que é excluído espacialmente é espaço sagrado e nem toda interrupção da rotina é uma hierofania (1983: 44). A palavra sagrado tem por significado *separação*, indica a definição de ordem, totalidade e força. Sagrado é uma palavra que tem em si a vinculação à idéia de religioso.

O LUGAR DA BENZEÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

I

A construção da identidade enquanto processo que ocorre em conflito e embate dentro dos sistemas sociais e subjetivos da sociedade, na interação com o outro no lugar são assim assinalados nos discursos identitários das narradoras. A identidade das narradoras como rezadeiras, benzedeiras ou curandeiras foi

contestada, recusada ou suprimida nas narrativas. O ato de designar tem a sua significação por indicar a forma como gostaria de serem reconhecidas. Apesar de continuarem a serem identificadas em seu meio como rezadeiras, e em suas narrativas fazerem menção a *outros* que rezavam enjeitam tão identidade. Maria de Jesus afirma que **Com o tempo já foi morrendo os benzedores que as pessoas conheciam aqui ao redor. Morreu dona Cotinha... dona Dadá... o seu Lulu. Agora que eu vou ser procurada. Vem gente de bicicleta... de carro... a pé. Quando estou fazendo as coisas a cigarra toca... batem palma. "Dona Maria... não lhe conheço. É a primeira vez que venho... me informaram que a senhora pega muito bem desmintidura que a senhora benze."**[35]

Podemos inferir que na zona rural aceitassem ser chamadas de rezadeiras ou algo similar, pois estariam legitimadas pelas poucas condições de acesso aos médicos e todo o sistema simbólico compartilhado pela comunidade religiosa rural. Maria das Graças fala que **No interior não tinha médico. Meu pai é que rezava nas crianças as orações para quebrante e ficavam boas.**[8] Não havia a complexidade das doenças classificadas hoje pela Medicina. Assim estariam duplamente justificadas por partilhar em comum o inventário simples de doenças conhecidas e pela rede simbólica de cura.

Ela se refere não apenas à origem de um mal, mas a uma imagem do mundo, do homem, da natureza e das relações sociais. Desse ponto de vista, a interpretação das doenças recobre um contexto pluridimensional: natural, sobrenatural, psicossocial e socioeconômico.

Carlota afasta qualquer ligação com a identificação antiga: **As pessoas falam que sou curandeira... MAS NÃO SOU! Fico com medo quando dizem que sou curandeira. Deus me livre... rio desse pessoal porque tem muito modo de curação**.[66] Maria de Jesus **Eu não me vejo como benzedeira. Sou uma pessoa que ajuda outros. Quando meus filhos estão doentes digo: "JESUS, CURA!!!**[34] Na cidade preferem que sua atividade seja reconhecida como fazer orações (rezas) ação que esta legitimada por suas inserções nas instituição

religiosa: Igreja Católica e seus respectivos grupos que tem como participantes os leigos da Igreja.

É importante ressaltar que a identidade se realiza na palavra do outro, segundo os valores sociais estabelecido no lugar. No espaço da cidade essas senhoras estão inseridas em outros lugares: Dona Raimunda e Carlota na Igreja Católica participam da Legião de Maria entre outros eventos ocasionais e periódicos organizados pela Igreja, Maria de Jesus na Igreja Católica participa da Renovação Carismática Católica, Dona Francisca participa do grupo de Reflexão, Maria das Graças de eventos periódicos devocionais da Igreja Católica como novenas, grupos de reflexão e ocasionalmente nas reuniões do Centro Espírita Bezerra e na Igreja Quadrangular quando convidada.

Tais participações diferem da participação dessas senhoras quando viviam no interior. Maria de Jesus lembra **Uma bondade da cidade é a Igreja. Porque no interior era difícil. Sempre fomos católicos mas só tem três anos que estou na carismática. Depois que entrei é difícil perder uma missa.**[17] Carlota diz que na roça só se cuida em trabalhar **foi quando nós formamos uma Igreja... lá na roça em Jarú. Foi uma barraca para as pessoas fazer orações... festa de natal.**[75] Mesmo assim padre era coisa rara. Só nas festas religiosas e nos rituais dos sacramentos.

Apesar de imagens e palavras novas serem introduzidas nos rituais e nas vivencias com o sagrado, no caso de Maria de Jesus **Se a pessoa chega doente... concentro-me em Deus e digo as palavras que lembram que é Jesus quem cura. Pra vento-caído eu rezo:**[24] **"Jesus... me curai essa criança de vento caído... vento virado... mal olhado com os poderes de Deus e da Virgem Maria assim como tu andavas no mundo... Jesus... tu curavas os cegos... os aleijados. Então cura essa criança."**[25] **Antes de participar da Carismática eu também pedia o DOM a Jesus para curar aquela pessoa de espinhela... vento caído... quebranto. Na hora da reza na pessoa me palpitava aquela palavras que eu dizia.**[28] **Depois que entrei na carismática não lembro mais dessas palavras. Esqueci mesmo.**[29]

O objetivo da reza continua o mesmo alcançar por intermédio da reza a graça da cura. Tais diferenças evidenciam as novas condições religiosas das narradoras, traduzem as antigas práticas religiosas à situação de suas atuais crenças, assim reelaboram suas memórias, interferindo na forma como estruturam e articulam suas histórias de vida, propondo-se a manter certa homogeneidade no ritual e nos símbolos de cura.

II

Outra mudança substancial às práticas antigas está na ministração de chás. Estes estão restritos as coisas básicas como tosse, cólica, pois se adquiriu a idéia de perigo das ervas idéias vinculadas ao circuito da medicina legal.

Carlota esclarece: **Olha... eu não sabia... mas agora sei... um remédio pode intoxicar uma pessoa. Porque remédio é veneno. Quem faz um remédio... um xarope... precisa saber o que está fazendo. Não é só pegar qualquer coisa e fazer. E assim eu fazia.**[62]

Maria de Jesus confirma **Comprei um xarope... para o meu menino e não serviu. Peguei e fui fazer um xarope. Agarrei umas folhas de hortelã... alfavaca... vagem de jucá... alho e fiz aquela misturada. O menino tomou e não é que ficou bom. Daí eu ensino e faço o xarope para as pessoas que me pedem e o chá do hortelãzinho pra criança com cólica. Mas é só isso... não receito mais nada.**[33]

A doença para a rezadeira tem cura através de meios simbólicos que restabelecem a ordem espiritual e conseqüentemente corporal. No geral, as rezadeiras tratavam de doenças não registradas pela medicina oficial erisipela, mau-olhado, quebrante, vermes, de ordem menor. Na cidade, no entanto sua intervenção a partir da reza se estende *para as coisas que a medicina não dá jeito*, quando já se gastou o que tinha e o que não tinha em remédios e médicos. Maria de Jesus narra que **Quando vim morar em Porto Velho a Rosana... a dona da farmácia aqui perto... atendeu uma mulher que foi comprar remédio que o médico passou pra filha dela. A menina já tinha feito dezesseis**

exames... vivia nos postos de saúde... nos hospitais... clínicas particulares e NADA DE FICAR BOA.[5]

Os procedimentos terapêuticos da rezadeira têm por base uma concepção de doença enquanto *mal que entranha* no corpo que é preciso extirpar (Montero 50) (Montero *apud* Schweickardt, 2002: 156). A visão da doença está centrada é vista como desequilíbrio da ordem humana. Carlota afirma que a falta de organização familiar (Carlota) **Descobri esse meu Dom aqui na cidade... porque os pais não sabem cuidar de criança.**[62] A vivência das realidades religiosas traz benefícios além da saúde, traz respostas satisfatórias aos inúmeros tipos de problemas econômicos e emocionais; instaurando harmonia afetiva (Quintana, 2003: 192). Maria de Jesus diz a respeito: **Tem uma outra senhora que sempre que está muito adoentada diz para eu orar por ela. Sobre um casal que o marido estava se destruindo... não queria mais a esposa em casa.**[40] **Teve outro que veio sexta-feira. Ele tem um lanche e um dia foi uma senhora lá e disse: "Ah! Jéferson você está tão bem... pegando tanto dinheiro aqui. Enquanto eu estou sem emprego. Não sei como vai ficar minha vida." E foi embora. Passou uns três dias... ele começou a ficar aborrecido com a mulher em casa... não tinha mais ânimo e nem paciência de ficar no lanche. A vida dele era dormir. Pedi o nome dele... fiz uma oração. Tornei a fazer oração na Igreja. Outro dia ele veio aqui comigo... para dar os agradecimentos... porque ele já estava disposto de novo para trabalhar.**[42]

Nesses vários casos relatados por Maria de Jesus podemos verificar as várias formas de desordem aos quais podemos citar: de saúde, de relacionamento, de ordem econômica. Para tudo isso é possível pedir a intervenção divina. Ir a rezadeira por tais motivos oferece ao doente uma possibilidade de lutar contra a desordem instalada conforme afirma Quintana. Se inserir no contexto da benzeção propicia ao cliente o conhecimento de seus males dentro de uma ordem, *propiciaria uma ressignificação.* Cria-se a oportunidade de experienciar seu sofrimento num lugar onde está localizada a condição da eficácia simbólica (Quintana, 1999: 47). Assim é disponibilizado um espaço para

interpretação e nomeação da desordem, e com ele também o amparo, o refúgio e a chance de afastar o mal, controlar e reestabelecer a ordem.

Os meios utilizados pelas rezadeiras são as rezas (formular já estabelecidas) ou orações que são as palavras que saltam da boca no momento. Toda a comunicação com o sagrado se dá numa linguagem própria, uma espécie de cochicho ininteligível que mantêm com Deus ou com as entidades enviadas por Ele. Elas benzem os pacientes com as mãos ou com plantas, podem usar ainda velas tesouras, papel, imagens de santos.

III

As narradoras no exercício do seu dom da cura, nas ervas utilizadas têm a clareza que em última instância a eficácia de suas rezas estão vinculadas a vontade superior - Deus, espírito, anjos, Santos, Jesus. Maria de Jesus conta: **Eu tenho pra mim que tudo o que eu faço Deus está comigo. Recebi o batismo no divino Espírito Santo num seminário que participei da carismática. Antes de começar as orações.**[18] Maria das Graças confirma: **A minha vida é assim: tem sofrimento... têm coisas boas. Me aflijo com coisas que acontece mas não esqueço que sou muito abençoada por Deus. Tudo o que eu quero... eu consigo... com dificuldade... mas Deus me ajuda. Eu não planejo sonhos e visões que tenho... acontece sem querer. Às vezes quando desejo... eles não acontecem. Já vivo preparada para a qualquer hora ter visões... sonhos... situações diferentes acontecendo na minha vida.**[7]

Todos os relatos de eventos extraordinários são confirmadores dessa ligação das narradoras com as forças sagradas. As rezadeiras percebem as coisas que todos vêem com outros olhos, os olhos da fé. Este olhar não indica o que os outros não vêem, mas ver as coisas que todos vêem com outros olhos. Por mais que haja certas afirmações que possam denotar a eficácia de uma das narradoras em comparação a outra pessoa que reza (Raimunda) **Quando foi um dia... fizemos um festejo Nossa Senhora de Nazaré... ele disse que por ele ia encerrar... mais eu tinha uma filha... Lurdes... que eu entregasse pra ela...**

Aquela menina ela reza bem![21] Ficam evidentes nas interjeições, evocações de Santos e Deus têm papel fundamental na autoridade religiosa para ministrar os ofícios da cura. *Isso indica que o trabalho das narradoras, além de utilizar os medicamentos caseiros, consiste também em conseguir por seu intermédio, o favor de Deus* (Quintana, 1999: 106) (Maria de Jesus) **Se a pessoa chega doente... concentro-me em Deus e digo as palavras que lembram que é Jesus quem cura.**[24]

A iniciação no sagrado pode ocorrer por conta do nascimento como no caso de Maria das Graças **Um dia meu pai conheceu num bar... uma senhora que incorporava espírito. Uma vez o caboclo incorporado nela disse ao meu pai que minha mãe estava esperando nenê. Ele disse que mamãe não podia ter mais filhos. O caboclo disse: "Está sim... e é uma menina. Já que você não quer... a menina é minha."**[1]

O divino a diferencia dos demais desde o nascimento, a separando-a, consagrando-a para atuar distintamente. Esta vida não será de facilidades, mas sim de sacrifício voluntário em proveito das outras pessoas: abnegação, sofrimento e luta. Em cada dificuldade superada está confirmada e renovando o vínculo com o sagrado. Como no caso de Raimunda **Meu nome é Raimunda por promessa minha mãe fez uma promessa pra São Raimundo e eu nasci... Porque eu nasci?... eu acho que eu nasci assim... por promessa... porque eu sou uma pessoa muito lutadora... e sempre aquilo que eu planejo... eu venço... Fiquei com seis filhos... três filhos e três filhas... criei tudinho.**[57]

A ligação com o sagrado tem que ser sempre renovada pela participação das atividades do sagrado: a devoção a Deus, aos santos, participação nos rituais da Igreja, na reza do terço, entre outros. Sem a renovação o oficio da reza pode trazer perigo para quem reza como relata Maria de Jesus: **Tenho pra mim que a pessoa deve fazer o bem mas tem que ter aquela experiência de Deus. Se fizer uma reza e não se lembrar de Deus... essa cura não é da parte dEle. O curador rezou na menina e o mal passou para ele... Deus não o defendeu. Então a cura do curador já não era de Deus... porque se fosse Deus o livrava.**[38]

A iniciação na reza pode ocorrer por meio de um parente. No caso de Raimunda recebeu o dom da tia que a ensinou a mexer com as ervas. Porém, o início das atividades não coincide com o aprendizado das rezas, pois pode passar muitos anos até que algo aconteça para que se coloque em pratica o que aprendeu. Com Raimunda a grande doença que acometeu-a veio lembrá-la de quem ela era e quais suas obrigações para com o sagrado. Ela não pode fugir deste compromisso, pois do contrário sofrerá no corpo a negligencia de não usar o dom. A doença ou a morte são interpretadas pela negação de se continuar a rezar. O sagrado envolve situações de perigo, a pessoa não é totalmente livre, a sociedade a aponta como portadora do dom e reivindica (Schweickardt, 2002: 170).

A iniciação pode ocorrer também a partir da experiência de um sonho, como ocorreu com Francisca **Eu comecei a rezar nas pessoas foi do ano passado pra cá... foi um dom que eu tive. E onde eu boto a mão eu curo a pessoa. Aconteceu assim... eu sonhei que tinha uma mulher chegando pedindo pra eu rezar... e onde eu encostasse minha mão... a pessoa ficava bom e de fato todas as vezes que eu rezo a pessoa fica boa...**[25]

O sonho expressa um chamado que foi confirmado pelos casos seguintes de solicitação de reza e a realização da cura. Outra situação mencionada para a ocorrência do inicio da reza está numa necessidade presente, um doente que convalescendo, quando a pessoa que reza sente no momento que passou a ver as coisas de modo diferente e quando as pessoas simplesmente aparecem para querer a cura. Diz Maria de Jesus: **A mãe da menina foi logo contando pra um... pra outro: "Olha... a Maria reza!" Ainda disse: "Mas sou muito jovem." Ela: "Mas a minha filha não ficou boa? Então continua." Daí por diante não tinha mais tempo de tanta gente que me procurava.**[3] E toda a situação de cura é confirmada pelos beneficiados como confirma o texto de Maria das Graças: **Quando sente alguma dor me pede para rezar nele e diz que fica bom.**[10] Carlota confirma: **Ele foi para São Paulo... pra ver se os parentes cuidavam dele. Me agradeceu muito... ele disse que quando eu rezava nele... ficava bom da dor.**[71]

Não é qualquer um que se torna capaz de curar é necessário ter o dom, pois são condições especiais que fazem com que a pessoa possa curar. Maria de Jesus diz que **Ninguém da minha família rezava. Nem parente... nem irmãs... nem mamãe e nenhum dos meus filhos aprenderam... porque eu não sei ensinar. Às vezes... o meu filho caçula quando pequeno... perguntava: "Mãe como a senhora coloca no lugar as juntas das pessoas? Me ensine." Eu não sei ensinar... não sei explicar. As pessoas dizem: "Dona Maria me ensine a benzer porque moro longe... no interior." Não posso é DOM.**[33]

Por se tratar de dom, um poder que foi investido pelo sagrado, uma bênção especial recebida, tem que ser doado com respeito e gratuidade, pois já que nem todos rezam não é licito cobrar pela reza. Este é um traço distintivo que demonstra inteireza de caráter e lisura, vínculo da sagralidade do dom. Não é possível parar de rezar, nem cobrar pelos serviços. *Nisso reside a questão da reciprocidade e da obrigatoriedade do dom, no sentido trabalhado por Mauss no Ensaio sobre a dádiva. A pessoa uma vez que recebeu o dom tem uma obrigatoriedade moral em retribuir* (Schweickardt, 2002: 157). O próprio mistério da reza deve ser guardado, pois significa o domínio dos bens simbólicos, correndo o risco de atingir a ineficiência da reza como alerta Carlota **Num caso de doença braba... eu rezo a Estrela do Céu. É linda... linda... linda essa oração. Ela não pode ser rezada a toa.**[70]

IV

A medicina oficial é vista por Maria de Jesus e Carlota associada ao tratamento de doenças específicas. Carlota relata que **Uma vez apareceu um homem com um pé cheio de bicho... são coisas assim que agora eu tenho medo. Por que tem a medicina avançada... a sabedoria é maior... os homens estão mais sabidos. Eu não vou me meter nessas coisas... com essa idade.**[68]

Maria de Jesus cita **Eu acredito que pelas minhas contagens uns cem partos acompanhei. Agora parto não faço mais porque tem a maternidade aqui.**[58] Demonstra-se também que é possível e incentivada a utilização das rezas

concomitante a medicina. O que parece afastar a idéia de competição com a medicina. O poder das rezadeiras está alocado no campo do sagrado, das coisas impossíveis, no braço que a medicina humana não alcança, nas águas que o conhecimento não navega da sedução do sagrado. Por isso seu poder não tem medida comum com o poder político, sanitarista da medicina cientifica, não reivindica sua verdade e legitimidade. Maria das Graças estimula e confirma a necessidade de se procurar o médico - **Ele desmaiava e voltava. Fiquei com pena dele... coloquei-o no colo e rezei um Pai Nosso pedindo a Deus por ele. Muito humildes os pais... dei uns vales transportes para levarem o menino ao hospital**.[8]

A ineficácia da medicina apontada por Maria de Jesus está baseada no desconhecimento da medicina das doenças de sua competência: a distinção entre as *doenças de médico* e as *doenças pra reza*. Assim está posto o lugar da benzeção, o lugar de crença no impossível, onde a medicina falha, Deus é a solução. Diz Maria de Jesus: **A menina já tinha feito dezesseis exames... vivia nos postos de saúde... nos hospitais... clínicas particulares e NADA DE FICAR BOA. A Rosana... disse: "Olha essa tua menina não é para médico curar.**[5] **"Dona Maria está doendo as minhas costas... a costela... meu peito... está doendo o meu joelho. Fui ao médico. Ele diz que não tem nada e está inchado." Vou pegando... e conheço se os ossos estão no lugar ou não... pelas juntas que estão afastadas... faço massagem e a pessoa fica boa.**[23]

Outro fator apresentado como causa da ineficiência da medicina está em suas más condições de atendimento e funcionamento. É greve, e o mal atendimento, filas nos postos de saúde. Carlota conta: **É o tempo que vem... vem criança... fica cheio. As mães vem: "AH... meu filho tá com dor de cabeça... tá com febre... já levei no médico... passou remédio e a criança tá pior. Já fui no posto... e aquela fila... e ninguém descobre o que é." Pego... faço um chá... a criança fica boa. É uma vez... ou duas; e não vem mais.**[62]

Maria de Jesus: **E toda vez que vou para a intercessão é sempre assim... pedidos pelo irmão... pelos que estão jogados nos leitos dos hospitais... para que os médicos atendam melhor...**[44] **Agora parto não faço**

mais porque tem a maternidade aqui. As mulheres dizem: "AH! Mas está difícil. O hospital está em greve." Eu digo: "Mas com fé em Deus e Nossa Senhora vocês vão ser recebidas."[58]

A permanência das tradições da medicina popular que resultam da união de elementos da cultura negra, da cultura ameríndia e da tradição ocidental cristã são presentes nos textos. As práticas populares de cura presentes no contexto rural são reatualizadas e têm conseguido se manter numa bricolagem das várias influências que a vivência na cidade traz: RCC, o espiritismo kardecista, a umbanda, o protestantismo, entre outros.

As narradoras inseridas nessas várias experiências religiosas demonstraram que o sentimento de ser predestinada à vivência do sagrado está diretamente relacionado com a vivência da solidariedade com os outros. E este sentimento é a cada passo mantido e reatualizado, pela confirmação das graças recebidas pelos doentes e necessitados de rezas; e pelos sinais da vontade de Deus para a escolha do exercício do ofício da reza. Tais sentidos e escolhas são construídos e resignificados em seus cotidianos nos grupos no qual se inserem as redes simbólicas que valorizam a experiência mística onde a memória exerce um papel fundamental. Percebemos como os sinais e sentimentos de comunicação com o sagrado vivido pelas narradoras revelaram-se como marcos temporais extremamente significativos em suas trajetórias. Esta perspectiva do sagrado vivenciada diariamente no cotidiano, manifesta os sentidos para a vida que se constrói referenciada pela memória ativa.

BIBLIOGRAFIA

ABADIA Umanã Nadia; ALDANA, Córdoba Harold. **El Uso de las Fuentes Orales em la Investigación Geográfica:** Migración, Modernización en Colombia a Partir de Histórias de Família: SIGLO XX**.** Universidad Nacional de Colômbia, Bogotá, 2007.

ARCHELA, Rosely Sampaio; GRATÃO, Lucia Helena B. & TROSTDORF, Maria A. S. **O Lugar dos Mapas Mentais na Representação do Lugar.** Geografia - Revista do Departamento de Geociências, v. 13 n. 1, p. 78-91, Londrina-Paraná, 2004.

BAIRRÃO, J. F. M. H. **Mestres Bantos da Alta Mogiana:** tradição e memória da umbanda em Ribeirão Preto. *Memorandum, 4*, p. 05-32. 2003. Disponível em http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos04/bairrao02.htm Acesso em 07 julho de 2007,

BANDINI, Claudinete. **Corpo, Religião e Identidade Social**: Marcas simbólicas da experiência pentecostal notas de uma pesquisa. Revista Mandrágora/ núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina, v. 1, n. 1 p. 40-48, UMESP, São Bernardo do campo, 1994.

BARTHES, Roland. **O Grão da Voz**. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1995.

BAUDRILLARD, Jean. **Da Sedução**. Papirus, Campinas, 1991.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. In: Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas, Vol. 1, Brasiliense, São Paulo, 1987.

BÍBLIA. Mensagem de Deus. Loyola, São Paulo, 1983.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** Lembranças de Velhos. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

BOURDIEU, Pierre**. A Dominação Masculina**. 2ª Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do Povo:** Um Estudo sobre a Religião Popular. Brasiliense, São Paulo, 1986.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do Mundo**, Hucitec,São Paulo, 1996:

CALDAS (I), Alberto Lins. **Oralidade, Texto e História:** para Ler a História Oral. Loyola, São Paulo, 1999a.

_____. **A Noção de Cápsula Narrativa**. Caderno de Criação: 53-59, UFRO/ Centro de Hermenêutica do Presente. n.º 20, ano VI, Porto Velho, 1999b.

_____. **Calama:** Uma Comunidade no Rio Madeira. Mímeo-USP, Tese de Doutorado. São Paulo, 2000.

_____. **Nas Águas do Texto**. Edufro, Porto Velho, 2001.

CANDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito:** Estudo sobre o Caipira Paulista e a Transformação dos seus Meio de Vida.Editora 34, São Paulo, 2003.

CERTEAU, M. de. **A Invenção do Cotidiano:** Artes de Fazer. Vozes, Petrópolis, 1994.

CHEVARIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. José Olympio, Rio de Janeiro, 1992.

CLAVAL, Paul. **A Contribuição Francesa ao Desenvolvimento da Abordagem Cultural na Geografia.** In CORRÊA, Roberto Lobato; (Org.). Introdução a Geografia Cultural. p. 145-166. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2003.

_____. **As Abordagens da Geografia Cultural.** *In* CASTRO, Iná Elias de. (org) Explorações Geográficas: Percurso no Fim do Século. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2006.

CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). **Introdução a Geografia Cultural**. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2003.

_____. **Trajetórias Geográficas**. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2005.

COSTA, Heloisa Lara Campos. **As Mulheres e o Poder na Amazônia**. Edua, Manaus, 2005.

CROATTO, José Severino. **Los Lenguajes de la Experiencia Religiosa**. Estudio de Fenomenologia de le Religión. Fundación Univ. "Hernandarias", Buenos Aires, 2001.

_____. **As Linguagens da Experiência Religiosa.** Paulinas, São Paulo, 2001.

DURANT, Gilbert. **A Imaginação Simbólica**. Cultrix, São Paulo, 1988.

DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares de Vida Religiosa.** Paulinas, São Paulo, 1989.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos:** Ensaios Sobre o Simbolismo Mágico-Religioso. Martins Fontes, São Paulo, 1991.

_____. **Tratado de História das Religiões**. Martins Fontes, São Paulo, 1993.

_____. **O Sagrado e o Profano**. Martins Fontes, São Paulo, 1992.

_____. **Mito e Realidade**. Perspectiva, São Paulo, 2000.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que Correm com os Lobos**. Racco, Rio de Janeiro, 1994.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A Mulher Escondida na Professora:** Uma leitura psicopedagógica do ser mulher da corporalidade e da aprendizagem. Artmed, Porto Alegre, 1994.

GODOY, Marino Luís M. **O Espiritismo em Ponta Grossa – Paraná:** perspectivas de um espaço do além e para um além do espaço, Revista Eletrônica Geografar, Volume 1, 2006. Disponível em dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstrea**m**/**1**884/**1**036**1**/**1**/O%20**ESPIRITISMO**%20E**M**%20**PONTA**%20**GROSSA**%20-%20PERSPE...Acesso em 29 de setembro de 2007

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely **Cartografias do Desejo**. Vozes, Rio de Janeiro, 1986.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Vértice, São Paulo, 1990.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. DP&A. São Paulo. 2001.

HANS-JÜNGER Fraas. **A Religiosidade Humana:** Compêndio de Psicologia da Religião. Sinodal, São Leopoldo, 1997.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Paz e Terra, São Paulo, 2000.

HOLANDA, Fabíola Barbosa. **Experiência e Memória:** A palavra contada e a palavra cantada de um nordestino da Amazônia. Tese de Doutoramento: USP, São Paulo, 2006.

_____. **A Memória Construída:** Comunidade de Destino, Colônia e Rede. Primeira Versão, n.º 123, ano I, novembro, Porto Velho, 2002.

_____. Fabíola Lins. **O Documento e os Limites da História**. Caderno de Criação, UFRO-Centro de Hermenêutica do Presente, n.º 16, ano V, p. 20-24, Porto Velho, 1998.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O feiticeiro e sua magia**. In: Antropologia Estrutural. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1970a.

_____. **A eficácia simbólica**. In: Antropologia Estrutural. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1970b.

LOYOLA, M.A. **Médicos e Curandeiros:** Conflito social e saúde. Difel, São Paulo, 1984.

MARTINS, José de Souza. **A Sociabilidade do Homem Simples**. Hucitec, São Paulo, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom**. A Colônia Brasilianista:** História Oral de Vida Acadêmica. Nova Stella, São Paulo, 1990.

_____. **Canto de Morte Kaiowá:** História Oral de Vida. Loyola, São Paulo, 1991.

_____. **História Oral:** Um *Locus* Disciplinar Federativo. (org.). (Re)Introduzindo História Oral no Brasil. Xamã, São Paulo, 1996.

_____. **Manual de História Oral**. 5ª Ed., Loyola, São Paulo, 2005.

NEUENFELDT, Elaine G. **Mulheres e Experiência Religiosa:** Um Lugar de Encontros. Disponibilizado em <http://www.est.com.br/nepp/numero_04/mulheres.htm>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2007.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O Que é Benzeção**. Brasiliense, São Paulo, 1985.

ORLANDI, Eni Peccinelli. **Discurso e Leitura.** UNICAMP, Campinas, 1993.

_____. **Interpretação:** Autoria, Leitura e Efeitos do Trabalho Simbólico. Pontes, Campinas, 2004.

Penso, Logo Não Existo. Revista Globo Ciência Galileu, p. 12/13, out, Abril, São Paulo, 2002.

PERROT, Michele. **Os Excluídos da História:** operários, mulheres e prisioneiros. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2001.

PIEMONTE, Marianne. **Senhoras do Ramo:** Tradição de benzer, uma herança cultural que pode ficar sem seguidores. Revista da Folha, março, p. 11-17, n.º 760, ano 15. Folha de São Paulo, São Paulo, 2007.

POLLAK, Michael. **Memória Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos, vol. 2, n. 3, p. 3-15, Rio de Janeiro,1989. Disponível em www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf, Acesso em 30 de novembro de 2007.

QUINTANA, Alberto M. **A Ciência da Benzedura**. Edusc, São Paulo, 1999.

ROCHA, Everardo. (org.). **Interpretação de Filmes e Pesquisa de Idéias**. Mauad, Rio de Janeiro, 1998.

RODRIGUES, Cátia S. Lima. **Católicas e Femininas:** Identidade Religiosa e Sexualidade de Mulheres Católicas Modernas**.** Revista de Estudos da Religião, nº 2. p. 36-55. 2003. Disponibilizado em <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2003/p_rodrig.pdf>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2007.

ROSADO-NUNES, Maria José, **Gênero e Experiência Religiosa das Mulheres**, In MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga J. (Org.). Corporeidade, Etnia e Masculinidade: Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. v. 1, p. 13-28. Sinodal, São Leopoldo, 2005.

_____. **Gênero:** Saber, Poder e Religião**.** Mandrágora: Estudos Feministas e cristianismo, v. 2, n. 2, p. 9-15, UMESP, São Bernardo do Campo, 1995.

ROSENDAHL, Zeny. **Geografia da Religião:** Uma Proposição Temática. GEOUSP – Revista Espaço e Tempo, Nº 11, p. 9-19, UERJ, São Paulo, 2002.

_____. **Espaço, Cultura e Religião:** Dimensões de Analise. *In* CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). Introdução a Geografia Cultural. p. 187-224. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2003.

_____. **Território e Territorialidade:** Uma perspectiva Geográfica para o Estudo da Religião. In: ROSENDAHL, Z e CORRÊA, R.L. (org) Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço. p. 191-226, EdUERJ, Rio de Janeiro, 2005.

_____. **O Sagrado e o Espaço**. *In* CASTRO, Iná Elias de. Explorações Geográficas: Percurso no Fim do Século. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2006.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção**.** HUCITEC, São Paulo, 1996.

SANTOS, Nilson. **Seringueiros da Amazônia:** Sobreviventes da Fartura. Tese, Universidade de São Paulo – USP, Doutorado em Geografia Humana, São Paulo, 2002.

SCHWEICKARDT, Júlio Cesar. **Magia e Religião na Modernidade:** Os Rezadores em Manaus. EDUA, Manaus, 2002.

SILVA, Maria Joseli, **Um Ensaio sobre as Potencialidades do Uso do Conceito de Gênero na Análise Geográfica**, Revista de História Regional 8(1)p. :31-45, Verão 2003. Disponível em www.rhr.uepg.br/v8n1/812JoseliSilva.pdf. Acesso em: 29 setembro 2006.

_____. **Cultura e Territorialidades Urbanas** Uma abordagem da pequena cidade, Revista de História Regional, Vol. 5 - nº 2 - Inverno 2000. Disponível em www.uepg.br/rhr/v5n2/joseli.htm. Acesso em: 30 de outubro de 2007.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues & FONSECA, Dante Ribeiro. **História Regional (Rondônia)**. Rondoniana, Porto Velho, 1998.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. DIFEL, Rio de Janeiro, 1980.

_____. **Espaço e Lugar.** São Paulo, Difel, 1983.

_____. **Geografia Humanista**. *In* CHRISTOFOLETTI, Antonio (org). Perspectivas da Geografia. Difel, p. 143-164, São Paulo, 1985.

VIEZZER, Moema. **Se Me Deixam Falar...:** Domitila: Depoimento de Uma Mineira Boliviana. Global, São Paulo, 1984.

WAGNER, Philip; MIKESELL, Marvin W. **Os Temas da Geografia Cultural**. *In* CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). Introdução a Geografia Cultural. p. 187-224. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2003.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e Esquecimento,** Hucitec, São Paulo, 1997.